Universidade Federal de Goiás
Faculdade de Artes Visuais
Programa de Pós-Graduação em Cultura Visual
Mestrado

COSTURANDO MODA:
Uma análise das práticas vestimentares femininas em Vitória da Conquista – Ba (1950 – 1965)

Juscelina Bárbara Anjos Matos

Goiânia – GO
2009

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

(GPT/BC/UFG)

Matos, Juscelina Bárbara Anjos.
M433c Costurando moda [manuscrito]: uma análise das práticas vestimentares femininas em Vitória da conquista – Ba(1950) – (1965) / Juscelina Bárbara Anjos Matos. – 2009.
195 f.: il., figs., color.

Orientadora: Profa. Dra. Miriam Costa Manso M. de Mendonça.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Artes Visuais, 2009.

.

Bibliografia: f.143-149.
Anexos.

1. Moda - Vitória da conquista (BA) – 1950/1965 2. Mulheres – Vestimentas – História - Vitória da conquista (BA) I. Mendonça, Miriam Costa Manso M. de II. Universidade Federal de Goiás, **Faculdade de Artes Visuais** III. Título.

CDU: 391-055.2(813.8)

Universidade Federal de Goiás
Faculdade de Artes Visuais
Programa de Pós-Graduação em Cultura Visual
Mestrado

COSTURANDO MODA:
Uma análise das práticas vestimentares femininas em Vitória da Conquista – Ba (1950 – 1965)

Juscelina Bárbara Anjos Matos

Dissertação apresentada ao programa de pós-graduação em Cultura Visual - Mestrado - da Faculdade de Artes Visuais - FAV/UFG como exigência parcial para obtenção do título de mestre em Cultura Visual. sob a orientação da professora Drª Míriam da Costa Manso M. de Mendonça.

Goiânia - GO
2009

Termo de Ciência e de Autorização para Disponibilizar as Teses e Dissertações Eletrônicas (TEDE) na Biblioteca Digital da UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás–UFG a disponibilizar gratuitamente através da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações – BDTD/UFG, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: **[x] Dissertação** **[ ] Tese**

2. Identificação da Tese ou Dissertação

Autor(a):	JUSCELINA BÁRBARA ANJOS MATOS				
CPF:		E-mail:	babimatos@yahoo.com.br		
Seu e-mail pode ser disponibilizado na página?	[X]Sim	[] Não			
Vínculo Empre-Gatício do autor	BOLSISTA				
Agência de fomento:	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico			Sigla:	CNPq
País:	Brasil	UF:	GO	CNPJ:	
Título:	Costurando moda: uma análise das práticas vestimentares femininas em Vitória da conquista – Ba(1950 – 1965)				
Palavras-chave:	Moda, mulher, práticas vestimentares				
Título em outra língua:	Sewing fashion: an analysis of practices in women's clothing Vitória da Conquista - Ba (1950 - 1965)				
Palavras-chave em outra língua:	Fashion, woman, vestiment practices				
Área de concentração:	Artes Visuais				
Data defesa: **(dd**/mm/aa)	04/06/2009				
Programa de Pós-Graduação:	Cultura Visual				
Orientador(a):	Prof. Dra. Miriam da Costa Manso Moreira de Mendonça				
CPF:		E-mail:	mcostamanso@uol.com.br		
Co-orientador(a):					
CPF:		E-mail:			

3. Informações de acesso ao documento:
Liberação para disponibilização?[1] [X] total [ ] parcial

Em caso de disponibilização parcial, assinale as permissões:
[ ] Capítulos. Especifique: _____
[ ] Outras restrições: _____

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF ou DOC da tese ou dissertação.
O Sistema da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações garante aos autores, que os arquivos contendo eletronicamente as teses e ou dissertações, antes de sua disponibilização, receberão procedimentos de segurança, criptografia (para não permitir cópia e extração de conteúdo, permitindo apenas impressão fraca) usando o padrão do Acrobat.

_____ Data: / /2009.
Assinatura do(a) autor(a)

[1] Em caso de restrição, esta poderá ser mantida por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Todo resumo e metadados ficarão sempre disponibilizados.

Universidade Federal de Goiás
Faculdade de Artes Visuais
Programa de Pós-Graduação em Cultura Visual
Mestrado

COSTURANDO MODA:
Uma análise das práticas vestimentares femininas em Vitória da Conquista – Ba (1950 – 1965)

Juscelina Bárbara Anjos Matos

Dissertação defendida e aprovada em ____ de _____de _____.

BANCA EXAMINADORA

_____
Profª. Drª. Míriam da Costa Manso M. de Mendonça
Orientadora e Presidente da Banca

_____
Prof. Dr. Itamar Pereira Aguiar (UESB)
Membro Externo

_____
Profª. Drª. Maria Elizia Borges
Membro Interno

_____
Profª. Drª. Agda Regina de Carvalho (SENAC-SP)
Suplente Membro Externo

_____
Profª. Drª. Leda Maria de Barros Guimarães
Suplente Membro Interno

AGRADECIMENTOS

Este trabalho se tornou possível graças à colaboração, apoio e a sugestões de muitas pessoas. Nunca irei esquecê-los.

À professora Drª. Míriam da Costa Manso M. de Mendonça, minha orientadora, devo um agradecimento especial, por ter acreditado no projeto, pelo incentivo e competente orientação, como também pela gentileza, carinho que sempre demonstrou desde o meu ingresso no programa de mestrado.

Aos meus pais, que sempre me apoiaram, mesmo sem entender direito o que eu estava fazendo.

À minha irmã Maria Matos por compartilhar comigo este sonho.

A toda a minha família, em especial a tia Guiomar e minha prima Diana Soares pelo apoio.

A Saulo Almeida Sousa devo muito mais do que poderia expressar. Seu apoio foi fundamental para a realização deste projeto.

Aos meus queridos amigos e companheiros de lutas Aldo Clécius e Ana Cristiane pelas conversas, discussões, leituras e, claro, pelos momentos de descontração.

Ao amigo Fabyano Gomes pela assessoria em assuntos de tecnologia.

Aos professores e amigos da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Ana Palmira Casimiro, Isabel Cristina Brandão, Ana Claúdia Rocha e Itamar Aguiar pelas sugestões, indicações e correções.

Às alunas e amigas do curso de Moda, Produção e Estilismo, Eurides Almeida, Leide Prates e Conceição Leal pela colaboração.

Aos funcionários do Museu Regional de Vitória da Conquista, Sued e Marinho e, em especial, a diretora Marisa Correia. A colaboração e intermediação de vocês foram fundamentais para concretização da pesquisa de campo.

A Marinaide Souza, Rosângela Caetano e Valciene Soares que me acolheram com tanto carinhoso em Goiânia.

A Elisângela Machado e Kleber Winter por tornarem os meus momentos de descanso muito mais felizes e agradáveis. Vocês nem imaginam o quanto foram e são importantes para mim.

A todos os meus colegas de mestrado que compartilharam esses momentos comigo.

Às minhas amigas Aline Soares, Fabiana Alzira e, em especial, a Renata Santos e toda sua família, que se tornou um pouco a minha família também.

Às professoras Maria Paulina de Barros, Maria Elizia Borges e Rosana Horio pelas indicações de leituras, críticas e correções do projeto inicial.

Ao CNPq pela concessão da bolsa que permitiu a realização deste trabalho.

E, finalmente, agradeço a todas as senhoras que me receberam em suas casas e aceitaram compartilhar comigo as suas histórias de vida. Sem a colaboração de vocês nada disso seria possível.

MUITO OBRIGADA!

Aos meus pais, Ivalton e Lourdes, que
sempre me ensinaram a valorizar
e buscar o conhecimento.

RESUMO

Como afirma Durand (1988), a moda é assunto caprichoso, que nos convida a falar de muitas coisas. Falar em moda não é só lembrar dos grandes estilistas e desfiles importantes é sobretudo saber como se vestem as pessoas comuns, como o fazem para seguir a última moda e adaptá-la às suas vidas cotidianas. Trata-se de falar, como é objetivo do presente estudo, como era o comportamento de moda das mulheres em Vitória da Conquista - BA, entre os anos 1950 e 1965, de como a moda está relacionada com a vida de mulheres que viviam longe das grandes centros urbanos, numa realidade interiorana, em um período de poucos recursos e de acesso limitado à informação de moda. É lembrar, também, como as mulheres de diferentes classes sociais se vestiam no momento. Não apenas falar sobre a dama da sociedade, mas sim falar de como a trabalhadora, a vendedora da pequena loja da esquina, a dona de casa, a costureira se relacionavam com a moda. Para tanto, buscamos mostrar nesta pesquisa como as práticas vestimentares estão intimamente relacionadas com o papel que a mulher desempenhava na sociedade da época. Mostramos quais foram os principais influenciadores da moda na cidade, como revistas, desfiles, concursos de beleza e eventos sociais. Procuramos retratar quem foram as principais costureiras locais, as áreas comerciais e como o binômio produção/consumo constituem-se em marcas simbólicas de distinção. A abordagem adotada na presente investigação teve como sustentação metodológica a pesquisa histórica, em que privilegiamos a análise de imagens fotográficas, ancorada na história oral, e análise de outros documentos secundários como jornais e revistas da época. Do cruzamento do documento fotográfico com outras fontes complementares é que podemos reconstruir as práticas sociais e práticas vestimentares das conquistenses.

Palavras-chave: Moda, Mulher, Práticas Vestimentares.

ABSTRACT

As Durand (1988), the fashion is capricious matter, which invites us to speak of many things. Speaking in fashion is not only remember of the fashion designers and parades importants is mainly know how they dress ordinary people, as they do for follow the latest fashion and adapt it to their daily lives. It's talk, as objective is of this study, as was the behavior of fashion of the women in Vitória da Conquista-BA between the years 1950 and 1965; of how fashion is related to the lives of these women who live far from large cities, in a period of limited resources and access to information in more limited of fashion. We talking about, too, as the women's from there of different social classes were wearing at this time. Not just talking about the lady of society, but talking about how the worker, the seller of the little store the corner, a housewife, a seamstress is related to fashion. We still talk as the vestiment practices are closely related to the role that women was doing in the season. We show which were the main influencers of fashion in the city, as magazines, parades, competitions of beauty and social events. We seek to retract who were the main seamstresses local, shopping areas and how the binomial production/consumption constitute itself in marks symbolic of distinction. The approach adapted in this investigation have how sustentation the methodology of historical research where we are privilege the analysis of photographic images, anchored in oral history and analysis of other secondary documents as newspapers and magazines of time. Of crossing of the photographic document whit other fonts complementary is that we can rebuild the social practices and vestiment practices of them.

Keywords: Fashion, Woman, Vestiment Practices.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO – Moda e história: algumas reflexões teóricas..... 01

CAPÍTULO I – Moda, cultura e sociedade: um breve histórico..... 15

1.1 Referências internacionais..... 16
1.1.1Da alta costura à moda massificada..... 16
1.1.2 Prêt-à-porter: uma revolução na moda..... 20
1.2 O Brasil e a moda dos anos dourados..... 21
1.3 A cidade e a moda: uma realidade interiorana..... 25
1.4 Espaços de sociabilidade feminina..... 34

CAPÍTULO II – Imagens de mulher e representações da moda em Vitória da Conquista.. 44

2.1 Papéis de mulher: moda, gênero e identidade..... 45
2.1.1 As moças de família e a moda..... 47
2.1.2 Identidade alternativa: incorporando elementos do vestuário masculino..... 53
2.2 A imprensa feminina: difusora de moda e estilo de vida..... 57
2.3 Revistas que povoam o imaginário das conquistenses..... 61
2.4 A revista O Cruzeiro e o consumo de moda..... 67

CAPÍTULO III - Manchetes em destaque: os concursos e desfiles de moda em Vitória da Conquista..... 72
3.1 Os concursos de beleza 73
3.2 Parada de Moda – os Desfiles da Bangu..... 77
3.3 Misses, rainhas e princesas da beleza..... 92
3.4 Postura e elegância: preparação para a passarela..... 105

CAPÍTULO IV – Consumo e produção de moda em Vitória da Conquista..... 110
4.1 Hábitos de consumo..... 111
4.2 Moda: símbolo de distinção..... 116
4.3 A confecção de trajes..... 120
4.4 As costureiras finas..... 127
4.5 Os templos do consumo – o comércio de moda..... 132

CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 140

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... 143

ANEXOS..... 150

ÍNDICE DE FIGURAS

FIGURA 01 – *Tailleur* Bar, Dior, 1947..... 17
FIGURA 02 – Mary Jane Russell in Dior Dress, *Paris,* 1950..... 17
FIGURA 03 – Dior e modelos em Desfile de Moda. Paris, 1950..... 18
FIGURA04 – Elvis Presley e Barbara Lang, 1957..... 19
FIGURA 05 – Desfile Casa Canadá, 1950..... 23
FIGURA 06 – Av. Frei Benjamim, Bairro Brasil..... 28
FIGURA 07 – Praça Caixeiros Viajantes. Início dos anos 50..... 29
FIGURA 08 – Praça 09 de Novembro. Início dos anos 50..... 29
FIGURA 09 – Desfile de 07 de Setembro. Anos 50..... 32
FIGURA 10 – Jardim das Borboletas. Final dos anos 50..... 36
FIGURA 11 – Marisa Correia no Jardim das Borboletas, 1963..... 37
FIGURA 12 – Anúncio Confeitaria Araci. Jornal *O Conquistense* de 05/05/1957..... 39
FIGURA 13 – Sorveteria Lindoya. Anos 50..... 40
FIGURA 14 – Maura Alice A. Gusmão. Início dos anos 60..... 40
FIGURA 15 – Programação de festas. Jornal *O Conquistense*, 22 / 06/1957..... 41
FIGURA 16 – Dinah Cajaíba e Josedith. Final dos anos 50..... 50
FIGURA 17 – Família de Losa Tavares. Final dos anos 50..... 51
FIGURA 18 – Time de vôlei. Anos 50..... 52
FIGURA 19 – Maria Macedo saindo de casa para viajar, 1960..... 53
FIGURA 20 – Losa Tavares e amigas. Baile de Carnaval..... 55
FIGURA 21 – Rainha do Carnaval, início dos anos 60..... 55
FIGURA 22 – Maria Macedo em viagem ao RJ, 1964..... 57
FIGURA 23 – *Jornal das Moças*, n. 2373, 08/12/1960..... 60
FIGURA 24 – *Jornal das Moças*, n. 2.373, 08/12/1960..... 61
FIGURA 25 – Revista *O Cruzeiro*, 28/10/1950..... 63
FIGURA 26 – Revista *O Cruzeiro*, 20/06/1953..... 63
FIGURA 27 – Anúncio Bazar Cairo. Jornal O Combate, 01/05/1958..... 64
FIGURA 28 – Catálogo Nacional Bellas Hess, Estados Unidos..... 65
FIGURA 29 – Catálogo Nacional Bellas Hess, Estados Unidos..... 65
FIGURA 30 – Revista *La Família*..... 66
FIGURA 31 – Revista *La Família*..... 66
FIGURA 32 – Revista *La Família*..... 66
FIGURA 33 – Revista *La Família*..... 66
FIGURA 34 – Revista *O Cruzeiro*, 1957..... 68
FIGURA 35 – Revista *O Cruzeiro*, "As Garotas", 1957..... 69
FIGURA 36 – Revista *O Cruzeiro*, 28/10/1950..... 71
FIGURA 37 – Martha Rocha, Miss Brasil 1954..... 76
FIGURA 38 – Seleção de candidatas. Jornal *O Conquistense*, 17/03/1956..... 80
FIGURA 39 – Paradas de Modas. Jornal *O Conquistense,* 31/03/56..... 81
FIGURA 40 – Belezas em desfile. Jornal *O Conquistense*, 31/03/56..... 82
FIGURA 41 – Naime Chalub ,Desfile Bangu, 1956..... 83
FIGURA 42 – Edelzuita Torres, Desfile Bangu, 1956..... 84
FIGURA 43 – Mercedes Rosa, Desfile Bangu, 1956..... 85
FIGURA 44 – Laila Bulos, Desfile Bangu, 1956..... 85
FIGURA 45 – Traje de Baile, Desfile Bangu, 1956..... 86
FIGURA 46 – - Traje Esporte, Desfile Bangu, 1956..... 86
FIGURA 47 – Mara Castro Lima e Zilda Maciel, Desfile Bangu, 1956..... 87
FIGURA 48 – Cantora Nenen Pereira, Desfile da Bangu, 1956..... 88

FIGURA 49 – Nailde Torres, Miss Elegante Bangu, 1958..... 90
FIGURA 50 – Athene Brasil e Nailde Torres, Miss Elegante Bangu, 1958..... 91
FIGURA 51 – Rainha da Primavera, provavelmente, início dos anos 50..... 92
FIGURA 52 – Rainha das Rosas, Jornal *O Combate*, 31/05/59..... 93
FIGURA 53 – Marilene Bacelar, candidata a Rainha das Rosas,1959..... 94
FIGURA 54 – Marilene Bacelar, 1958..... 97
FIGURA 55 – Marilene Bacelar , candidata Rainha das Rosas, 1959..... 97
FIGURA 56 – Coroação da Rainha da Primavera, 1958..... 99
FIGURA 57 – Rainha da Primavera Teresinha Costa, 1958..... 100
FIGURA 58 – Rainha da Primavera. Jornal *O Combate*, 28/09/1958..... 101
FIGURA 59 – Festa da Primavera. Jornal *O Combate*, 28/09/1958..... 102
FIGURA 60 – Dalva Gusmão, princesa da Primavera de 1958..... 103
FIGURA 61 – Rainha da Pecuária. Jornal *O Conquistense*, 17/10/1959..... 104
FIGURA 62 – Rainha da beleza. Jornal *O Conquistense*, 20 /10/1956..... 105
FIGURA 63 – Marlene Barros. Desfile da Bangu, 1956..... 106
FIGURA 64 – Dalva Gusmão e Nilda Flores. Jardim das Borboletas, anos 50..... 113
FIGURA 65 – Maria Macedo e sua amiga Estela. RJ, início dos anos 60..... 114
FIGURA 66 – Dinah Cajaíba e amigas, final dos anos 1950..... 115
FIGURA 67 – Maria Macedo com amigas que moravam no Rio de Janeiro, 1964..... 116
FIGURA 68 – Casamento, 1952..... 118
FIGURA 69 – Vestido confeccionado por Losa para batizado da sobrinha..... 126
FIGURA 70 – Losa em um dos seus modelitos, início anos 50..... 127
FIGURA 71 – Zu e Zinha Torres e noiva com vestido confeccionado por elas..... 129
FIGURA 72 – Márcia Galvão, Baile de Carnaval..... 131
FIGURA 73 – Alameda onde se concentrava as lojas da cidade, meados dos anos 50..... 133
FIGURA 74 – Casa Luna. Jornal O Conquistense, 01/01/1957..... 135
FIGURA 75 – Loja Celino,Jornal *O Conquistense*, 08/11/ 1959..... 135
FIGURA 76 – Anúncio Laide Aéreo. Jornal *O Combate*, 01/05/57..... 137
FIGURA 77 – Anúncio Laide Aéreo. Jornal *O Combate*, 22/ 08/57..... 137
FIGURA 78 – Anúncio Casas Pernambucanas, *O Conquistense*, 09/11/1957..... 137
FIGURA 79 – Casa dos Calçados, Jornal *O Combate* 08/11/59..... 139

INTRODUÇÃO
Moda e História: uma reflexão teórica

O estudo da moda por muito tempo foi relegado a segundo plano, considerado como objeto frívolo, pouco digno de despertar as preocupações dos cientistas sociais. Porém, a moda vem crescendo em importância e ocupando cada vez mais espaço no campo de investigações de pesquisadores preocupados em compreender a dinâmica das sociedades modernas.

Essa mudança de mentalidade teve como referencial a emergência, a partir dos anos de 1970 e 1980, de uma nova categoria conceitual que se estabelecia no âmbito das ciências sociais e humanas. Foi um momento de renovação em que os campos de estudo estabelecidos começaram a romper com marcos conceituais dominantes até então, alargando as fronteiras disciplinares com objetivo de buscar explicação para a dinâmica social, que se tornava cada vez mais complexa (PESAVENTO, 2004). Nos domínios da História, esse movimento teve início, ainda de forma embrionária, com a primeira geração dos *Annales*, nos anos de 1930. Décadas mais tarde os estudos no campo da Nova História, História Cultural propuseram novos problemas de pesquisa, mas, também, métodos de abordagem exigindo um novo olhar sobre a História. A partir de então, os estudiosos passaram a pensar não apenas com base nas práticas, mas também nas formas de representação.

Neste contexto, o estudo da moda como fenômeno capaz de revelar modos de vida de uma sociedade ou grupo social vem ganhando força como objeto de investigação de vários pesquisadores que desenvolveram seus trabalhos tendo este fenômeno como fio-condutor para a compreensão da dinâmica social, das formas de consumo, de apreensão da aparência visual em um determinado período e dos papéis sociais desempenhados pelos sujeitos. A moda, segundo esses autores, por sua característica de mudança constante de estilos, pela efemeridade, é um importante instrumento para se compreender a dinâmica das sociedades modernas.

Como diz Lipovetsky, “a moda não é mais um enfeite estético, um acessório decorativo da vida coletiva: é sua pedra angular. A moda terminou estruturalmente seu curso histórico, chegou ao topo do seu poder, conseguiu remodelar a sociedade inteira à sua imagem: era periférica, agora é hegemônica” (1989, p.12). A moda é, efetivamente, como nos mostra Lipovetsky, um fenômeno das sociedades modernas, associado a valores e formas de socialização própria deste tipo de organização. É impossível não sentir a sua influência na economia, nos gestos, nos costumes, na cultura que molda os traços da vida cotidiana das sociedades. Nesse sentido, o estudo das práticas vestimentares está relacionado com o tempo histórico, condições econômicas, culturais, geográficas, modos de produção, pensamentos, organização social e representações simbólicas da sociedade.

A partir desse entendimento, Rainho (2002) esclarece qual a postura que o estudioso da cultura deve adotar ao estudar a moda. A autora apóia suas idéias no pensamento do historiador Daniel Roche que aborda as possibilidades de investigação desse fenômeno a partir da afirmação de que não é descrevendo a evolução do vestuário da alta sociedade, mas compreendendo como esses hábitos se encadeiam, num todo cultural, com as outras práticas da sociedade, que o historiador da cultura deve direcionar o olhar. Ao pesquisador cabe a "tarefa de analisar o vestuário e a moda a partir do consumo" abordagem muitas vezes desprezada pelo estudioso pesquisador que está "mais preocupado em examinar o mundo da produção" (RAINHO, 2002, p. 11-12).

Como nos diz Durand (1988), a moda é assunto caprichoso, que nos convida a falar de muitas coisas. Quando se refere à mulher, por exemplo, fala da dama da sociedade, da operaria, da executiva, da vendedora do armarinho da esquina, da dona de casa, da costureira. Fala das que chegam com fortunas a gastar e muitas com economias a fazer. Fala ainda de artesanato e comunicação. Falar de moda é entrar no túnel do tempo e lembrar Paris, do seu passado luxuoso, seus desfiles e criadores que ditavam as tendências no mundo Ocidental. Mas também nos faz pensar na multidão de mulheres anônimas que buscam avidamente seguir a última moda, nas concessões que são obrigadas a fazer e nas adaptações que promovem para adequar a moda ao seu dia a dia.

É falar, como nos propomos nesta pesquisa, de como a moda está entrelaçada com a vida cotidiana de mulheres que viveram fora dos grandes centros urbanos, numa realidade interiorana, em um período de poucos recursos e de acesso mais restrito às informações e tendências da moda. Assim, é nosso interesse mostrar como contribuíram as mulheres em Vitória da Conquista, cidade do interior da Bahia, a partir do consumo e da produção da moda, também, para construção da história local. Nesse sentido esta pesquisa visa ressaltar a importância do estudo da moda como elemento de reconstrução do passado e preservação da memória.

A partir dessa compreensão de que a moda está intrinsecamente relacionada com a cultura que caracteriza uma sociedade é que pretendemos analisá-la como fenômeno importante para o entendimento da dinâmica da vida e formas de representação de um grupo social num período determinado da história. Desta forma, considerando toda a complexidade que envolve o tema e as múltiplas abordagens possíveis, optamos por um estudo com enfoque histórico, mas sem perder de vista as contribuições de outras áreas de saber tão importantes para o conhecimento deste fenômeno.

Neste sentindo, após analisar os vários aspectos que esta pesquisa envolve consideramos o título *Costurando Moda: uma análise das práticas vestimentares femininas em Vitória da Conquista – BA (1950-1965)* o mais adequado, por sintetizar a natureza e os objetivos de nossa pesquisa, reunindo as informações básicas que orientam este estudo:

- *Costurando Moda* refere-se ao tema geral desta pesquisa que é a moda, buscando sempre relacioná-la com as práticas cotidianas da sociedade. O termo costurando foi empregado aqui de forma metafórica, justamente para destacar as costuras, relações da moda com o todo social.
- *Uma análise das práticas vestimentares femininas* especifica o enfoque a ser dado à investigação, que se deterá sobre análise da relação das mulheres com a roupa e a moda. Mais do que a descrição do vestuário e seus complementos nos interessa saber como esta reflete o papel social da mulher.
- E *Vitória da Conquista – BA (1950-1965)* delimita o recorte espaço-temporal para o desenvolvimento da pesquisa.

A finalidade do presente estudo é investigar o campo apresentado acima, tendo como questão norteadora saber qual o comportamento de moda adotado pelas mulheres, ou seja, como elas se relacionavam com a roupa e moda em Vitória da Conquista no intervalo de tempo compreendido entre 1950 a 1965. Para se compreender o recorte proposto é necessário ter uma visão panorâmica da moda nesse período, as referências nacionais e internacionais, o contexto sócio-cultural em que a sociedade brasileira estava inserida e em que medida esse ambiente era percebido e influenciava no comportamento de moda feminino em Vitória da Conquista.

Com o termino da Segunda Guerra e o fim das restrições de gastos com o vestuário, a moda ganhou fôlego, ressurgindo ainda mais forte. Em 1947, o estilista *Cristian Dior* lançou o *New Look*, uma tendência que consistia em saias amplas, cintura bem marcada, salto alto, luvas. A justificativa do criador é de que era necessário devolver à mulher a feminilidade perdida nos anos de guerra. Um discurso conservador que colocava a mulher no lugar de objeto para ser exibido e admirado. Mas, para surpresa de muitos, as tendências lançadas por *Dior* conquistaram a população feminina ávida por novidades no campo da moda.

Nos Estados Unidos, a indústria de confecção se fortalecia com a produção de roupas prontas, diminuindo custos, possibilitando uma maior democratização de acesso à moda. Apesar do crescimento da indústria de confecção, o mais comum e *chic* era vestir-se com roupas feitas sob medida, confeccionadas por modistas famosas ou outras costureiras. As roupas prontas ainda se restringiam a um mercado de alto luxo, no caso da criação da alta

costura, ou a uma roupa de menor qualidade, feita em série, roupas destinadas aos trabalhadores. A expansão dos meios de comunicação de massa nesse período permitiu que as tendências de moda lançadas, principalmente por Paris, chegassem de formas cada vez mais rápidas, em todo o mundo.

Nesse período, o Brasil vivia um momento especial, de crescente urbanização e industrialização. O país modernizava-se tendo como modelo de estilo de vida os Estados Unidos. Mas na moda, a França ainda representava o modelo a ser seguido. O Rio de Janeiro era o centro cultural de onde se irradiavam para todo o país os modelos de comportamento e tendências da época.

As revistas femininas e de variedades multiplicaram-se levando para o interior do país o estilo de vida da burguesia dominante, a vida das celebridades, artistas de cinema e notícias do mundo da moda. As distâncias estavam cada vez mais curtas e, a partir de então, todos passaram a ter acesso à última moda.

Em consonância com a modernização do país, Vitória da Conquista, município do interior da Bahia, passa também por um acentuado processo de desenvolvimento que reestruturou o espaço urbano e as formas de sociabilidade vigentes. A cidade foi considerada na época a que mais crescia no Estado, impulsionada pela abertura das rodovias ligavam-na ao sudeste e centro-oeste do país. Esse desenvolvimento atraiu novos atores sociais que se estabeleceram neste espaço, passando a interferir não apenas na economia como, também, nos modos de vida de seus habitantes. Os maiores investimentos foram no setor do comércio, o que fez com que Vitória da Conquista passasse a funcionar como um importante centro de distribuição de mercadorias da região. O comércio de moda foi muito beneficiado, uma vez que muitos investiram nesse setor.

O investimento em educação foi outro fator que contribuiu para o crescimento da cidade. As famílias que moravam em localidades próximas e que não tinham condições de mandar seus filhos para estudar na Capital do Estado tiveram, a partir da abertura da Escola Normal, em 1952, uma oportunidade de ver os seus filhos, principalmente as moças, concluírem seus estudos. Outro fator foi a ascensão de Régis Pacheco, político local, ao Governo do Estado, o que fez com que a cidade vivesse, no inicio dos anos 1950, um momento de grande efervescência cultural (MENDES, 2004).

Essa sucessão de acontecimentos contribuiu para a reconfiguração socioeconômica de Vitória da Conquista, interferindo nas formas de representação dos sujeitos e consequentemente, nas suas práticas vestimentares. Para expressar os ares de modernidade que sopravam, os habitantes da cidade buscavam imitar o estilo de vida dos grandes centros e

sorviam com avidez todas as novidades que chegavam. Assim, a criação de novos espaços de sociabilidade feminina, para além dos encontros em ambientes familiares e da vida religiosa, além de um maior acesso a informação, colaboraram para o aumento do consumo de moda. As mulheres circulavam mais pela cidade e era necessário estar bem apresentável.

Por todos esses motivos apresentados, elegemos os anos de 1950 como marco inicial dessa pesquisa, período em que a nova silhueta lançada por *Dior* passou a ser referência para a moda feminina, e o ano de 1965 como ponto final, pois a partir da análise das imagens coletadas percebemos que a estética passa a sofrer mudanças cada vez mais profundas e começa uma outra história.

Como podemos perceber a escolha do tema de pesquisa não se deu de forma aleatória, mas surgiu da constatação de que Vitória da Conquista, pelos fatores elencados acima, tornou-se uma referência na região, notadamente, como centro de distribuição e circulação de mercadorias. É fruto, também, de inquietações e questionamentos levantados a partir do desenvolvimento de atividades relacionadas à pesquisa em moda dentro do Núcleo Interdisciplinar de Estudos em Moda da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. As ações do Núcleo, a possibilidade de interlocução com pesquisadores da área e outros que se dedicam a estudar os costumes, a vida cotidiana da cidade despertou-nos o interesse em investigar como a moda foi percebida, assimilada e como se articulava com as práticas de socialização da cidade no período proposto. Sendo assim, a escolha do tema surgiu da convicção de que o estudo das práticas vestimentares de um grupo pode nos revelar os seus modos de vida. A grande lacuna ainda existente na pesquisa acadêmica sobre a história da moda no Brasil, principalmente com enfoque na memória, e na investigação sobre a história Vitória da Conquista, notadamente no que diz respeito às práticas sociais de sua população, foi outro fator que motivou a escolha desse objeto de estudo.

Mais do que, simplesmente, descrever a evolução das formas de vestir, o objetivo é analisar como esses hábitos vestimentares se encadeiam num todo cultural com as práticas sociais. É compreender como os diferentes campos que compõem a vida cotidiana podem esclarecer nossos comportamentos vestimentários.

É a partir do pensamento que vê a moda como um fenômeno que reflete as transformações da sociedade, que se pretende analisá-la como algo que revela hábitos, comportamentos, posições sociais e gostos de uma determinada época. Esta investigação tem, pois, por objetivo geral, analisar o comportamento de moda das mulheres em Vitória da Conquista entre 1950 e 1965, ou seja, saber como estas se relacionavam com a roupa e a moda.

Como objetivos específicos buscamos caracterizar a moda feminina dominante em meados do citado século, identificando os modismos que influenciaram o período; buscamos, também, avaliar os fatores econômicos, políticos, sociais e culturais da época e como estes se relacionam/ interferem nas práticas vestimentares femininas; visamos, da mesma forma, enfocar os elementos de difusão da moda na cidade e verificar os instrumentos de produção /consumo de moda na cidade.

Como sustentação teórica nos alinhamos às contribuições de autores que desenvolveram um campo conceitual que nos possibilite a análise das representações da roupa e da moda no contexto que nos propomos investigar. Para tanto, faz-se necessário, apresentar algumas questões fundamentais às quais nos vinculamos para tentar compreender o comportamento de moda feminina em Vitória da Conquista em meados do século XX. A primeira que merece nossa atenção é o conceito de moda que adotamos.

Convencionalmente os estudos que se dedicam a investigar a moda situam a modernidade como marco inicial e o Ocidente como espaço de origem. Essa afirmação se justifica na efemeridade, no jogo da aparência como elemento distintivo. A necessidade de mudança presente nas sociedades modernas, diferenciando-as das sociedades tradicionais onde o ciclo de mudança é mais lento.

> A moda não pertence a todas as épocas nem a toas as civilizações [...] ela é colocada aqui como tendo um começo localizável na história. [...] Só a partir da Idade Média é possível conhecer a ordem própria da moda, a moda como sistema, com suas metamorfoses incessantes, seus movimentos bruscos, suas extravagâncias. A renovação das formas torna-se um valor mundano, a fantasia exibe seus artifícios e seus exageros na alta sociedade, a inconstância em matéria de formas ornamentações já não são exceção, mas, regra permanente: a moda nasceu (LIPOVETSKY, 1989, p. 23).

Como nos mostra Lipovetsky a moda é fruto do surgimento das cidades, da expansão comercial e do aparecimento de uma nova classe social, a burguesia. O desejo de ocupar a mesma posição social que os nobres fez com que os burgueses buscassem se assemelhar a estes através da aparência visual. Os nobres, por sua vez, procuravam se diferenciar, impondo, assim, um ciclo de imitação/distinção, marcando o surgimento da moda numa acepção mais próxima do que conhecemos hoje.

Entretanto, é só ao longo do século XIX que a moda se consolida. Com a revolução industrial e a possibilidade de se produzir em grande escala, surge um sistema de produção e distribuição desconhecido até então. Com as conquistas técnicas a moda ganha em agilidade e abrangência.

Lipovetsky nos propõe, então, pensar a moda, em primeiro lugar, a partir da sua historicidade. A outra questão é que para compreender a complexidade deste fenômeno é preciso analisá-lo levando em conta “as suas múltiplas redes, dos objetos industriais à cultura midiática, e da publicidade às ideologias, da informação ao social” (1989, p.12).

Num sentido mais abrangete o termo moda pode ser empregado em diversos sentidos. Portanto, cabe aqui dizer que quando nos referimos a moda estamos tratando de um conceito específico que diz respeito a um sistema próprio de apreensão. Moda pode ser entendida no sentido dos gostos, costumes, dos estilos que estão em voga e que são manifestados, principalmente, através do vestuário, considerado como o “domínio arquetípico da moda” (Lipovetsky,1989, p.12).

Assim, como Lipovetsky, autores como Barnard (2003) e Wilson (1989) também entendem a moda como conjunto de tendências, estilos em voga que estabelecem os termos dos comportamentos vestimentários num determinado período. É nesse sentido mais restrito, em que a moda tem no vestuário sua maior expressão no processo de mudança periódica da aparência, que direcionamos nosso olhar.

Os referidos autores também são fundamentais para a compreensão da moda como fenômeno cultural, presente no cotidiano das sociedades modernas e intimamente ligado aos modos de vida de grupo social. Essa definição da moda enquanto fenômeno cultural também se alinha com o pensamento de Williams (1992) que considera a cultura como modo de vida global.

> Há certa convergência prática entre os sentidos antropológico e sociológico de cultura como ‘modo de vida global’ distinto, dentro do qual, percebe-se, hoje, um ‘sistema de significações bem definido não só como essencial, mas como essencialmente envolvido em todas as formas de atividade social (WILLIAMS, 1992, p. 13).

Em consonância com a definição da moda como fenômeno cultural é importante destacar o papel simbólico que ela exerce.

> Para usar a expressão de Marx, as roupas são “hieróglifos sociais”, que escondem, mesmo quando comunicam, a posição social daqueles que a vestem. Quer dizer que a moda e indumentária podem ser formas mais significativas pelas quais são construídas, experimentadas e compreendidas as relações sociais humanas (BARNARD, 2003, p.24).

A moda é, nesse sentido, um importante instrumento de expressão do individuo na sociedade. Aqui cabe destacar o trabalho de Diana Crane sobre o papel social da moda e de Pierre Bourdieu sobre a teoria de reprodução de classe e gostos culturais como referencial

mais adequado para a nossa análise. Apesar de, na atualidade, as fronteiras de negociação dos papéis sociais desempenhados por homens e mulheres e a idéia de distinção social estarem mais diluídas, consideramos importante a compreensão da moda como definidora de identidades de classe e gênero para sua análise no período proposto por esta investigação.

Para Crane,

> a escolha do vestuário propicia um excelente campo para estudar como as pessoas interpretam determinada forma de cultura para seu próprio uso, forma essa que inclui normas rigorosas sobre a aparência que se considera apropriada num determinado período[...]. Sendo uma das mais evidentes marcas de *status* social e gênero – útil, portanto, para manter ou subverter fronteiras simbólicas – o vestuário constitui uma indicação de como as pessoas, em diferentes épocas, vêem sua posição nas estruturas sociais e negociam as fronteiras de *status* (2006, p. 21).

Relacionando a moda à distinção social, Bourdieu (2000; 2007) releva que o consumo de objetos culturais faz parte do jogo de diferenciação que se estabelece entre os grupos dominantes e os dominados. Segundo o autor, o campo social e as diferenças que nele se delineiam funcionam como "espaços de estilo de vida" ou um conjunto de "grupos caracterizados por estilos de vida diferentes". Bourdieu define estilo de vida como "um conjunto unitário de preferências distintivas que exprimem, na lógica específica de cada um dos subespaços simbólicos – mobiliário, vestuário, linguagem ou hexis corporal - a mesma intenção expressiva" (2007, p.165). Desta forma, o que diferencia um estilo de vida são os gostos, preferências para a apropriação – material ou simbólica – de determinada classe de objetos ou de práticas classificadas e classificantes que o autor chama de *habitus*. Segundo ele, é a partir da relação entre essas duas capacidades, definidoras do *habitus*, que se constitui o mundo social representado, ou seja, os espaços de estilos de vida.

Esses referenciais nos possibilitam entender a moda como um campo de demonstração aparente de posições sociais e Vitória da Conquista como um espaço privilegiado na região para a sua difusão, consumo e produção. A partir desse entendimento buscamos mostrar como as práticas vestimentares podem revelar costumes, comportamentos, e usos desse agrupamento social.

O ponto de vista adotado na investigação tem como sustentação o campo da História Cultural. Seu diálogo com a Sociologia e Antropologia, condicionou, por sua vez, a própria metodologia utilizada. Ao tomar como tema um objeto de que têm as reminiscências como fio-condutor para a reconstrução do passado, o estudo tem como método de abordagem a análise de imagens fotográficas e está ancorado em entrevistas, o que se apresentou como a

alternativa mais adequada. O recorte específico do tema importou na necessidade de um estudo qualitativo que permitisse desvendar, com riqueza de detalhes, o objeto de estudo.

Para tanto, o processo de pesquisa foi alicerçado por dois passos principais e articulados. O primeiro consistiu em estabelecer o suporte teórico necessário para a sustentação do trabalho empírico de análise das imagens fotográficas e depoimentos coletados. O segundo passo importou nessa coleta e análise de dados.

Como categoria de análise das imagens buscamos nos apoiar no trabalho desenvolvido por autores como Leite (2001), Kossoy (2002) e Mauad (2004) sobre as particularidades da pesquisa histórica com base em documentação fotográfica.

A partir das imagens podemos chegar não só a conhecer a visualidade de uma época, como desvendar as práticas culturais de um grupo social. As imagens revelam costumes, práticas e histórias de vida. Elas se confundem com a própria memória, evitando o esquecimento, garantindo a sua duração no tempo (LEITE, 2001). A imagem trás em si uma sobreposição de significados e o que direciona o olhar do pesquisador é a pergunta que se tem a fazer a essa imagem, tomando-a como representação, como marca que se coloca no lugar do passado que buscamos desvendar.

Kossoy alinha-se a esse pensamento quando diz que “a imagem fotográfica tem múltiplas faces e realidades” (2002, p.131). A primeira face é o visível, o que se vê impresso, imóvel no documento. A segunda realidade é o invisível, o que não podemos ver, mas podemos intuir.

> [...] Não mais a aparência imóvel ou a existência constatada mas, também, e principalmente a vida das situações e dos homens retratados, desaparecidos, a história do tema e da gênese da imagem no espaço e no tempo (KOSSOY, 2002, p. 132).

O estudioso nos mostra, assim, que a reconstrução da história é um exercício de imaginação. É um mergulho na imagem para se chegar ao que não está aparente: o contexto em que a imagem foi produzida, e as histórias de vida dos sujeitos retratados. Mauad (2004) também sustenta a mesma opinião e propõe que a compreensão do documento fotográfico deve ser pautada por dois níveis de percepção: um interno e outro externo à superfície do texto visual.

Neste sentido, chegamos à compreensão de que a imagem é um artefato cultural, que guarda marcas de práticas de um grupo social num determinado período da história. Sendo assim, como afirmam os autores acima citados, a sua interpretação vai além da observação

dos elementos aparentes; é necessário conhecer o contexto em que foi produzida para se chegar ao que não podemos ver.

A fotografia pode nos revelar o vestuário, penteado e acessórios que se usavam num momento, mas não temos como saber se esses seriam itens de moda apenas pela observação das imagens. “A fotografia impede, com sua concentração na aparência, indícios mais precisos sobre o material usado nas vestes, que diferencia as camadas sociais, como ainda sobre o momento (a data) em que aquela indumentária foi usada” (LEITE, 2001, p. 104).

A autora aponta a impossibilidade de se conhecer a classe social dos sujeitos retratados, uma vez que esses buscam se vestir com as suas roupas “domingueiras” para serem fotografados. Enquanto as fotografias de estúdio revelam pouco sobre a classe social dos indivíduos fotografados, já que a indumentária nunca é relacionada com o dia a dia de quem a usa, os instantâneos podem nos fornecer dados preciosos sobre a periodização histórica. Muito pode ser “lido” em uma fotografia instantânea.

Os autores ainda concordam que para uma abordagem sociocultural é preciso lançar mão de outras fontes, como outros documentos textuais e orais. Do cruzamento das informações do documento fotográfico com outros complementares pode-se reconstruir as práticas sociais de um grupo. Aqui, Leite (2001) destaca o papel da narrativa como forma de recompor o contexto do momento, de chegar ao imaginário dos sujeitos retratados. Daí a importância de, nesta investigação, contarmos com o depoimento de senhoras que viveram no período estudado e que nos ajudaram a desvendar as lacunas, personagens, histórias contidas nas imagens. Foi só a partir das conversas travadas com diferentes atores sociais que pudemos compreender e reconstruir o contexto e práticas sociais dos sujeitos e a sua relação com a moda.

A prática da história oral se estabeleceu a partir da década de 70, surgindo como um novo método de reconstrução e análise do passado.

> A História oral já é parte integrante do debate sobre a função do conhecimento social e atua em uma linha que questiona a tradição historiográfica centrada em documentos oficiais; por isso, ela é hoje inerente aos debates sobre tendências da historia contemporânea. Como pressuposto, a história oral implica uma percepção do passado como algo que tem continuidade hoje e cujo processo histórico não está acabado. É isso que a marca como história viva (MEYHY, 2002, p.15).

É, neste período também, que os estudos sobre a mulher começaram a fazer parte da produção historiográfica. A narrativa histórica tradicional, baseada em documentos escritos, sempre privilegiou a cena pública onde as mulheres pouco apareciam (PERROT, 1989).

O interesse dos pesquisadores pelo estudo dos espaços privados, das práticas cotidianas fez com que se desse cada vez mais espaço à narrativa, principalmente à narrativa feminina. Por estarem mais ligadas à intimidade, era à sua memória que se recorria para focalizar o que se passou a chamar de historia da vida privada. Não só a História, mas a Sociologia e Antropologia despertaram o interesse para a investigação da vida cotidiana da mulher. Segundo Massi, "os estudos sobre a cotidianidade da mulher tornaram-se importantes, porque é ela quem estrutura, organiza e dirige o cotidiano familiar. E mais, é ela quem faz o elo entre a esfera do privado com o social, ou seja, com a família maior, os amigos, a escola, etc." (1992, p.132).

Neste sentido, as histórias de vida das mulheres participantes desta investigação ganham significado na medida em que expressam a mentalidade de uma época, de um grupo social. Como diz Meiry, "algumas histórias pessoais ganham relevo na medida em que expressam situações comuns aos grupos ou sugerem aspectos importantes para o entendimento da sociedade mais ampla" (2002, p.37).

No que diz respeito à memória, as mulheres sempre foram consideradas como guardiãs das lembranças de família. As mulheres são as responsáveis pela produção e preservação dos arquivos privados. Quantos as fotos dos álbuns de família, cabia à mulher o papel de produção e conservação dessas imagens e, posteriormente, a transmissão, para os mais jovens, da história da família retratada através da memória fotográfica (LEGOFF, 1994).

Assim, como estratégia de ação optamos por privilegiar na pesquisa de campo o levantamento de documentação fotográfica em arquivos públicos e privados. Como arquivos públicos incluímos visitas ao Museu Regional de Vitória da Conquista, ao Clube Social, Prefeitura Municipal, Arquivo Público Municipal e Rádio Clube da cidade, onde coletamos imagens e outros documentos, como jornais da época, necessários para reconstrução da história da cidade. Nos arquivos privados foram coletadas imagens de álbuns de família do grupo envolvido na pesquisa. Após analisar as fotografias coletadas selecionamos um corpus de 43 fotos que compuseram esta investigação. Aliadas a essas imagens, foram feitas entrevistas com 11 mulheres que viveram em Vitória da Conquista no período proposto por esta investigação, sendo que dentre estas, quatro atuaram como costureiras profissionais.

Na transcrição das entrevistas arroladas ao longo deste trabalho buscamos preservar com máxima fidelidade o linguajar das depoentes, sem acréscimos ou correções, como forma de preservar a construção da narrativa, o ambiente pitoresco e colorido local. A partir da

análise do material coletado, em confronto com as teorias pertinentes, foi redigida esta dissertação estruturada em três capítulos:

O Capítulo 1 parte do entendimento de que mudanças da moda estão intrinsecamente relacionadas com as transformações sociais de seu tempo. Procura traçar um breve histórico da moda pós Segunda Guerra até início dos anos 60, com os valores estéticos da época marcados por duas tendências: o *New Look* e o *prêt-à-porter*. Fala da moda e sociedade no Brasil e contextualiza a cidade de Vitória da Conquista nesse universo. Trata dos espaços de sociabilidade femininas da cidade.

No Capítulo 2 apresentamos qual era o perfil da mulher conquistense em meados do século XX, relacionando essa realidade pontual com a história da mulher no Brasil do período enfocado para podermos identificar quais eram as concepções referentes à diferenciação sexual e apresentar algumas reflexões sobre como o vestuário pode refletir a complexidade das relações de gênero e construções identitárias. Falamos, também, da imprensa feminina como principal difusora desse pensamento da moda na época, dando destaque para as revistas que circulavam em Vitória da Conquista e que foram apontadas nos depoimentos como fontes de referências em moda.

No Capítulo 3 tratamos especificamente sobre os eventos de moda, concursos de beleza que aconteceram na cidade, como estes contribuíram para fortalecimento desse ideal de mulher e para a difusão da moda. Apresentamos como a mídia nacional e local contribuíram para difundir e estimular a realização desses eventos. Falamos também dos desfiles patrocinados pela Bangu para divulgação dos seus tecidos, que mais do que um concurso de beleza se configuravam como verdadeiras paradas de moda.

No Capítulo 4 apresentamos como os hábitos de consumo das conquistenses estavam conectados com as tendências de moda da época. Buscamos retratar também quem eram as profissionais responsáveis por concretizar os desejos de moda das mulheres da época, destacando a diferença entre o trabalho das costureiras autônomas e das “costureiras finas”, como eram chamadas as modistas mais famosas. Apresenta os hábitos e espaços de consumo de moda na cidade e como a produção/consumo constituem-se em marcas simbólicas de distinção.

Ao concluir este estudo, do cruzamento das informações apresentadas, esperamos ter uma visão panorâmica de qual era o comportamento e percepção de moda das mulheres em Vitória da Conquista, entre os anos de 1950 e 65; como se dava o processo de produção, consumo e divulgação de moda na cidade; de que maneira as formas vestimentares se articulavam com as práticas e com o papel social da mulher no período; como a moda local se

relacionava com as tendências nacionais e internacionais. Esperamos, igualmente, apontar caminhos para novas incursões nesta área.

CAPÍTULO I
Moda, cultura e sociedade - Um breve histórico

"As mudanças da moda dependem da cultura e dos ideais de uma época. Sob a rígida organização das sociedades, fluem anseios psíquicos subterrâneos de que a moda presente a direção"

Gilda de Melo e Sousa, 1987

A moda é um fenômeno social e suas transformações estão intrinsecamente relacionadas com as mudanças no modo de ser, sentir e pensar de uma sociedade e, sua análise não pode prescindir da compreensão da dinâmica da vida cotidiana. Nesse sentido, entendemos que antes de avançarmos em nossas analises é preciso tecer algumas considerações às referências da moda internacional lançadora de tendências que eram seguidas por todo mundo em meados do século XX para, então, descrever como era a moda no Brasil e como esta se relacionava com o processo de desenvolvimento vivido no período e localizar a sociedade Conquistense nesse contexto. Desta forma, neste capítulo serão analisadas as transformações da moda e como estas se ligam aos modos de vida da sociedade, buscando relacionar a micro com a macro história.

1.1 Referências internacionais

1.1.1 Da alta costura à moda massificada

Os anos que se seguem à 2ª Guerra foram marcados por sentimentos completamente antagônicos. O desejo de mudança era visível em diferentes setores da sociedade como na economia, política e cultura, onde novas correntes de pensamento surgiram. Mas, paradoxalmente, a esperança no futuro, o desejo de modernização coexistia com o medo do desconhecido, o apego às tradições. Esses pensamentos contraditórios vão caracterizar a sociedade em meados do século XX e a moda, como um fenômeno social, também vai refletir esse sentimento. Como afirma Baudot "é no decorrer desses anos divididos que, progressivamente, estabelecem-se as regras de um novo jogo e a moda não escapará dele" (2002, p.256).

O período pós-guerra assistiu ao renascimento das indústrias de roupas e a procura por trajes elegantes. Dada a escassez de materiais, as roupas continuavam com linhas simples, que exigiam poucos tecidos. Mas a alta costura buscava caminhos para suavizar a silhueta feminina, renovando o conceito de elegância.

A revolução do traje feminino aconteceu em 1947, quando Chistian Dior lançou o *New Look* (expressão usada pela editora da Harper´s Bazar, Carmel Snow, e que acabou sendo adotada para definir a coleção). Era uma moda feminina, que acentuava todas as curvas do corpo das mulheres, além de ser extremamente luxuosa. As formas mais simples permaneciam em voga mas, cada vez mais, o *New Look* foi ganhando espaço e conquistando o gosto feminino.

Figura 01 – *Tailleur* Bar, modelo da primeira coleção alta costura de Dior, 1947.
http://www.fashionista.com/images/entries/not%20juicy%20couture.jpg

Figura 02 – *Mary Jane Russell in Dior Dress, Paris,* 1950
http://www.artline.com/associations/ipa/show/show99/exhibitors/wise/staley_d.jpg

> Estas novas linhas eram totalmente diferentes das linhas severas da moda do período anterior à guerra e dos tempos de guerra. Saias muito rodadas, até o meio da perna, cintura de vespa e corpetes justos, ancas acentuadas e ombros estreitos [...] eram as características da nova feminilidade (LEHNERT, 2001, p. 43).

Essa silhueta extremamente feminina atravessou toda a década de 1950, sendo a base para a maioria das criações de moda do período.

Figura 03 – Dior e modelos em Desfile de Moda. Paris, 1950
Acervo: Bettmann/CORBIS. http://pro.corbis.com/search/searchFrame.aspx

Apesar de tudo indicar que a moda seguiria o caminho da simplicidade e praticidade, acompanhando as mudanças de pensamento forjadas no pós-guerra, nunca uma tendência foi tão aceita pelas mulheres como o *New Look* de Dior, o que indicava que as mulheres ansiavam pelo retorno da feminilidade e sofisticação na moda.

Havia um desejo de viver uma realidade nova, de esquecer a miséria, a destruição dos anos de guerra, e o luxo da moda Dior representava esse sentimento (LEHNERT, 2001). Essa nova realidade não significava um rompimento com os valores vigentes, mas sim a vontade de enterrar as lembranças dos momentos difíceis vividos no período da Segunda Guerra.

A moda, baseada nas linhas de Dior, representava, segundo estudiosos de sua história, muito mais um retorno aos valores burgueses tradicionais em que o espaço reservado a mulher era o do privado, o espaço da família. Tais autores chegam a comparar o *New Look* como um retorno à imagem da mulher do século XIX.

> Não foi por acaso que esta reminiscência do século XIX, com suas imagens antiquadas do papel a desempenhar por cada um dos sexos, voltou a aparecer justamente na época do pós-guerra. [...] O reatar dos valores burgueses tradicionais e do papel destinado à mulher foi uma conseqüência lógica, pois aparentava dar uma garantia de segurança, depois de toda a destruição vivida. (LEHNERT, 2001, p.43).

A noção de feminilidade de Dior estava impregnada de uma imagem de mulher delicada, frágil e, conseqüentemente, dependente do marido. O traje feminino, muito luxuoso, tinha a função simbólica de demonstrar, como em outros períodos da história, a condição econômica do marido. Com diz o sociólogo Veblen à mulher era permitido e até exigido que se consumisse “largamente e conspicuamente – vicariamente para seu marido ou qualquer outro protetor natural. Isentam-na ou privam-na de um emprego vulgarmente útil, a fim de que ela cumpra o ócio vicário em prol da boa reputação de seu protetor natural” (VEBLEN, 1987, p.161)

Por ironia, esses são valores que voltam a ganhar força justamente num momento em que a mulher já acumulava muitas conquistas sociais como o ingresso no mundo do trabalho, direito de voto, guiar seu próprio carro, entre outros. Assim, talvez, significasse mais a mentalidade de homens e mulheres de determinadas classes sociais, e não o todo do pensamento social.

Em contraposição a essa parcela da sociedade que buscava valores tradicionais e o sentimento de segurança perdidos com a guerra, surge uma juventude disposta a desafiar a tradição e os padrões impostos. Na França, cresce o movimento existencialista que se insurgia contra valores burgueses. Dos Estados Unidos, idéias bem menos intelectuais, mas não menos importantes exercem enorme influência sobre a juventude: o r*ock and rol*, *u*m movimento musical que se tornou símbolo de ruptura com os padrões tradicionais. Os ídolos do r*ock* transformaram o comportamento e o guarda-roupa dos jovens. Vestir-se como um deles era uma forma de absorver sua personalidade rebelde.

Figura 04 – Elvis Presley e Barbara Lang. Acervo Michael OchsArchives/Corbis, 1957. http://pro.corbis.com/popup/Enlargement.aspx?mediauids={0a548155-7749-4cb1-a888-168b613ad363}|{ffffffff-ffff-ffff-ffff-ffffffffffff}&qsPageNo=1&fdid=&Area=Search&TotalCount=178&CurrentPos=44&WinID={0a548155-7749-4cb1-a888-168b613ad363}

O rádio divulgava as músicas, mas foi o cinema e, sobretudo, a televisão que contribuíram para difundir essa nova forma de perceber a vida e a moda. Pela primeira vez, um gênero musical consegue transformar o modo de vestir, pensar e agir de milhões de jovens (MOUTINHO E VALENÇA, 2000).

De olho nesse novo mercado, de jovens consumidores, os Estados Unidos investiam na indústria de confecção: roupas prontas e com preços mais acessíveis. Ao lado do sucesso da alta costura, que tem o seu apogeu na década de 1950, os Estados Unidos avançam na direção do *ready-to-wear* (pronto pra vestir). A indústria de confecção estava cada vez mais desenvolvida e passou a influenciar também a moda francesa.

A produção artesanal fica cada vez mais restrita a um grupo seleto de pessoas que podiam pagar os altos preços e, em contrapartida, a indústria de roupa pronta ganha espaço, popularizando o acesso à moda. É o primeiro passo para a democratização da moda que se intensifica nas décadas seguintes. Nos anos de 1950, a marcha criadora da moda consistirá em equilibrar o "sob medida" com o "já pronto", fazendo mudanças de acordo com as transformações sociais (BAUDOT, 2002).

1.1.2 Prêt-à-porter: uma revolução na moda

As mais expressivas transformações no vestuário aconteceram em momentos de crise e transformação social. Como diz Caldas (2004) foram necessárias duas guerras e conseqüentes mudanças na estrutura social para que, a partir da década de 1950, se operasse a mais profunda transformação que a história da moda já conheceu. Era o fim do que Lipovetsky (1989) chamou de "a moda de cem anos".

Como observa Caldas,

> A Segunda Guerra demandou um esforço de otimização da produção industrial, principalmente, nos países envolvidos no conflito. Nos Estados Unidos, o desenvolvimento da tecnologia da confecção foi intenso. A resolução de problemas, como a criação da grade de tamanhos facilitou muito a produção de roupas em escala industrial (2004, p.56).

Era, como já foi dito, o surgimento do *ready-to-wear* (pronto pra vestir), expressão que mais tarde foi traduzida para o francês como *prêt-a-porter* pelos empresários Jean Claude Weil e Albert Lempereur. A França foi a primeiro país a absorver o método de produção, reinventando a forma de fazer moda. Até então, a indústria de confecção estava associada à produção de roupas sem qualidade e o *prêt-a-porter* veio para mudar essa visão. O *prêt-a-*

porter trouxe para a indústria de confecção o diferencial do estilo, da grife para a produção em série.

Os progressos tecnológicos da indústria têxtil com a descoberta de novos materiais, como os tecidos sintéticos, tiveram um papel fundamental nesse processo, pois diminuíram consideravelmente os custos de produção. Uma das grandes descobertas do período foi o náilon (BAUDOT, 2002). Pela primeira vez, pessoas comuns puderam ter acesso às criações de moda sintonizadas com as tendências do momento, além de servir também como fonte de pesquisa para os criadores que passaram a olhar com mais detalhe para a moda que vinha das ruas.

Para atender a essa nova demanda da indústria de roupa surgiram novos profissionais como o estilista industrial, o consultor de moda e os birôs de estilo. A imprensa especializada também se desenvolveu. O *prêt-a-porter* passou a ser o principal pólo irradiador de moda, marcando o declínio da alta costura no final dos anos de 1950.

1.2 O Brasil e a moda dos anos dourados

Em meados do século XX, o Brasil passou por mudanças profundas nos setores culturais, econômicos e sociais consolidando-se como país urbano e industrial. Tais mudanças tiveram interferência direta no comportamento e na forma de consumo da população. Ortiz aponta como um importante fenômeno desse momento de desenvolvimento do país "a transformação do sistema de estratificação social com a expansão da classe operária e das camadas médias, [...] o desenvolvimento do setor terciário em detrimento do setor agrário" (2006, p. 38-39). O crescimento da classe média tem relação direta com a ampliação do mercado, o que passou a interferir diretamente no comportamento e na forma de consumo da população.

O estilo de vida norte-americano estava em alta, propagado pelos meios de comunicação (principalmente pelo cinema e a TV, que se instalara no país nos anos 1950) e refletia, cada vez mais, o comportamento das populações urbanas. Num momento em que a economia européia estava destruída, os Estados Unidos entram em cena. Os mercados que antes pertenciam a França e Inglaterra passam para as mãos dos empresários norte-americanos. Mesmo em culturas tradicionais, como a francesa, era nítida a invasão da música vinda dos Estados Unidos, do cinema e do *american way of life* (JOFFILY, 1999). No Brasil, a influência norte-americana se estende aos hábitos alimentares, aos nossos sonhos, costumes e à maneira de vestir. O cinema, principalmente através dos musicais, formaram padrões de

comportamento e até expectativas de vida. Todos queriam ser como os astros do cinema hollywoodiano.

Nesse período, o país passa por processo de modernização que se inicia no Governo Vargas, com investimentos na indústria de base brasileira e nacionalização de setores estratégicos da economia. Logo depois, veio a crise no Governo, com altos índices de inflação, redução de recursos estatais e pressões de setores de oposição. A situação ficou insustentável e culminou com o suicídio de Vargas, em agosto de 1954 (ALMEIDA, 1996).

Em 1956, no momento de redemocratização do país, Juscelino Kubitscheck assumiu a presidência num clima de otimismo e esperança, apregoando a modernização do Brasil. A imagem de progresso gerada pela chamada era JK, contagiou todos os setores da sociedade, e os anos de seu governo ficaram conhecidos como os “Anos Dourados” (KORNIS, 2005).

Novas formas de fazer cinema (base para o Cinema Novo), teatro (Teatro de Arena), música (Bossa Nova), arquitetura (Concretismo) e artes, de uma forma geral, surgiram como crítica às expressões artísticas que existiam anteriormente. O cinema e o teatro, além de proporem uma nova linguagem estética, estavam impregnados de discurso político. Para os seus idealizadores, os meios de comunicação e as produções culturais deveriam ser usados como instrumentos para educar a população, tratando de seus problemas e não para aliená-las (ALMEIDA, 1996; NAPOLITANO, 2004).

O país buscava novos caminhos na cultura, sonhava com a modernização, mas ainda estava preso a uma mentalidade conservadora, fruto de uma sociedade rural e baseada no patriarcado (ÁVILA NETO, 1994). Um bom exemplo dos valores tradicionais era o papel social desempenhado pela mulher dentro dessa estrutura social. Apesar de algumas conquistas sociais (já citadas anteriormente), as mulheres ainda ocupavam lugar secundário na sociedade. A própria estrutura educacional servia para reforçar esses valores tradicionais e a posição da mulher na sociedade. Antes de aprender a ser uma profissional, a mulher era educada para desempenhar a função de mãe e esposa. Até mesmo os concursos de Miss, muito populares na época, buscavam reforçar essa estrutura. Além dos critérios de beleza e etiqueta, também eram analisadas as prendas domésticas das candidatas.

A década de 1950 no Brasil foi marcada por grandes contradições. Se, por um lado, o país se modernizou e evoluiu no setor social e cultural, por outro, continuava apegado a valores tradicionais. No que se refere à moda, a França ainda era o centro irradiador de tendências, o que permitiu que a revolução *New Look* também contagiasse o país. As brasileiras desfilavam com saias rodadas, cinturas bem marcadas, salto alto, colares de pérolas e luvas. As mulheres da alta sociedade compravam em Paris apesar de já haver no país

excelentes casas de modas, principalmente no Rio de Janeiro, onde podia-se adquirir produtos nacionais e importados.

É nessa época que surge a Casa Canadá, no Rio de Janeiro, uma *grife* que faz parte da história da moda do país. A dificuldade de importação de produtos, no pós-guerra, fez com que as casas de moda começassem a fabricar roupas sob medida para vestir as mulheres das camadas dominantes da sociedade brasileira. Como diz Nacif, as modistas da casa como Mena Fialla e sua irmã "eram capazes de reproduzir e aconselhar sobre as últimas tendências da moda parisiense" (2006, p.61). Além de confeccionarem as peças, as modistas também atuavam como consultoras de moda aconselhando as clientes sobre como adequar o traje a cada situação.

Figura 05 – Desfile Casa Canadá, 1950.
http://farm4.static.flickr.com/3071/2613221615_47197cfde7.jpg?v=0

Segundo Palomino (2003) essas lojas tinham suas modistas, algumas vindas de Paris, que lá mesmo desenhavam peças para as clientes. A cultura de moda[2] era de fato centrada no tecido. As mulheres copiavam os modelos de revistas, das artistas de cinema (que exerceram

[2] O termo cultura de moda é empregado aqui para designar um hábito, comportamento de consumo de moda.

grande influência no desejo de moda da época) e as costureiras executavam. Ainda não existia no país a figura do estilista e como nos mostra Palomino,

> Na falta de um estilista *lato sensu*, uma grande inspiração era o trabalho do mineiro Alceu Penna, que começou como ilustrador da revista O Cruzeiro. Ele fazia também figurino para shows e fantasias para bailes de carnaval [...] e criava roupas para os famosos desfiles de Miss [...], mas ficou mesmo famoso mesmo pelas "garotas de Alceu". As meninas levavam às costureiras os desenhos, e, sabendo disso, Alceu procurava caprichar nos detalhes, reforçando as tendências de moda (2003, p. 76).

As roupas apresentadas por Alceu[3] eram consideradas na época bastante modernas, ditando um novo padrão estético e de comportamento. As moças esperavam com avidez cada número novo da revista (MOUTINHO e VALENÇA, 2000). Além dos ilustradores das revistas de moda as mulheres contavam com o auxílio das modistas, profissionais habilidosas que confeccionavam os trajes a partir dos modelos lançados em Paris, que na falta da figura do estilista assumiam a função de criadoras de moda. Ortiz define bem este momento vivido quando fala do processo de modernização do país e diz que "nesta fase de pioneirismo, onde as coisas ainda estão por construir, a iniciativa individual é fundamental" (2001, p.97). Nesse sentido, a falta de especialização é vista como algo positivo, um espaço importante de experimentação onde aflora a criatividade.

Na época as roupas prontas de casas como a Canadá eram restritas a um consumo de luxo, ou as roupas confeccionadas em grande escala com um padrão mais popular destinavam-se às classes menos favorecidas, enquanto a maioria das pessoas vestia-se com roupas sob medida feitas por costureiras particulares (FERRON *apud* NACIF, 2006).

A moda jovem, em meados dos anos 50 ficou mais eclética e era possível encontrar garotas usando trajes mais diversificados. Nesse momento, as jovens começavam a andar de calça comprida e a aceitar carona em garupas das lambretas. O r*ock and roll* mudou o comportamento da juventude e sua forma de vestir. Os jovens brasileiros estavam mais para o despojamento americano que para a sofisticação parisiense (esses trajes eram reservados aos bailes e outras cerimônias formais).

O livro *Nosso Século* faz um resumo dos hábitos dos jovens:

> Quando vai a praia usa *maillots* Catalina, óculos *Ray Ban* e sandálias de salto alto. À tarde, faz compras nos magazines, vai ao cinema e veste esportivamente: calças de helanca, blusinha de algodão e sapatilhas de *ballet*. Nas festinhas de sábado à noite [...] ela usa um vestidinho de tafetá

[3] Sobre Alceu Penna falaremos com mais detalhe no próximo capitulo quando tratarmos dos difusores da moda.

> marinho, com *pois* brancos e bem decotado (*apud* MOUTINHO e VALENÇA, 2000, p. 169)

Na década de 1950, o desenvolvimento industrial do país chega às tecelagens. A indústria têxtil volta a tomar fôlego a partir do bloqueio às importações provocado pela Segunda Guerra. As casas de moda, para atender a demanda do país, passaram a fabricar roupas no território nacional já que não havia a possibilidade de importar. Outro marco importante é o nascimento da Feira Nacional de Indústria Têxtil (Fenit), em 1958, expressando o crescimento alcançado pela indústria têxtil nacional, que passa a promover concursos de beleza e elegância para promover seus produtos (JOFFILY, 1999).

No final da década, começava-se a falar de um *design* brasileiro. O primeiro nome a vir à tona foi o de Dener Pamplona, em 1957. Ele estava decidido a inventar a moda brasileira. Dener foi o primeiro a ter uma grife em seu nome (PALOMINO, 2003).

As transformações de comportamento que começaram a ser gestadas no final década de 1950 foram intensificadas início dos anos 1960, considerado o período de quebra de paradigmas. O mundo clássico - com seus trajes, seus valores - foi confrontado com mudanças radicais e aos poucos teve que abrir mão de seus privilégios. A juventude cada vez mais participativa passou a impor suas reivindicações no mundo da cultura, da moda e do comportamento. Como podemos observar, as transformações que ocorreram no campo social e da cultura nesse período marcaram profundamente os rumos da moda no mundo contemporâneo.

1.3 A cidade e a moda: uma realidade interiorana

Vitória da Conquista estava integrada, como outras cidades, ao processo de modernização que o Brasil experimentou no período aqui estudado. Nos jornais locais é comum encontrar notícias que fazem referências às mudanças sofridas pelo município. O jornal *O Conquistense* comenta este fato,

> Realmente, olhando-se para a cidade, com olhos imparciais, nota-se que, de uns dez anos para cá, a *urbs* tem sofrido tal transformação, tem apresentado tamanho desenvolvimento em todos os setores da atividade humana que, podemos dizer, sem medo de errar, raras são as comunas em condições de com ela se emparelhar *(*JORNAL *O CONQUISTENSE, 28/07/56).*

Ainda na mesma edição, o jornal destaca:

> Se Conquista é, hoje, o centro comercial de toda uma vasta zona, não somente da Bahia como também do Norte de Minas, todo esse progresso se deve, principalmente, aos pioneiros da Rio - Bahia. A conclusão da estrada veio caldear sangue novo nas artérias da velha Conquista que veio [...] abrir caminho aos hospitais modernos, as escolas bem aparelhadas, aos empreendedores homens de negócios e de iniciativa na indústria, no comercio e na lavoura (JORNAL *O CONQUISTENSE, 28/07/56).*

Os trechos dos textos publicados no Jornal *O Conquistense* sobre as transformações sofridas na cidade, o desenvolvimento acelerado a partir de meados no século XX, com a abertura das rodovias ligando Vitória da Conquista a outras regiões do país e a atração de novos agentes sociais, apontam estes fatores como os principais responsáveis pelas profundas mudanças na estrutura da cidade e na vida cotidiana de seus habitantes. Em sintonia com essa afirmação, pesquisadores da história da cidade também são unânimes em apontar esses fatores e os anos 40 e 50 como período importante no processo de modernização da cidade.

Integrada ao processo desenvolvimentista que o país vivia a partir de iniciativas do governo de investimento na infra-estrutura, na crescente industrialização e urbanização das cidades, Vitória da Conquista passou, com a abertura das rodovias Ilhéus-Lapa e a rodovia Rio-Bahia (BR-116), a funcionar como um centro de distribuição e circulação de mercadorias, como nos mostra o jornal *O Fifó* de 1977,

> A estrada Rio-Bahia abre-se integrando a cidade a outras regiões e ao sul do país; a estrada Ilhéus – Lapa corta-a a seu meio entre o litoral e o sertão do São Francisco [...]. O comércio, o desenvolvimento econômico, sua diversificação, fazem surgir em cena às personagens correspondentes às novas atividades econômicas, inclusive migrantes atraídos pela expansão econômica do município (*apud* MIRANDA & ALVES, 1999, p. 137).

A abertura das rodovias muda a dinâmica da cidade, cria novas vias de acesso e atrai um grande número de migrantes que, num primeiro momento, vindo do Sertão fugindo da seca e em busca de novas oportunidades, se estabelece na cidade. “Como entroncamento das rodovias [...] e pelo seu desenvolvimento comercial, Vitória da Conquista tornou-se ponto de concentração de viajantes, comerciantes, agricultores, industriais, pecuaristas, estudantes, etc.” (JORNAL *O CONQUISTENSE*, 04/04/59).

Em 1940 a cidade contava com cerca de 30 mil habitantes e uma população flutuante de mais de 40 municípios da região que dependiam dos seus serviços. Em 1950, de acordo com dados do Censo do IBGE, Vitória da Conquista contava, no período, com uma população de 79.887 habitantes (incluindo distritos), sendo que a população urbana era de 17.503

habitantes. A cidade era considerada, pelo seu ritmo de expansão, a que mais crescia na Bahia (TANAJURA, 1992; MENDES, 2004).

Pela transformação proporcionada nas feições da cidade este é um período que está muito presente nas narrativas dos sujeitos entrevistados, como mostra o relato da diretora do Museu Regional de Vitória da Conquista[4], Marisa Correia,

> Papai morava numa fazenda e a gente passava muito tempo na fazenda, os que não estavam ainda na escola direto. Eu entrei na escola em 1947. Então, de 47 para cá eu tenho alguma memória da cidade, 46 e 47 eu tenho. Lembro-me, por exemplo, da abertura da Rio-Bahia, que era uma novidade. Os caminhões caçamba passando pela cidade, carregando cascalho pra colocar na estrada. [...] Então, uma coisa que não saiu da minha memória foi a história do transporte do cascalho atravessando a cidade, porque não existia saída lá por cima, estava sendo construída esse trecho da Rio - Bahia, ali do Departamento para cima. Aquele trecho ali estava sendo reforçado com cascalho e etc., sendo melhoradas as condições da estrada, que já tinha sido aberta desde 1945. Estava concluíndo este trecho daqui. [5]

O trecho acima refere-se a um novo bairro, que surgiu às margens da rodovia, para onde a cidade foi crescendo, com o estabelecimento dos sujeitos que chegavam. Destacamos aqui, que a opção de transcrever de forma literal de todos os depoimentos ao longo do presente trabalho foi a maneira encontrada para preservar a construção da narrativa e a cor local[6]. Julgamos necessário tecer um breve relato sobre as condições socioeconômicas e políticas de Vitória da Conquista a fim de contextualizar o terreno que possibilitou o crescimento do comércio de moda com a maior preocupação dos atores sociais com a cultura da aparência.

[4] Criado em 1991, o Museu Regional de Vitória da Conquista foi fundado pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia e busca preservar, recuperar e divulgar a história da cidade. O museu guarda imagens, objetos, mobiliário que contam a história local desde sua fundação.
[5] Entrevista concedida por Marisa Correia em 23/01/08.
[6] Sobre este tema ver MEIHY, José Carlos S. B. **Manual de história oral**. 4 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

Figura 06 - Av. Frei Benjamim, Bairro Brasil. Acervo Prefeitura Municipal

A Figura 6 é um registro da abertura da avenida Frei Benjamim no bairro Brasil ao qual fizemos referência anteriormente, um dos eixos viários, construído paralelamente ao trecho da Rio - Bahia que corta a cidade. Ao fundo o Seminário dos Capuchinhos, construção que contribuiu para a expansão da região. As edificações concentravam-se no do centro comercial com pontos esparsos de povoamento e pequenos sítios no entorno. Já no final da década de 1950, O jornal *O Conquistense* chama a atenção para as casas, prédios que vão sendo construídos como marca da modernização.

> O desenvolvimento da cidade é realmente assombroso. Cresce, espalha-se, tomando o aspecto de uma grande metrópole. E o que principalmente agrada à vista é o bom gosto demonstrado por seus habitantes, na construção de vivendas que nada deixam a desejar, comparada com as maiores cidades do Brasil (JORNAL *O CONQUISTENSE*, 18/04/59).

As matérias publicadas nos jornais locais – *O Combate e O Conquistense* - sobre as transformações experimentadas em Vitória da Conquista a partir da segunda metade dos anos 40 demonstram como este foi um momento significativo da história da cidade com a criação de novos espaços que implicaram, também, em novos modos de vida.

Figura 07 – Praça Caixeiros Viajantes. Início dos anos 50. Acervo Prefeitura Municipal

Figura 08 – Praça 09 de Novembro. Início dos anos 50. Acervo Museu Regional

Na Figura 7 podemos ver a construção da 1º Igreja Batista e, ao fundo, a do Palace Hotel, local em que futuramente desfilaria a melhor sociedade conquistense exibindo as novas tendências da moda, ainda em meados dos anos 1950. São marcas que confirmam ritmo com que a cidade se expandia. Miranda e Alves (1999) chamam a atenção para este fato e afirmam que o desenvolvimento da cidade, o crescimento da população interferiu não apenas na economia como também na vida política e social da população local. Antes desse período não existia uma preocupação tão grande com o vestuário de moda. As pessoas que circulavam nas ruas limitavam a trabalhadores, na sua maioria do sexo masculino. Pouco se via a figura da mulher nos espaços públicos.

> Essa nova camada populacional ao inserir suas idéias e pensamentos, passa a funcionar como agente democratizador em relação à ordem vigente, pois tendo suas atividades voltadas para o centro urbano, se distanciara da influência do fazendeiro (MIRANDA & ALVES, 1999, p. 139).

O historiador Rui Medeiros também faz menção a este fato e destaca como a presença de novos sujeitos modificou as relações de consumo. “Começam a ser criadas condições para a relativa independência dos comerciantes. [...] A do setor urbano proporcionou o surgimento de novos consumidores deixando o consumo de ser monopólio dos fazendeiros” (*apud* TANAJURA, 1992, p.74).

Vitória da Conquista, que até então tinha na agropecuária a sustentação da sua economia, passa a ter no comércio um forte aliado que contribuiria de forma decisiva no processo de desenvolvimento da cidade. Antes desse período, apesar da cidade já se situar numa importante rota de ligação do país a população vivia no atraso, presa a tradição no sentido atribuído por Lipovetsky (1989) de valorização do passado.

> Conquista, apesar de ser ainda uma cidade meio tabaroa, meio civilizada, como escreveu o poeta (refere-se à Laudionor Brasil) era acolhedora e prometia um futuro promissor. Possuía boas edificações, cinema, jornais, e, coisa rara para o Sertão naquela época, tinha luz elétrica e os homens de recursos eram acolhedores. (TANAJURA, 1992, p. 69)

A cidade buscava meios de se adequar a sua nova configuração espacial, mas esbarrava em problemas, principalmente estruturais, na medida em que não estava preparada para receber o grande contingente de pessoas que ali se fixava naquele momento. Como citou Tanajura, apesar dos avanços apresentados, Vitória da Conquista ainda não contava com um sistema de abastecimento de água e energia regular. A água como releva o trecho da

entrevista transcrita abaixo vinha das cacimbas, poços de água localizados no entorno da cidade.

> Lembro-me, também, que a rua da Várzea que ia até onde hoje é a Bartolomeu de Gusmão e lá existiam várias cacimbas - poços rasos onde você tem água sem muito esforço. As lavadeiras lavavam roupa ali. Então, toda a cerca que dividia o terreno que pertencia a algumas fazendas, alguns mangueiros, ali em frente na Bartolomeu de Gusmão, descendo do lado esquerdo da rua até a chamada rua do Gancho, que hoje é uma continuação. Aquele trecho descendo era repleto de lavadeiras, então era muito bonito, muito colorido, as roupas todas ali secando, quarando na grama ou secando na cerca. Tudo colorido, porque as lavadeiras todas se reuniam ali, não existia lavanderia pública, não tinha rio. Algumas pessoas do lado de cá lavavam no Poço Escuro, mas a maioria lavava lá em baixo.[7]

A energia elétrica também era racionada. Para poder atender a toda a extensão da cidade era feito um rodízio, alternando o abastecimento entre o centro da cidade e os bairros periféricos. O crescente aumento da população urbana não foi proporcional a ampliação dos serviços e infra-estrutura. A preocupação com saneamento e urbanização já existia, mas é na década de 50 que essas ações começam a ser implementadas com maior rapidez.

D. Idalina Juazeiro[8] diz que quando chegou a Vitória da Conquista ficou assustada com a pobreza e com o número de mendigos na rua. Vinda de uma localidade do interior da Chapada Diamantina, ela imaginava que a cidade não apresentava esses problemas, de forma tão visível. A entrevistada encontrou um espaço em transformação que apresentava as contradições desse processo de desenvolvimento.

Corrobora este relato a afirmação de Tanajura (1992) quando diz que o número de postos de trabalho não era suficiente para absorver o grande numero de pessoas que chegavam. “Não houve a similar capacidade de absorção da força de trabalho dentro das atividades do setor secundário, e a falta do setor industrial, que poderia absorver grande parte desta mão de obra” (TANAJURA, 1992, p.74). Essas são imagens presentes no imaginário da população, nos jornais da época e nos relatos dos memorialistas que nos remetem, ao mesmo tempo, a coexistência entre o desejo de modernização e as dificuldades de uma cidade do interior da Bahia, além de nos remeter a hábitos conservadores convivendo com novos modos de vida que exigiram um maior apuro no vestir.

O crescimento do município exige, também, que os administradores públicos dêem uma atenção maior ao setor educacional. É na década de 1950 que surgem as primeiras escolas de ensino secundarista. Em 1952, é inaugurada a Escola Normal de Vitória da

[7] Depoimento da diretora do Museu Regional de Vitória da Conquista, Marisa Correia.
[8] Entrevista concedida em 14/07/2008

Conquista que teve seu nome modificado para Escola Normal Euclides Dantas (MENDES, 2004). A abertura dessa escola contribuiu para mudar a dinâmica da cidade, pois antes os jovens que concluíam o ginásio e desejavam continuar seus estudos tinham que seguir para outros centros urbanos como Caetité, Jaguaquara, Teófilo Otoni, no norte de Minas Gerais e, principalmente, para a capital do estado, Salvador. A Escola Normal foi inaugurada após a ascensão de Régis Pacheco[9], político local, ao cargo de Governador do Estado, o que vai contribuir de maneira significativa para uma reconfiguração socioeconômica da cidade e para que esta vivesse momento de grande euforia e efervescência cultural. Como mostra a imagem abaixo, nas ruas de Vitória da Conquista já pode ser vista uma grande quantidade de mulheres em contraste com que se via em décadas anteriores.

Figura 09 - Desfile de 07 de Setembro. Anos 50. Acervo Prefeitura Municipal

Os eventos organizados pela Escola Normal movimentavam toda a cidade, que não dispunha de muitos espaços de lazer, constituindo em momentos importantes de socialização de seus habitantes. Como pudemos avaliar a partir das informações coletadas e relato dos depoentes, a instituição atraiu para este espaço urbano moças e rapazes de localidades

[9] Regis Pacheco ocupou o cargo de prefeito de Vitória da Conquista de 1937 a 1945. Em 1950, foi eleito para o governo ao lado do Varguismo e governou a Bahia nos anos de 1951 a 1955.

próximas e da zona rural que viam no estudo uma forma de melhorar de vida. Para as moças casadoiras, estar na cidade, também, significava uma oportunidade de conseguir arranjar um bom partido. Conta Celeste Rosa:

> Moravam lá em casa também duas primas, porque vinha todo mundo de fora, de Itambé, de onde morassem os parentes e ficavam lá em casa. Mamãe recebia, não era hospede. Ficava lá em casa, todo mundo era sobrinho, as moças ficavam entregues a tia Zaza, pagavam e com isso era uma renda pra minha mãe.[10]

E continua,

> [...] A casa era cheia de moças. Eu me lembro que a gente corria para a janela, a casa era grande, não sei quantas janelas, e a gente corria pra janela pra olhar os rapazes. Os rapazes passavam e a gente: boa tarde! Namorava na janela.

A partir do contexto apresentado podemos constatar que em meados do século XX, notadamente, nos anos 1950, mudanças significativas ocorreram em Vitória da Conquista, no espaço urbano, economia e nos costumes da população, fazendo com que a cidade se constituísse num espaço privilegiado para a difusão da moda.

No que diz respeito à moda poderíamos dizer que a cidade , nas primeiras décadas do século XX, não apresentava muitas variações no vestuário, na medida em que o comércio era ainda bastante incipiente, o acesso às informações mais difíceis e, particularmente, a ausência de vida social mais ativa afastava a moda das preocupações mais imediatas da população. Com relação às mulheres, a vida pública ainda era bastante reduzida o que restringia a sua atuação ao mundo privado, à casa. Os espaços de sociabilidade circunscreviam a poucos eventos, na sua maioria festas religiosas. Isso não quer dizer que as mulheres não tivessem acesso às tendências de moda em voga, mais o consumo se dava num certo descompasso com relação aos grandes centros. Além disso, as dificuldades de acesso faziam com que o consumo se restringisse às camadas mais abastadas da sociedade, que podiam consumir os produtos que chegavam com altos preços ou tinham possibilidade de ir para a Salvador e, até mesmo, para o Rio de Janeiro com maior freqüência. Essas distâncias começam a serem reduzidas a partir dos anos 40 quando tem início do processo da expansão econômica do município.

Vitória da Conquista, como já dissemos antes, constituía-se como importante entreposto comercial e teve a sua vocação intensificada com a ampliação dos serviços prestados. Essa conjuntura não podia também deixar de favorecer o comércio de moda, que

[10] Entrevista concedida por Celeste Rosa em 26/01/2008.

ficou concentrado, principalmente, nas mãos desses novos atores sociais que se estabeleceram na cidade. Retomaremos, com mais detalhes, o tema comércio de moda quando tratarmos especificamente da produção e consumo de moda em Vitória da Conquista.

1.4 Espaços de sociabilidade feminina

A crescente urbanização de Vitória da Conquista ampliou os espaços de sociabilidade e, conseqüentemente, a presença feminina na vida citadina. As mulheres ganharam cada vez mais lugar na vida pública, na medida em que os espaços sociais não mais se restringiam aos eventos religiosos e familiares. As formulações apresentadas sobre os hábitos cotidianos das conquistenses em meados do século passado foram delineadas com base em narrativas orais, pesquisas com imagens e outros documentos.

O incremento na vida cultural da cidade foi possibilitado a partir da construção de praças, clubes e da diversificação do comércio. A presença feminina ocupando postos de trabalho, para além das ocupações domésticas, impulsionou a sua participação no espaço público intensificando a preocupação com a aparência visual e ampliando o interesse por itens de moda.

Simmel, em obra citada por Wilson, explica com propriedade a relação moda e cidade quando diz que "as relações interpessoais nas cidades grandes distinguem-se por uma preponderância marcada da atividade dos olhos sobre os ouvidos" (SIMMEL *apud* WILSON, 1985, p. 184)[11]. Desta forma, podemos afirmar que aumenta a preocupação com aparência nas cidades, pois os indivíduos têm uma necessidade maior de se darem a ver.

Antes de prosseguirmos, é preciso fazer uma ressalva na medida em que nos apropriamos de uma análise de Simmel: o autor escreveu sobre a relação da moda com vida citadina a partir da observação de Paris que, no final do século XIX, já se constituía numa grande metrópole com toda a sua complexidade. Ao transpormos suas análises para nos ajudar a compreender essa relação em Vitória da Conquista é necessário lembrar que esta não era o que chamaríamos de cidade grande. No entanto, o status de centro de referência na região, para onde convergiam muitas pessoas, o que conferiu a ela o titulo de "capital do sudoeste baiano", permite que façamos esta analogia. Mas o que importa sublinhar das contribuições de Simmel, é que a possibilidade do exercício do olhar, do observar o outro, só

[11] A não citação da obra original do Simmel se deve ao fato de não ter sido possível por esta pesquisadora encontrar a fonte primária da citação por falta de informações mais detalhadas na obra de Wilson. A opção por fazer referência ao texto do Simmel foi por considerar que esta traduzir com propriedade o nosso pensamento.

é possível com a intensificação da vida social e constante circulação de pessoas. Neste sentido, o indivíduo perdido na multidão anônima da cidade tem no jogo das aparências o recurso principal para se distinguir, conferindo ao vestuário ainda mais uma importância simbólica. Com diz Wilson,

> O vestuário urbano passou a estar cheio de indícios expressivos, que subvertiam o seu anonimato, porque era ainda importante, ou mesmo mais importante, mostrar ao mundo que gênero de pessoa se era, e ter a possibilidade de interpretar pelo menos alguns dos mesmos indícios no vestuário dos outros (1985, p.185).

Como apresenta a autora, a roupa e a moda se apresentam aqui como instrumento importante para identificar e disfarçar posições de classe. "O indivíduo era cada vez mais aquilo que vestia" (WILSON, 1985, p.185).

Ainda sobre a relação da moda com a vida citadina, Wilson, fundamentada no pensamento do sociólogo Simmel, diz que a personalidade e o ego desenvolveram-se quando homens e mulheres se movimentaram em círculos sociais mais amplos, e a "fricção constante do eu com um monte de sensações e com outras personalidades gerava [...] uma consciência mais forte da própria subjetividade" (1985, p.186). Segundo a autora, no espaço urbano o indivíduo em constante contato com seus pares sobrevive através da manipulação do eu. Neste contexto, a moda é elemento fundamental de apresentação pessoal e composição da aparência. Com base nessas formulações e no quadro social apresentado de Vitória da Conquista podemos afirmar que a partir desse momento a cidade passou a viver sob o regime da moda.

As lembranças compartilhadas dos espaços de sociabilidade povoam as narrativas das mulheres entrevistadas, mostrando a preocupação com a aparência, com estar na moda e como isso se entrelaça com as práticas cotidianas. Esses depoimentos compõem uma memória espacial[12] agregando aspectos de suas vidas em sociedade. São imagens de ruas, praças, cinema, clubes, espaços públicos e privados vivenciados no passado e presentes no ato de recordar.

Marilene Bacelar[13] refere-se à praça Jardim das Borboletas como ponto de encontro da juventude local:

> O jardim que se chamava Jardim das Borboletas. Era lindo, lindo, lindo! Tinha a curvinha do amor, ali do lado da galeria Itambiá. Nessa curva o

[12] Halbwachs (1990) nos seus escritos sobre particularidades do funcionamento da memória diz que não existe recordação que não se desenvolva num dentro de um quadro espacial.
[13] Entrevista concedida em 15/02/2008.

> terreno ficava mais alto e a gente sentava ali em volta, sentava um bocado de mocinhas. A gente ficava sentada e os rapazes passando. Depois que acabou a curvinha, eles colocaram os bancos. Aí era ao contrário os rapazes ficavam sentados e as moças passeando. Tinha, também, ringue de patinação, eu fui campeã de patinação, tinha um viveiro enorme de pássaros. Tinha um bocado de coisa. Era um ambiente muito gostoso.

O jardim ficava no centro da cidade, localizada na praça da igreja matriz. Antes se chamava Praça da República, ganhando o nome de Jardim das Borboletas em meados da década de 1950, quando foi totalmente reformada, ganhando novos espaços como parque infantil e um mini-zoológico. Sobre a inauguração do parque Jardim das Borboletas o jornal *O Conquistense,* de 12 de janeiro de 1957, comenta:

> [...] Vitória da Conquista foi premiada com essa magnífica obra de beleza, inaugurou-se, pomposamente, o "Parque Jardim das Borboletas" – o mais belo entre os mais belos jardins do nosso Estado – um recanto que, realmente, tem o que se ver.

A mesma matéria descrevendo o parque diz:

> [...] Apresenta, ainda, o belo logradouro, muitos outros atrativos; entre outros, a fonte luminosa, executada pelo escultor J. Medeiros e tendo o jogo de luz sido feito pelo Dr. Olímpio Benício dos Santos, diretor da Usina Elétrica Municipal. Além disso, destacamos um útil parque infantil, um jardim zoológico, muitos bancos que, juntos, a um só momento, podem comportar mais de 300 pessoas.

Figura 10 – Jardim das Borboletas. Final dos anos 50. Acervo Prefeitura Municipal

A grande maioria do acervo de imagens localizado compõe-se de fotografias de anônimos o que dificulta a identificação do período exato em que foram registradas. A justaposição com outras imagens, tentando montar uma seqüência temporal, faz com que possamos deduzir que a imagem acima, é um registro, provavelmente, do final dos anos 50 ou início dos anos 60[14]. O que importa é mostrar, entretanto, a importância do local como um espaço de sociabilidade para os citadinos.

Figura 11 – Marisa Correia no Jardim das Borboletas, 1963.
Acervo Museu Regional

A diretora do Museu Regional, Marisa Correia, também compartilha da construção narrativa dessas imagens ao relembrar, como era o namoro da época. Ela lembra que muitos casais ficavam na varanda da casa de seu tio, localizada em frente ao Jardim das Borboletas.

[14] Leite (2001) chama a atenção para a necessidade de se ter um volume de imagens suficiente, para que seja organizado numa seqüencia temporal e a partir daí possam ser percebidas as transformações na visualidade. "As mudanças ou o prolongamento do mundo visível só podem ser obtidos pela justaposição de diversas imagens sobre a mesma questão, tomadas em momentos diferentes" (2001, p. 41). Assim, a partir de uma coleção expressiva de imagens fotográficas é possível fazer a reconstrução do passado, do instante imortalizado que, embora não possa voltar, faz-se para sempre presente.

Segundo ela, os tios gostavam muito de jogar buraco e as janelas da casa ficavam abertas, as luzes acesas e os casais do lado de fora, batendo papo. Marisa lembra que nessa época o namoro se tornou mais elástico e os casais podiam se encontrar com certa liberdade.

> Tinha na chamada curvinha do amor, é aquela elevação que tem ali no jardim, ali descendo. Ali os casais ficavam e, também, nos banquinhos do jardim. Como aqui tinha o sistema de faltar energia - a energia era alternada [...]. Então nesses dias os casais normalmente se reuniam na casa de alguém conhecido, de Albano Flores, de D. Jaci, naquela casa onde hoje funciona um estacionamento, do lado da Igreja, perto da Prefeitura. Ali tinha uma casa também que com muitos jovens, reunia muita gente ali ou então aqui na casa de Tio Nando. Era sempre assim, casas de famílias conhecidas. Era sempre aqui na praça. À noite a gente fazia seresta, noite de lua, [...] reunia todo mundo no jardim, em volta dos banquinhos até 10h da noite, quando era hora de todo mundo voltar pra casa.

Marisa Correia se recorda ainda do ritual de beleza, de composição visual das jovens para fazer o *footing*, passeios no final da tarde.

> Então de manhã a gente saía de havaiana, de bobe no cabelo com lenço amarrado. Era muito ridículo! Botava o bobe, se arrumava e, se tinha que ir à rua, botava o lenço. Para poder fazer o penteado e a tarde aparecer linda e maravilhosa na passarela [...] Aí à tarde tomava um banho, soltava o cabelo, tirava os bobes, fazia um penteado, colocava bastante laquê, deixava o cabelo bem armado para o vento não desarrumar; vestia uma roupa melhor, mais na moda, que destacasse mais, meia fina, sapato alto, carteira, bolsinha comprida e luva. Sapato, carteira e luva combinando. Às vezes não se calçava a luva, mas segurava a luva junto.

Sobre o *footing* cabe destacar que esta era uma prática cotidiana que consistia em passeios nas praças e outros pontos da cidade, onde moças e rapazes saíam para ver o movimento, paquerar, olhar as vitrines. Era um hábito comum nas cidades, principalmente, do interior do país. Sobre está prática Mary Del Priore, em a História do Amor no Brasil, diz: “A praça do Ferreira em Fortaleza, as alamedas de São Paulo, a rua 15 de Novembro em Curitiba, a rua Chile em Salvador, a rua da Praia em Porto Alegre, o Largo do Palácio em Florianópolis, a avenida Rio Branco no Rio de Janeiro, eram as artérias por onde circulavam milhares de homens e mulheres entre *o footing*, e o *flirt*" (2006, p. 277).

Retomando a análise da narrativa apresentada destacamos que toda essa preparação era para, como diz a diretora do Museu, caminhar na alameda Ramiro Santos, subindo e descendo umas quatro ou cinco vezes, parando na confeitaria Araci para tomar um sorvete e, mais tarde, também, na confeitaria Lindoya.

> As moças se arrumavam devidamente, sapato alto, meia, bolsa, luva para fazer o *footing* a tarde e chegar até a sorveteria Araci, tomar um sorvete, tomar uma vitamina, tomar uma banana *split*, que eram os ícones da época em torno de guloseimas.

Outra entrevista, Marilene Bacelar, lembra do Candelabro, lanchonete e restaurante que tinha música ao vivo:

> Antigamente tinha o Candelabro. Era ali onde é o Culinária e Magia. Aquele pedaço todo ali era uma lanchonete linda. De segunda a sábado lotado, qualquer hora que você chegasse. O horário mais vazio era de manhã, mas à tarde todo mundo tomava banho e ia para rua, fazer compras e passear. Era muito bonita a lanchonete.

Figura 12 – Anúncio Confeitaria Araci. Jornal *O Conquistense* de 05/05/1957.
Acervo Arquivo Municipal

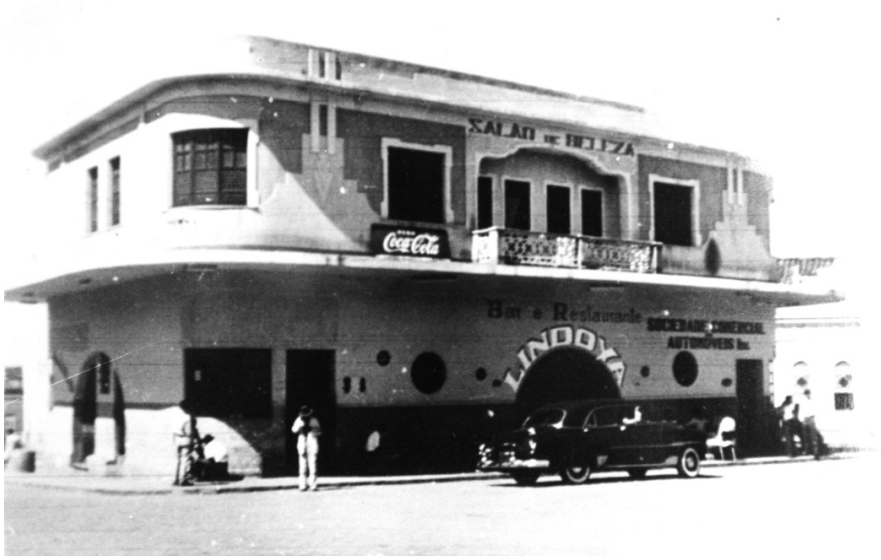


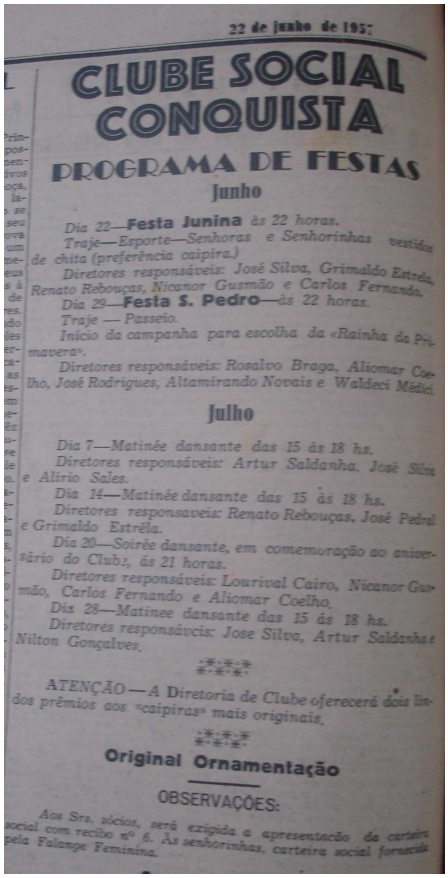
Figura 13 – Sorveteria Lindoya, funcionava também no centro da cidade. Era um prédio que concentrava consultórios médicos, salas comerciais e no anos 60 as primeiras butiques da cidade. Acervo Prefeitura Municipal

Figura 14 – Maura Alice A. Gusmão. Inicio dos anos 60.
Acervo de Família de Marisa Correia.

Um outro importante espaço de lazer era o cinema que já existia na cidade desde início do século. Nos anos 50 contava com duas casas O Cine Glória e o Cine Teatro Conquista o mais concorrido segundo os relatos. As sessões aconteciam à noite e, no sábado e domingo, durante a tarde também. As moças vestiam seus melhores trajes para dar um passeio e ir à *matinée* do cinema nos finais de semana.

Mas, podemos dizer que o maior centro de congregação das famílias da elite conquistense era a mesmo o Clube Social Conquista, que foi inaugurado em 1945. Segundo comentário publicado no jornal *O Conquistense* (01/01/59): "O Clube Social Conquista constitui uma verdadeira sala de visitas desta boa terra [...]. É o ambiente social desta cidade; é o lugar de reuniões da fina flor da sociedade sudoestina".

As festas memoráveis realizadas no Clube estão presentes em todas as narrativas das entrevistadas. Além dos eventos que aconteciam em datas comemorativas e as festas particulares, o Clube realizava, nos domingos, as *matinées* das 15h às 18h, e ocasionalmente bailes à noite, também, como revela o calendário de festas divulgado pela diretoria do Clube nos jornais da cidade.



22 de junho de 1957

CLUBE SOCIAL CONQUISTA

PROGRAMA DE FESTAS

Junho

Dia 22—**Festa Junina** às 22 horas.
Traje—Esporte—Senhoras e Senhorinhas vestidos de chita (preferência caipira.)
Diretores responsáveis: José Silva, Grimaldo Estrêla, Renato Rebouças, Nicanor Gusmão e Carlos Fernando.
Dia 29—**Festa S. Pedro**—às 22 horas.
Traje — Passeio.
Início da campanha para escolha da «Rainha da Primavera».
Diretores responsáveis: Rosalvo Braga, Aliomar Coelho, José Rodrigues, Altamirando Novais e Waldeci Médici.

Julho

Dia 7—Matinée dansante das 15 às 18 hs.
Diretores responsáveis: Artur Saldanha, José Silva e Alirio Sales.
Dia 14—Matinée dansante das 15 às 18 hs.
Diretores responsaveis: Renato Rebouças, José Pedral e Grimaldo Estrêla.
Dia 20—Soirée dansante, em comemoração ao aniversário do Clube, ás 21 horas.
Diretores responsáveis: Lourival Cairo, Nicanor Gusmão, Carlos Fernando e Aliomar Coelho.
Dia 28—Matinee dansante das 15 ás 18 hs.
Diretores responsáveis: Jose Silva, Artur Saldanha e Nilton Gonçalves.

*****

ATENÇÃO — A Diretoria de Clube oferecerá dois lindos prêmios aos «caipiras» mais originais.

*****

Original Ornamentação

OBSERVAÇÕES:

Aos Srs. sócios, será exigida a apresentação da carteira social com recibo nº 6. As senhorinhas, carteira social fornecida pela Falange Feminina.

Figura 15 – Programação de festas.
Jornal *O Conquistense*, 22 / 06/1957.
Acervo Arquivo Público Municipal.

Com base nos depoimentos e nos constantes anúncios de eventos promovidos pelo Clube, que aparecem em quase todas as edições dos jornais analisados, podemos dizer que havia uma programação intensa que atraia atenção não só a elite local, mas, também, pessoas de outras localidades. Os eventos realizados não eram abertos a todos, somente sócios e seus convidados podiam freqüentar-los como relata Marisa Correia:

> As festas do Clube que eram freqüentadas pelas famílias que eram sócias do Clube e convidados de sócios. Por exemplo, se a minha família quisesse levar você a uma festa, você era convidada da família. Não entrava ninguém assim: quero entrar nessa festa, pagava ingresso e entrava, não. Eram vendidas as mesas, as famílias ficavam nas mesas, a referência era o chefe da família.

Outras entrevistadas relembram que as pessoas que não eram sócias e não tinham convite assistiam às festas na rua. As janelas ficavam abertas e havia um terreno baldio ao lado do Clube que ficava repleto de gente para observar as festas. Dizia-se que se ia "ao sereno", segundo os relatos.

Ter um título do Clube Social, ou ser convidado a freqüentar os eventos promovidos significava pertencer a um grupo de status, que não se expressava apenas pelo poder econômico, mas pelo capital simbólico de seus membros. Pertencer a esse grupo seleto era uma marca de distinção social.

O depoimento de Celeste Rosa também aponta o cinema, a igreja e também o Clube Social como espaço de lazer das moças da sociedade. Demonstra, ainda, a preocupação que se tinha com o vestuário para se freqüentar esses lugares.

> A distração da gente, das moças da sociedade, era ir ao cinema. No domingo a gente tinha que ter a roupa pra missa ou pra igreja quem era Batista. Então, o vestido bonitinho de ir pra missa das 9h - a gente ia pra mostrar roupa e ver namorado - e de noite ia pro cinema. À tarde, às vezes, ia para *matinée* no Clube, a gente dançava até 7h. Eu morava ali na praça e o Clube era pertinho, a gente ia a pé. Quando a gente vinha da festa, vinha de sapato na mão, porque o pé tava doendo de tanto dançar. Cada festa era um par de meia. Usava meia fina pra se arrumar, pra ficar elegante tinha que ser de meia. Eu descia a pé e descalço com os pés doendo de tanto dançar.

Comentando sobre as festas que aconteciam no Clube e que às vezes nem se ficava sabendo, D. Maria Macedo diz: "A movimentação era a mínima possível. Era regime fechado. Era no Clube Social. Tudo fechado, quase que a gente não participava não. Só participava mesmo aquelas pessoas que se preparavam todas para ir à festa, mas fora disso não"

(19/01/2008). O testemunho confirma a idéia de que era um grupo seleto que freqüentava o Clube.

A intensificação da vida social com o surgimento desses espaços de lazer e sociabilidade provocou maior circulação de pessoas, requerendo maiores cuidados com a aparência, influenciando, assim, o consumo de moda em Vitória da Conquista. Nos próximos capítulos retomaremos com mais detalhes a esta questão, ao abordarmos a difusão da cultura da aparência na cidade.

CAPÍTULO II

Imagens de mulher e representações da moda em Vitória da Conquista

Que poeta ousaria, na pintura do prazer causado pela aparição de uma beldade, separar a mulher de sua indumentária? Que homem na rua, no teatro, no bosque, não fruiu, da maneira mais desinteressada possível, de um vestuário imagem inseparável da beleza daquela a quem pertencia, fazendo de ambos, da mulher e do traje, um todo indivisível?

Charles Baudelaire, 1996

Neste segundo capítulo nos propomos a aprofundar algumas questões do sobre o universo feminino, mostrando qual era o perfil da mulher conquistense em meados do século XX, relacionando essa realidade pontual com a história da mulher no Brasil do período proposto, para podermos identificar quais eram as concepções de feminino e masculino vigentes, o discurso referente à diferenciação sexual. A partir desses questionamentos é nosso objetivo apresentar algumas reflexões sobre como o vestuário pode refletir a complexidade das relações de gênero e construções identitárias, formas estas pelas quais os sujeitos percebem sua ligação com o outro. No segundo momento abordaremos a imprensa feminina como principal difusor desse pensamento da moda na época, dando destaque para as revistas que circulavam em Vitória da Conquista e que foram apontadas nos depoimentos como fontes em referências de moda.

2.1 Papéis de mulher – moda, identidade e gênero

> Moda e indumentária são um instrumental no processo de socialização em direção aos papéis sexuais e de gênero; elas ajudam a dar forma às idéias das pessoas sobre como homens e mulheres deveriam parecer. Não é verdade que a moda e indumentária simplesmente refletem uma identidade já existente de sexo e gênero, mas elas são "parte do processo pelo qual atitudes para com homens e mulheres, igualmente, e imagens de ambos os sexos são criadas e reproduzidas" (BARNARD, 2003, p. 167).

Hoje, as discussões sobre gênero já ultrapassaram a idéia de uma definição fixa sobre os papéis desempenhados por homens e mulheres na sociedade. Fala-se em masculinidades e

feminilidades onde as questões de gênero são descritas como fenômenos culturais e não mais tratados como fenômeno natural, biológico. “Esses conceitos são interpretados como construções históricas, que são solidificadas ou descartadas de acordo com os pressupostos culturais que estão em voga em um determinado grupo social” (LUCENA, 2008, p. 2).

Compreender a relação entre gênero, identidade e moda, exige antes de tudo, uma perspectiva social e histórica que torne possível analisar a importância do vestuário na formação das identidades. A história da vestimenta pode nos fornecer uma visão panorâmica de como essas relações são construídas através dos significados que o vestuário assume ao longo do tempo e de como a cultura predominante em cada momento o influenciou. As interpretações em torno do papel social da moda revelam a variação dos códigos que ela veicula ora indicando, por exemplo, o status, sexualidade, informando sua filiação e valores específicos de um grupo e de um tempo, ora servindo para subverter esses códigos estabelecidos. Nesse sentido, para compreender o comportamento de moda adotado pelas mulheres, como aqui nos interessa analisar, entre os anos de 1950 e meados dos anos de 1960, é necessário compreender qual o papel desempenhado por estas mulheres na sociedade da época, qual a sua posição dentro na estrutura social.

Apesar de não ser nosso interesse aqui aprofundar as discussões sobre as teorias de diferenciação sexual existentes consideramos importante a compreensão da moda como definidora de identidades de gênero para analisar a moda no período proposto por esta investigação. Como afirma Crane (2006) e outros autores como Barnard (2003) e Lipovetsky (1989) é só a partir dos anos 60, com a crescente influência dos estilos de rua no vestuário, que a moda emergiu como conjunto de redes que se relacionavam diluindo as fronteiras identitárias estabelecidas até então. Até os anos 60 podemos dizer que a natureza dos estilos de moda era menos variada, os padrões estéticos eram mais rígidos como a estrutura social.

Desta forma, para melhor entendermos a relação da mulher com a moda, faz-se necessário tecer alguns comentários sobre o que se esperava do comportamento feminino e qual o papel social desta na década de 50, principalmente. Retomando um pouco o pensamento, como diz Bassanezi (2006) nos anos 50, os conceitos de feminino e masculino eram entendidos como inerentes à natureza do homem e da mulher. Enquanto a mulher era definida por características como pureza, a docilidade, a delicadeza, fragilidade, resignação e maternidade; o homem era reconhecido por sua força, autoridade ousadia e poder. Para a mentalidade da época essas eram características tidas como naturais e determinavam quais os espaços onde homens e mulheres deveriam atuar. O próprio vestuário de época servia para acentuar essas diferenças. As saias amplas que, como em outras épocas, serviam para

demarcar a distanciamento em relação à mulher, as cinturas bem marcadas e saltos altos que demonstravam a fragilidade e a delicadeza feminina.

"Ser mãe, esposa e dona de casa era considerado o destino natural das mulheres. Na ideologia dos Anos Dourados, maternidade, casamento e dedicação ao lar faziam parte da essência feminina; sem história, sem possibilidade de contestação" (BASSANEZI, 2006, p.609). Essa vocação prioritária era a marca da feminilidade da época e estava impregnada no processo de educação das mulheres. Como diz a autora os conselhos sobre como se comportar estavam sempre presentes nas conversas entre mãe e filha, nos romances para moças, nos sermões do padre, nas opiniões de um juiz ou legislador sintonizado com seu tempo. "Isso não quer dizer que todas as mulheres pensavam e agiam de acordo o esperado, e sim que as expectativas sociais faziam parte de sua realidade, influenciando suas atitudes e pesando em suas escolhas" (BASSANEZI, 2006, p.608).

Como já tratamos em outro momento, da mesma forma que o Brasil adotou, com algumas ressalvas, as tendências internacionais de modernização e liberação feminina, que foram impulsionadas no pós-guerra e pelo desenvolvimento econômico que incorporou a mão-de-obra feminina, o país também foi influenciado pelas campanhas estrangeiras que pregavam a volta da mulher ao lar e aos valores tradicionais da sociedade.

2.1.1 As moças de família e a moda

Se no Brasil, nas grandes cidades, apesar da modernização e incorporação de novos valores, a sociedade ainda mantinha um código moral bastante conservador, nas cidades menores, do interior, os padrões de comportamento eram, em alguns casos, ainda mais rígidos. Com relação à conduta feminina, esperava-se que as moças se portassem corretamente, de modo a preservar o bom nome da família e não ficarem "mal faladas".

Às moças, principalmente as da camada média da sociedade[15] era exigido um comportamento acima de qualquer suspeita. Tinham que se comportar como moças de família, que segundo definição de Bassanezi eram aquelas que,

> Tinham gestos contidos, respeitavam os pais, preparavam-se adequadamente para o casamento, conservavam sua ignorância sexual e não se deixavam levar por intimidades físicas com os rapazes. Eram aconselhadas a

[15] Alguns autores que discutem gênero analisam que os olhares, as cobranças recaiam com maior peso sobre as mulheres das elites e camadas médias, pois estas estavam mais em evidência. As moças mais pobres que necessitavam trabalhar, prover o seu sustento tinham mais liberdade e mobilidade no comportamento e, também na forma de se vestir.

> comportarem-se de acordo com os princípios morais aceitos pela sociedade ((2006, p.610).

No que se refere à moda, esta, como sendo um reflexo da sociedade, deveria transmitir tais valores. Se nos anos 40 a moda feminina se aproximou, de certa forma, da masculina, com formas retas, simples e, até mesmo, incorporando itens do vestuário masculino, na década seguinte a tendência era buscar transmitir as características da feminilidade, quais sejam, a delicadeza, fragilidade e, conseqüentemente, dependência e necessidade de proteção da mulher por parte do homem.

Em Vitória da Conquista, essa realidade não era diferente dos outros centros urbanos como podemos perceber nos relatos das entrevistadas, mulheres que viveram sua juventude nos anos 1950. As jovens da cidade viviam sob a vigilância constante da família e da sociedade como forma de manter a moral e os bons costumes. Nesse sentido, o vestuário era um dos elementos utilizados para se identificar uma mulher de bem. Roupas mais ousadas, decotadas, mostrando mais do que era permitido na época podiam caracterizar uma jovem como moça leviana. Em relação às casadas os códigos vestimentares eram ainda mais rígidos. Como diz Bassanesi "ficava mal à reputação de uma jovem, por exemplo, usar roupas muito ousadas, sensuais" (2006, p. 612). Nos relatos que se seguem podemos perceber como a moda estava intimamente ligada à imagem da mulher e daquilo que se esperava do seu comportamento.

Losa Tavares[16] relata, com sua linguagem pitoresca que optamos por transcrever de forma literal, a reação do pai quando ela usou um vestido de alça e que mostrada parte das costas:

> Eu tinha uma roupa que quando eu vesti o meu pai me disse que eu estava nua. Uma pessoa que estava em Salvador, foi pra lá estudar, quando chegava trazia aquelas novidades. Eu vi a pessoa na rua e mandei a costureira fazer um vestido igual para mim. Uma roupa estampadinha, de cambraia de linho. Bem linda a roupa! Não lembro se a saia era franzida ou pregueada, mas tenho impressão que era pregueadinha. Era uma roupa bem festa mesmo, aqui tinha uma alcinha e as costas nuas com a alcinha, atrás vinha uma capinha que abotoava na alça. Ela ficava solta atrás e quando o vento batia dava pra ver as costas. Quando eu vesti essa roupa e meu pai viu, disse: - volta e tira essa roupa, você está nua! Pensa bem, disse que eu estava nua. Hoje, eu nem sei como é que é. Aí eu gravei essa roupa, eu tenho essa roupa na mente [...].

E continua,

> Sim, eu fui para o internato, meu pai resolveu morar na roça e a gente ficou aqui num internato. Aí quando eu cheguei na casa de D. Cotinha com essas

[16] Entrevista concedida em 21/01/2008.

> roupas, eu disse: agora já posso vestir minhas roupas porque meu pai está na roça e eu estou aqui, eu visto minha roupa na hora que eu quiser. E D. Cotinha era como se fosse um pensionato de freira. Aí quando meu pai foi me matricular lá, que a gente ficou 3 anos lá, a primeira coisa que ela disse foi eu não gosto que ninguém vista shortinho curtinho e nem que ande nua aqui no pensionato, porque aqui é misto, homem e mulher, e eu não quero que ninguém ande nua aqui.
> Um dia a gente estava arrumando pra sair, ia para a *matinée* porque no cinema ela não deixava a gente ir não, era de 3h às 6h da tarde, e a gente estava arrumando quando D. Cotinha me viu com essa mesma roupa que o meu pai viu. Ela disse: - você esta pensando que vai sair com essa roupa? Não vai não, aqui não anda nua assim não. Ôh menina, você está toda nua aqui atrás. Vai trocar e coloca essa roupa no fundo da mala, você não vai vestir mais aqui. Pronto, eu não vesti mais essa roupa. Quando eu ia fazer roupa não fazia mais assim, fazia de manguinha, mais decente porque ela não deixava usar.

Losa copiou o modelo de vestido de uma jovem que morava em Salvador, onde, provavelmente, já havia uma liberdade maior com relação ao vestuário feminino, por receber com mais rapidez as noticias do mundo da moda e pela própria característica de cidade litorânea, onde as pessoas acabam mostrando mais o corpo.

Com relação aos acessórios, Marisa Correia lembra de um modelo de sandália que se usava na época, a gueixa, uma sandália estilo havaianas e que foi incorporado como item de moda pelas jovens apesar de não ser muito bem vista.

> [...] Aí as mocinhas de família, as mocinhas mais socialites usaram essa sandália como sapato de moda. [...] Só que na época não era muito bem visto a sandália sem traseira. As sandálias altas sem traseira só quem usava eram as mulheres de vida livre. As mulheres mais ligadas à família, da sociedade, usavam sempre uma sandália abotoada. O calcanhar de fora do mesmo jeito, mas tinha a traseira do calcanhar e o abotoamento. Essa sandália era comum, se usava além do sapato fechado, alto ou baixo, se usava assim. Mas as sandálias eram abotoadas, não era de calcanhar livre.
> Essa sandália de calcanhar livre começou a ser usada nos anos 60, como moda, mas era uma moda meio libertina, meu pai mesmo criticava, falava: mulher minha não bota essa sandália.

Tentando explicar a má fama da sandália de “calcanhar livre”, Marisa Correia diz que talvez seja uma herança cultural, já que este era um modelo que estava ligado a imagem das escravas ao longo da história.

> Era um modelo até interessante inclusive porque era um modelo que as baianas de acarajé, do candomblé usavam. As escravas no século XVIII e XIX usavam aquela sandalinha. Você pega reproduções de *Debret* ou de outros artistas, aí você vai ver a freqüência dessa sandalinha, que era dedicada às escravas, ex-escravas. Por isso, era um sapato mal afamado, porque não era um sapato de dama fina, era um sapato de mulher meio desqualificada, depois virou moda.

Figura 16 - Dinah Cajaíba e Josedith. Final dos anos 50.
Acervo da família de Dinah Cajaíba

Na Figura acima vemos a sandália de calcanhar livre citada por Marisa Correia. A foto, provavelmente, do final dos anos 1950 quando se começa a popularizar o uso desse tipo de calçado, segundo os depoimentos arrolados nesta pesquisa.

A incorporação da sandália estilo gueixa ou japonesa como moda mostra que apesar do rigor no código do vestir da época, principalmente, as jovens buscavam formas de subverter as regras estabelecidas, levando uma sandália de uso doméstico para a rua como podemos ver na imagem seguinte.

Figura 17 – Família de Losa Tavares. Final dos anos 50
Acervo de família – Losa Tavares

Quando não estavam perto da família, as moças ousavam mais no vestuário, aderindo as novas modas lançadas no mercado. Losa refere-se a isso:

> Eu me lembro de uma vez, quando eu trabalhava no banco, e fui passar umas férias em Salvador e lá eu vi um maiô. Eu não tinha comprado o meu maiô porque deixei pra comprar lá, naquela época tava começando a usar 'engana mamãe'. Quando eu vi, eu era toda vaidosa, eu falei: eu vou comprar é esse. E a minha irmã falou: - você compra, mas se tirar foto não mostra para o meu pai não, ele vai te dar uma bronca dizendo que você estava aqui ficando nua. Mas eu achei lindo, fui para a praia, chamei a atenção. Eu era magrinha das pernas grossas. Aí chegou um rapaz tirando foto e eu tirei. No outro dia tirei também, tirei umas 3 fotos de binóculo, porque quando eu vi os retratos achei bonito e tirei mais. E eu chego de Salvador, a gente mostrando as coisas - eu era muito displicente e deixei os binóculos em cima da mesa -, meu pai pegou e olhou. Sabe o que ele fez? Quebrou e jogou fora. Ainda bem que foi só um, ficaram dois.

Mesmo nos uniformes escolares, que eram símbolo de disciplinarização do corpo, pois exigiam um cuidado maior, um gestual mais contido, as jovens buscavam marcar sua individualidade costumizando a roupa de acordo com seu gosto.

> É, a gente dobrava o cós curto. Padre Palmeira (diretor do Colégio) não admitia saia curta, as saias cobriam os joelhos. E a meia era comprida. Horrorosa, a gente pegava e dobrava, fazia ela soquete. Dobrava, dobrava, dobrava. Quando a gente chegava perto do Ginásio subia, para entrar de meia comprida (Celeste Rosa, 26/01/2008).

Figura 18 – Time de vôlei. Anos 50. Acervo Clube Social

Observando a foto acima, Celeste Rosa fica animada achando que o grupo compunha o time no qual ela jogava e exclama “Oh, aqui. Olha, eu aqui. Não, não tô não. Esse devia ter sido um time que veio. Era visitante. Era voleibol. Repara a roupa, aonde que a gente usava [...] ainda tinha gente que achava errado. O shortzinho era curtinho, ta vendo”. Sobre o período da foto diz,

> Isso tudo era da década de 50 com certeza. Era década de 50 sim senhora. A gente jogava no Ginásio, tinha o time do Ginásio. Agora, esse time que veio jogar aqui, jogava com o time do tiro de guerra. A gente estudava no Ginásio, eu já tinha terminado, mas como eu jogava, fazia parte do time. Eu não sei se era de Porções, de onde era.

Comentando sobre o tamanho do short, ela relembra “é, a gente subia. Ninguém era besta. Era assim mesmo”. O short contava com um elástico para permitir que as moças tivessem uma maior mobilidade nas aulas de educação física e nos jogos. Como podemos observar, mesmo num período em que as cobranças com relação ao comportamento feminino eram grandes, as jovens sempre achavam uma forma de marcar sua individualidade. Como diz

em Crane (2006) e Barnard (2003), nesse caso a moda tanto servia para marcar a identidade de gênero como para subvertê-la.

2.1.2 Identidade Alternativa[17]: incorporando elementos do vestuário masculino

Figura 19 – Maria Macedo saindo de casa para viajar, 1960.
Acervo de família Maria Macedo

A imagem de Maria Macedo, trajando calça comprida e blusa de corte masculino destoa completamente da visão que se constitui no imaginário coletivo sobre qual seria o lugar e o papel social que cabia à mulher nos anos 50. Ao olhar pela primeira vez tal imagem muitas questões vieram à tona e levaram ao pensamento de que mesmo num período em que se considerava as fronteiras simbólicas de gênero e classe social mais rígidas era possível que membros desses grupos sociais buscassem subverter a ordem estabelecida buscando demarcar a sua individualidade através de escolhas diferenciadas do vestuário. Retornando à observação da imagem que apresentamos, nos questionamos sobre qual o lugar dessa figura de mulher que não se encaixava nos padrões estéticos da época amplamente aceitos. A calça era um

[17] O estilo alternativo foi termo utilizado por Crane e pode ser compreendido como um conjunto de sinais, extraídos do vestuário masculino, composto de itens usados separadamente ou em conjunto, que modificam sutilmente o efeito do traje feminino. O estilo originou na França no século XIX, mas a influencia inglesa sobre o estilo foi inconfundível como afirma autora. Aqui usamos o termo para falar da incorporação de itens do vestuário masculino pelas mulheres em meados do século XX.

item do vestuário masculino e raramente se via mulheres fazendo uso indiscriminado dessa peça, principalmente, numa época em que se apregoava o culto a feminilidade.

> Durante a década de 30, na França, as mulheres ricas usavam calças em balneários, mas raramente o faziam na cidade. As normas que regiam a indumentária correta nas ruas eram rígidas. Historiografias orais sugerem que não era correto sair sem chapéu, luvas e meias, mesmo no verão. Não se encontravam mulheres de calças nas ruas. Durante a Segunda Guerra Mundial, as calças foram usadas com freqüência devido à escassez de toda espécie de roupas novas, mas somente na metade da década de 1950 é que passaram a ser aceitáveis para a vida urbana (CRANE, 2006, p.257).

E continua Crane: "Na Inglaterra, o uso das calças, tanto para o trabalho quanto para o lazer, foi apressado pela Segunda Guerra Mundial. [...] As calças foram aceitas pelas mulheres de classe operária durante a guerra, e apenas muito mais tarde, na década de 60, pelas de classe média, depois de aparecerem nas coleções de estilistas franceses" (2006, p.257).

No Brasil, essas mudanças da moda chegavam principalmente pelo cinema e revistas importadas. Mas as novas tendências eram absorvidas com moderação. Não era comum ver mulheres trajando calças, a não ser como uniforme de trabalho. O uso dessas peças era mais reservado aos espaços de lazer, sendo diluído com mais facilidade nas camadas jovens, onde o gosto pela novidade era crescente.

Se pensarmos numa realidade do interior do país, em que os valores tradicionais imperavam, a calça como elemento do guarda-roupa feminino custou a ser aceita, como demonstram as narrativas. Celeste Rosa diz que passou a usar calça comprida já nos anos 60 e destaca a contrariedade do filho, ainda um bebê, ao vê-la usando um traje ainda tão marcado como vestuário masculino:

> Aqui, eu me lembro do meu filho, o chilique que Leonardo deu. Ele era menino pequeno, 2 anos, e eu deixei ele na casa de minha mãe e ele deu um chilique porque eu estava de calça comprida, ia viajar com William. Com ciúme, um filho de 2 anos: tira, tira. E William: - deixa de ser besta moleque. Ele falava: -Mainha esta de calça comprida. Usar calça comprida e fumar. Fumar tinha que ser escondido dele. Eu nunca vi uma criança de 2 anos com cabeça de velho e é até hoje.

Celeste destaca também a aceitação do uso da calça nos espaços de trabalho,

> Eu me lembro que o prefeito Orlando Leite, foi o primeiro prefeito que aceitou que as funcionárias usassem calça comprida no trabalho. Eu me lembro que Vani chegou e disse: - Celeste, minha filha, pode vir de calça. Porque não podia. O prefeito que autorizou o uso pelas funcionárias e nós fizemos uma farda pra usar. Calça comprida era só para viagem, para montar

> a cavalo, num pasto, numa fazenda. Não era do uso diário não, de jeito nenhum. Morria de frio, porque não podia usar e aqui era frio.

Dinah Cajaíba, em seu depoimento, também relata que não era comum ver mulheres usando calça naquela época. Segundo ela calça só era aceitável em espaços e momentos restritos como o Carnaval e durante a Exposição Agropecuária que acontecia na cidade. Era o momento em que se podia usar roupas mais confortáveis.

Figura 20 - Losa Tavares e amigas. Baile de Carnaval.
Acervo de família Losa Tavares

Figura 21 – Rainha do Carnaval, início dos anos 60.
Acervo Clube Social

As narrativas mencionadas acima corroboram com as análises de Crane (2006) que afirma que “Essas mudanças nas normas do vestuário foram primeiramente exploradas em espaços públicos isolados ligados ao lazer e nos locais de trabalho das mulheres de classe operária”. Aqui vale ressaltar que as depoentes, que pertenciam às camadas com menor poder aquisitivo da sociedade conquistense, eram trabalhadoras o que explica, na concepção da autora, a aceitação mais fácil da calça como item do seu guarda-roupa.

Como afirma Crane as roupas e as escolhas do vestuário constituem campos valiosos para examinar as relações entre os discursos marginais e hegemônicos. “Embora as histórias do vestuário elegante dêem a impressão de consenso, a moda na verdade envolve um alto grau de debate e controvérsia” (2006, p. 198).

Retomando a imagem apresentada no início do texto, podemos dizer, da mesma forma, que o uso da calça e camisa de corte masculino por Maria Macedo pode estar relacionado ao fato desta não fazer parte das camadas médias e altas da sociedade conquistense, onde segundo teóricos da moda, a cobrança pelo uso das tendências e as fronteiras simbólicas entre de gênero são mais rígidas. A possibilidade de romper com os padrões estéticos era maior para as mulheres de classe mais baixa onde, como diz Bourdieu (2007), o que imperava era a cultura da necessidade. Na moda isso significava um vestuário prático, funcional e durável.

Outro fato que pode explicar a adoção de elementos do vestuário masculino para compor seu visual pode ser o fato de D. Maria trabalhar desde que chegou a Vitória da Conquista, em meados dos anos 50, numa fábrica de roupas masculinas. A proximidade com este tipo de vestuário pode ter facilitado a incorporação dessas peças no seu cotidiano. Neste caso, o uso da calça não era tomado como uma forma de contestação, simplesmente fazia parte da sua vida.

Ainda podemos especular que o fato de ser uma mulher financeiramente independente e que gostava de viajar, como ela mesmo relata, contribuía para que estivesse em contato mais direto com as transformações sociais e absorvesse com mais facilidade as mudanças. D. Maria costumava ir com certa freqüência ao Rio de Janeiro e chegou até a morar algum tempo por lá. Como diz Crane “à medida que as redes sociais do indivíduo se expandem, ou que seus contatos se tornam variados, ele é exposto a novas formas de cultura e torna-se propenso a adotá-las” (2006, p. 33).

Figura 22 – Maria Macedo em viagem ao RJ, 1964
Acervo de família

Como podemos perceber, as roupas constituem indicadores sutis de como são vivenciados as diferentes posições dentro de uma sociedade. O vestuário pode ser visto como um importante reservatório de significados passíveis de ser manipulados e reconstruídos e acentuar identidades pessoais. Para além de serem usadas para revelar identidades de classe e gênero, as mensagens transmitidas pelas roupas referem-se, fundamentalmente, a como homens e mulheres consideram seus papéis de gênero e esperam que os outros os percebam.

2.2 Imprensa feminina: difusora de moda e estilos de vida

Neste período de tempo ao qual nos direcionamos nosso olhar nesta pesquisa, ou seja, quando ainda a indústria da moda era bastante incipiente no país e a confecção de roupas era feita basicamente em casa, as mulheres e costureiras profissionais buscavam informação de moda, principalmente, nas revistas de variedades e especializadas que circulavam no país. As mulheres não só tentavam reproduzir as peças que viam nas publicações, como também formas de comportamento, de estilos de vida apresentados. Em Vitória da Conquista não era diferente e, como provavelmente se repetia em outras cidades do país, em um momento em

que a televisão ainda não tinha ganhado força e estava presente em poucos lares, as revistas se configuraram como as grandes difusoras de moda da época. “Nos anos 50, a vinculação consumo/imprensa feminina estabelecia-se com uma intensidade progressiva, devido ao crescimento das indústrias relacionadas à mulher e a casa, ao fortalecimento do mercado interno e à relativa ampliação da classe média” (BUITONI, 1986, p. 49)

Para compor esta investigação sobre os difusores da moda em Vitória da Conquista contamos com a análise de algumas revistas da época, que no decorrer da pesquisa de campo chegaram às nossas mãos através dos participantes que disponibilizaram alguns exemplares. Juntaram-se a esses alguns exemplares que foram adquiridos pela pesquisadora no Bazar Cairo, livraria e revistaria da cidade, que nos anos de 1950 e 60 era o principal lugar para se adquirir revistas de moda na cidade. Não é nosso interesse aprofundar a análise do conteúdo dessas revistas, mas apenas mostrar quais eram as primeiras publicações que contribuíram para a circulação de informações de moda na cidade. Procuramos desvelar quais as revistas que povoam as lembranças das mulheres conquistenses que viveram neste período.

Segundo Buitoni (1986), a moda foi a responsável por impulsionar a imprensa feminina. O grande salto das revistas dedicadas ao público feminino aconteceu com a difusão dos moldes de costura, nos Estados Unidos. Tal fato se deu durante a Segunda Guerra, quando a indústria norte-americana buscou formas de difundir a moda e baratear custos de produção. A partir dos moldes prontos, quem tinha um conhecimento básico de costura podia confeccionar seus próprios trajes em casa. “A influência dos moldes sobre as vestimentas das pessoas, homens e mulheres, foi enorme; a padronização do talhe das roupas começava a atenuar a diferença entre as classes” (BUITONI, 1986, p. 28).

Morin comunga da mesma opinião e, ao tratar do papel dos meios de comunicação de massa, no que ele chama de jogo dialético entre democratização e aristocratização da moda, diz:

> A moda se renova aristocraticamente, enquanto se difunde democraticamente. A cultura de massa desempenha esse papel capital na moda moderna: ela é o instrumento de democratização imediata do aristocratismo; permite ao público imitar, o mais depressa possível, a elite; coloca-se a serviço da aderência identificativa por todos os meios: fotografias dos modelos de alta costura, conselhos práticos para adaptar à moda corrente as *toalletes* dos anos anteriores, receitas para adaptar a confecção ao estilo da alta costura, etc. [...] Assim a cultura de massa efetua uma dialética de aristocratização e de democratização (MORIN, 1984, p. 142).

Até os anos 50, as casas de alta costura de Paris, que era centro difusor de moda na época, fechavam contratos de exclusividade com algumas revistas especializadas para cobrir os desfiles. Bourdieu traça um resumo do cenário da época:

> Na década de 50, as *maisons* de costura tinham sofás para as boas clientes e revistas de maior vendagem. Comentava-se que alguns proprietários de revistas mais populares – do tipo *Elle* e *Marie Claire* -, compravam revistas de prestígio para terem direito a um lugar nesses sofás. Certamente, isso é um exagero, mas talvez faça algum sentido. Lembre-se que, antes da televisão, as bancas de jornais esperavam com impaciência a publicação das revistas, um mês depois da apresentação das coleções de costura porque se tratava de uma exclusividade mundial: nos jornais cotidianos, não era publicado nenhum esboço de tendências, nenhum desenho; só depois de um mês é que se tinha o direito de divulgar os novos modelos para que os compradores estrangeiros profissionais, americanos e europeus, tivessem tempo de receber essas novas coleções [...]. Em julho de 1962, com Telstar, isso começou a mudar porque os costureiros quiseram participar do primeiro show que foi transmitido via satélite. Em seguida, eles já não puderam voltar atrás [...]. Hoje, a vendagem de revistas é pouco significativa (BOURDIEU, 2004, p. 146).

Morin também aborda esta questão e ao falar dos recursos empregados pela alta costura para manter sua aura de unicidade, constata:

> [...] por sua vez, a alta costura resiste: ela cerca de mistério a preparação das coleções, proíbe fotógrafos antes da data publica, persegue os imitadores não patenteado. Mas ao mesmo tempo que resiste, ela se adapta à corrente, na medida em que encontra aí o seu lucro: a publicidade da grande imprensa estende seu raio de ação; as grandes casas tiram lucro ao marcar com sua etiqueta os produtos erotizados de série e semi-série (perfumes, meias, etc.) (MORIN, 1984, p. 142).

Essa era a estratégia utilizada para controlar a divulgação em massa e, consequentemente, a cópia dos modelos. Só depois que as imagens eram liberadas para os outros veículos de comunicação. Já nos anos 60, como mostra a citação, com a popularização da TV, esse cenário foi modificado. Uma das estratégias das revistas nacionais para burlar esse controle e divulgar as novidades da moda parisienses de forma mais rápida era enviar para cobertura dos desfiles seus desenhistas. Na revista *O Cruzeiro*, por exemplo, Alceu Penna assumia este papel. As revistas cientes do seu papel de difusor de moda traziam, além das imagens, o máximo de informações possíveis sobre os modelos de trajes apresentados como detalhes da costura e indicação de qual o ambiente mais adequado para usá-lo.

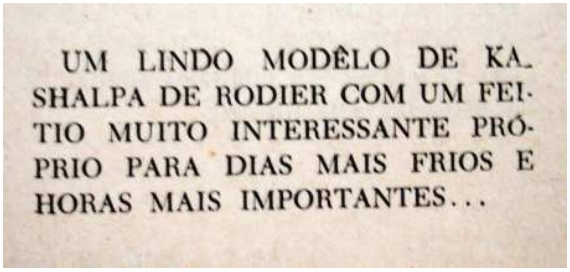


Figura 23 – *Jornal das Moças*, n. 2373, 08/12/1960. Acervo pessoal. Ao lado ampliação do texto.

No texto de explicação da imagem a editora chama a atenção para o tecido em que fora confeccionado o traje e tece comentários sobre qual o momento mais apropriado para utilizá-lo. O *Jornal da Mulher* era um suplemento da revista *Jornal das Moças* totalmente dedicado à moda. Era composto de fotografias e, algumas vezes, ilustrações com as últimas tendências do momento. A revista contava ainda com uma seção de moldes e bordados. *Jornal das Moças* era uma das revistas femininas mais lidas da época, publicada entre os anos de 1945 a 1960. A publicação contava com um suplemento de moda e seu perfil editorial estava vinculado a valores morais tradicionais, a defesa da família e a manutenção das relações tradicionais de gênero. Tais valores podem ser percebidos também através dos modelos de roupas apresentados.

Em outro trecho da revista, o texto mostra a consciência dos editores de que os modelos apresentados seriam copiados pelas leitoras:

LUANA PATTEN, DA METRO, APRESENTA-SE COM ÊSTE LINDO MODÊLO DE SÊDA ESTAMPADO DE BOLINHAS PARA QUE VOCÊS O POSSAM COPIÁ-LO. É UM VESTI_ DO ELEGANTE E MUITO SIMPLES. AS PREGAS NA CINTURA E O COR- PO JUSTO EMPRESTAM O CHAR_ ME AO CONJUNTO. GRANDE LA_ ÇO DO MESMO TECIDO ENFEITA A FRENTE DO BUSTO.

JORNAL DA MULHER

LUANA PATTEN, DA METRO, APRESENTA-SE COM ÊSTE LINDO MODÊLO DE SÊDA ESTAMPADO DE BOLINHAS PARA QUE VOCÊS O POSSAM COPIÁ-LO. É UM VESTI_ DO ELEGANTE E MUITO SIMPLES. AS PREGAS NA CINTURA E O COR- PO JUSTO EMPRESTAM O CHAR_ ME AO CONJUNTO. GRANDE LA_ ÇO DO MESMO TECIDO ENFEITA A FRENTE DO BUSTO.

Figura 24 – *Jornal das Moças*, n. 2.373, 08/12/1960. Acervo pessoal.

2.3 Revistas que povoam o imaginário das conquistenses

O desenvolvimento da indústria, a partir dos anos 50, ligado a produtos tipicamente femininos, como cosméticos, produtos para casa e moda e o crescente investimento em publicidade para escoar essa produção, transformou as revistas femininas em peças fundamentais no mercado dos países capitalistas (BUITONI, 1986). Muitas revistas surgiram para atender este mercado em plena expansão e mesmo as publicações que não eram diretamente ligadas ao universo feminino passaram, cada vez mais, a dedicar espaço para temas ligados à mulher. No Brasil, como a televisão ainda estava restrita a poucos espaços, as revistas foram responsáveis por levar a todo o país as informações sobre comportamento feminino, novidades da moda e interiorizar estilos de vida dos grandes centros urbanos. Quando perguntamos às participantes da pesquisa sobre como recebiam as informações de moda em Vitória da Conquista, todas são unânimes em afirmar que as revistas ou figurinos,

como elas chamavam as publicações, que eram compostas, na sua maioria, por imagens de modelos de roupas, com muito pouco texto, a não ser pequenas explicações sobre o traje, como tipo de tecido, detalhes da modelagem, eram fundamentais. Abaixo transcrevemos algumas respostas:

> Principalmente através da revista *O Cruzeiro, Fatos e Fotos e da Manchete*. Porque nessas revistas tinham páginas dedicadas só à moda, onde as roupas eram apresentadas. [...] Então, vinha um modelo e pronto, virava uma febre na cidade, porque alguém via ou a costureira via, copiava no 'olhometro', e fazia igual (MARISA CORREIA).

> Além das revistas de moda, *O Cruzeiro* foi um grande divulgador. Eu comprava revistas que traziam os desfiles, tinha a página de moda. Eram várias as revistas, que além dos figurinos, como se dizia que era só moda, tinham essas com os modelos de mulheres desfilando, vestindo. Era o desfile das coleções e aí saia em todas as revistas. Tinha a *Alteroza* que era uma revista de Belo Horizonte. Mas *O Cruzeiro* foi o divulgador de muita coisa (CELESTE ROSA).

> Eram pelas revistas [...] Tinha *O Cruzeiro*, não era uma revista de moda, era geral, mas tinha muita moda também (LOSA TAVARES).

Como podemos observar através dos relatos eram muitas as revistas que chegavam na cidade, mas chama a atenção, principalmente, o fato de que as publicações que mais aparecem nas falas das conquistenses são edições que não estão diretamente ligadas a imprensa feminina, como é o caso de *O Cruzeiro e Manchete*, mas que tinham seções dedicadas à moda. Morin (1984) explica o interesse das revistas de variedades pelo universo feminino dizendo que a grande imprensa é feminino-masculino e chega, às vezes, a ser mais feminina que masculina, porque há um interesse por temas identificativos[18], que agradem o 'homem médio', ou seja, o maior número de consumidores possíveis. "A variedade, no seio de um jornal, de um filme, de um programa de rádio, visa a satisfazer tosos os interesses e gostos de modo a obter o máximo de consumo" (MORIN, 1984, p. 40).

[18] Morin explica que os temas femininos são identificativos para ambos os sexos. "Se o rosto da mulher e não do homem impera na revista feminina, é porque o essencial é o modelo identificador da mulher sedutora, e não o objeto a seduzir. Se na grande imprensa periódica a mulher eclipsa igualmente o homem, é porque ela ainda é sujeito identificador para as leitoras, enquanto ela aparece como objeto de desejo para os leitores. Essa coincidência da mulher-sujeito e da mulher-objeto assegura a hegemonia do rosto feminino". Isso explica, por exemplo, porque a revista *O Cruzeiro*, desde suas primeiras edições sempre trouxe figuras de mulher estampando suas capas.

Figura 25 – Revista *O Cruzeiro*, 28/10/1950.
Acervo pessoal.

Figura 26 – Revista *O Cruzeiro*, 20/06/1953.
Acervo pessoal.

Nas narrativas que se seguem as entrevistadas relatam como essas publicações chegavam a Vitória da Conquista e destacam ainda o papel das revistas de variedade na divulgação da moda.

> [...] Através das revistas. O Bazar Cairo, que é o mais antigo de Conquista, trazia tudo sobre revista de moda. Tinha a *Burda*[19] também e outras revistas, porque tinha muita revista mesmo. Eu tinha uma coleção de *Cruzeiro, Manchete*. Tinha a revista com Marta Rocha, aquelas misses de antigamente. Eu comprava, guardava, colecionava (MARIA MACEDO).

O Bazar Cairo foi a primeira livraria da cidade, inaugurada nos anos 50, e era a principal responsável por levar as principais revistas do país para a cidade. Netária Pereira conta que sempre ia ao Bazar em busca de revistas de moda, procurando novos modelos para

[19] A Revista alemã *Burda Modas* surgiu em 1950 quando Aenne Burda começou a vender moldes para que as pessoas pudessem cortar e costurar com maior exatidão seu próprio vestuário. Os famosos moldes de costura da revista eram admirados pelas mulheres por sua exatidão nos cortes. Mais tarde foram lançadas as revistas *Burda Internacional e Burda Cozinha*, além dos cadernos especiais para tricô, bordados e outros trabalhos manuais. Em Vitória da Conquista encontramos alguns exemplares da *Burda Internacional e Burda Moden* na casa da costureira Netária Pereira, 84 anos. Em conversa, a costureira disse que tinha coleções de revistas de moda, mas tinha acabado de se desfazer delas. Só sobraram poucos exemplares que a sua sobrinha havia guardado, mas eram publicações já dos anos 70. O que chamou atenção era que a *Burda Moden* vinha com a capa traduzida para o português para que as compradoras ficassem conhecendo o conteúdo da edição; A *Burda Internacional* era da sua maioria composta por editoriais de moda. Outra revista alemã que encontramos na sua casa foi a *Exclusiv*, também já dos anos 70. As revistas mais antigas costureira se desfez depois de uma reforma na casa. Também pudemos perceber que tais revistas traziam lembranças de um tempo em que trabalhava ativamente, a casa vivia cheia de clientes. Essas reminiscências despertam saudade e tristeza, daí a necessidade de se desfazer desses objetos.

agradar às suas clientes. A costureira diz que nem sempre tinha dinheiro para levar as revistas para casa e, então, levava papel e lápis para copiar os modelos que achava mais interessantes. Algumas revistas, principalmente as importadas, eram muito caras. Segundo ela, só levava quando "era muito boa". "As vendedoras da loja já me conheciam. Deixavam que eu olhasse as revistas e copiasse os modelos quando o Sr. João não estava na loja".

Figura 27 - Anúncio Bazar Cairo. Jornal O Combate, 01/05/1958.
Acervo do Arquivo Publico Municipal

Zinha Torres também destaca o papel das revistas na difusão da moda e compara o seu lugar ao que a televisão ocupa hoje:

> Hoje tem a televisão, naquela época tinham as revistas. [...] Tinham as revistas *Jóia*, a *Manchete* que davam muita moda, muita festa. E tinha os figurinos também, figurino francês. A gente mandava comprar em São Paulo.

A entrevistada, que era costureira e trabalhava com sua irmã, Zu Torres, uma renomada modista da cidade, relembra também dos figurinos importados que costumavam adquirir. Essas revistas eram compradas principalmente em São Paulo, no caso da costureira, mas vinham também do Rio de Janeiro e da capital do estado, Salvador, para onde Vitória da Conquista contava com vôos regulares. Para as costureiras, conseguir comprar essas revistas era uma forma de conseguir informações de moda privilegiadas, saber de primeira mão quais os últimos lançamentos da moda internacional e, assim, poder agradar às suas clientes e mostrar seu diferencial com relação às outras costureiras.

Infelizmente, durante nossa pesquisa de campo não conseguimos encontrar nenhum figurino francês, mas tivemos acesso a alguns catálogos e uma revista *La Família* que faz parte dos guardados de família da costureira Eurides Almeida.

Figura 28 – Catálogo Nacional Bellas Hess, Estados Unidos. O estado em que encontramos o catalogo, sem capa não nos permite afirmar ao certo o período da publicação, mas pelos modelos de roupas apresentados poderíamos dizer que seja do inicio dos anos 50. Acervo pessoal.

Figura 29 – Catálogo Nacional Bellas Hess, Estados Unidos. Acervo pessoal.

Figura 30 - Revista *La Família*.
Acervo Eurides Almeida

Figura 31 - Revista *La Família*.
Acervo Eurides Almeida

Figura 32 - Revista *La Família*.
Acervo Eurides Almeida

Figura 33 - Revista *La Família*.
Acervo Eurides Almeida

A revista feminina *La Família* era uma publicação mexicana. Este exemplar, que encontramos na casa da costureira Eurides Almeida, não contava mais com a capa e as páginas iniciais o que dificulta dizer qual o período em que foi editada. O que podemos

deduzir, com base nos trajes apresentados e no perfil da revista, é que provavelmente esta foi publicada no início dos anos 50. Para nossa análise, as revistas apresentadas servem como amostragem de que tipo de revistas importadas chegavam na cidade. Como relata Marilene Bacelar, chegavam revistas muito boas na cidade:

> Algumas pessoas tinham umas revistas muito boas. Uma americana que era desse tamanho e só tinha modelos (não lembra o nome). As informações vinham, também, através do rádio e de pessoas que viajavam e traziam informações das roupas.

Marilene destaca, também, outras fontes de informação de moda como o rádio. É difícil pensar, hoje, que um veículo como o rádio possa ter desempenhado uma função importante na divulgação da moda, uma vez que a moda normalmente necessita de recursos mais visuais. Mas, nos anos 50, o rádio ainda era a grande janela para o mundo: trazia para os lares as últimas notícias, moldava a opinião pública, vendia produtos e lançava modas. Outro detalhe para o qual Marilene chama atenção é que as pessoas da cidade que viajavam constantemente para Rio de Janeiro e São Paulo e alimentavam a população feminina da cidade com informações de moda e outras novidades.

Outro importante difusor da moda na época foi o cinema como mostram as narrativas das mulheres envolvidas na pesquisa. Conta Marisa Correia que as moças iam para o cinema e copiavam os modelos das atrizes famosas da época. Depois levavam para as costureiras executarem os modelos.

2.4 A revista *O Cruzeiro* e o consumo de moda

A revista *O Cruzeiro* começou a ser publicada em novembro de 1928 pelo grupo Diários Associados, de Assis Chateaubriand, e é considerada como um marco na história das publicações ilustradas no Brasil do século XX, por introduzir novos meios gráficos e visuais à imprensa.

> No final dos anos 1920 surge na cena carioca uma revista aberta a novas possibilidades de leitura [...]. A leitura de imagem ganha destaque com a criação deste novo periódico: *Cruzeiro* (BARBOSA, 2002).

Essa nova tendência, inaugurada pela revista, influenciou uma reformulação geral nas publicações já existentes obrigando-as a modernizar a estética de sua comunicação. Entre diversos assuntos, *O Cruzeiro* tratava de cultura, cinema, esportes e saúde. Ainda contava com seções de charges, política, culinária e moda. A preferência por algumas temáticas

mostra que o perfil editorial da revista tinha como foco principal o público feminino, principalmente, depois da reformulação que aconteceu em 1938, com a criação da coluna “As Garotas”, ilustrada por Alceu Penna, um dos responsáveis pela reformulação gráfica da revista. A coluna difundia tendências de comportamento feminino e moda. As “Garotas do Alceu”, como ficou conhecida a coluna, difundiram para todo o país os ideais de liberdade e beleza da mulher carioca. As “Garotas do Alceu”, como diz Silva Junior (2004), significam “a expressão da vida moderna”.

As roupas apresentadas por Alceu, na coluna “As Garotas”, fortemente influenciadas pela cultura americana, eram consideradas, na época, bastante modernas, ditando um novo padrão estético e de comportamento.

Figura 34 - Revista *O Cruzeiro*, 1957. Acervo pessoal

Segundo Silva Júnior (2004), quando inventou a coluna “As Garotas”, *O Cruzeiro* descreveu a seção como aquela que traria para seus leitores “garotas endiabradas e irrequietas”, que representavam uma nova configuração nas formas de sociabilização que se estabeleciam no país.

> Suas meninas eram, no mínimo, ousadas para os valores morais de seu tempo. Apareciam num universo do qual os homens raramente faziam parte como protagonistas – eram apenas coadjuvantes – e curtiam a vida a bordo de *Cadillacs* sem a necessidade de companhias masculinas. Elas saíam

> sozinhas para os bailes de Carnaval e paqueravam com braços, pernas e colos à mostra (Silva Junior, 2004, p.12).

As imagens produzidas por Alceu eram sempre tratadas de forma a convencer os leitores (as) de que a liberdade e a sensualidade femininas não tinham nada a ver com a vulgaridade. Muito pelo contrário, eram sempre mulheres elegantes e decididas a conquistar o seu espaço na sociedade. Apesar de apresentar uma imagem mais moderna da mulher, conviviam na revista a preocupação em moldar boas esposas com a concepção de uma nova atitude feminina. As Garotas do Alceu queriam ser livres, trabalhar, sair à rua sozinhas, mas alimentavam também o sonho de casar e constituir família.

Figura 35 – Revista *O Cruzeiro*, "As Garotas", 1957. Acervo pessoal

Na Figura acima fica evidente esse perfil das "Garotas". Moças preocupadas com a aparência e a moda, mas que também se preparavam para ser donas de casa. A imagem dos eletrodomésticos nos faz pensar que, na vida dessa mulher moderna, não poderiam faltar as ultimas novidades em tecnologia para o lar.

Antes de avançarmos mais, é necessário comentar como surgiu a idéia de criar a coluna "As Garotas do Alceu". No final dos anos de 1930, o editor de *O Cruzeiro*, Accioly Netto, queria fazer mudanças na revista, criar seções novas, atrair a atenção masculina, mas

sem perder o foco no público feminino que a revista possuía. Segundo próprio depoimento do editor, a idéia era criar uma seção de ilustrações inspiradas nas *pin-ups* americanas, e ele conta como Alceu compreendeu a nova idéia:

> Estávamos no fim dos anos 1930 e eu, encantado com as figuras femininas do The Evening Post, as chamadas "Gibson Girls" – criada por Charles Dana Gibson – fui certo dia procurá-lo. Sugeri que ele fizesse uma coisa semelhante. Duas semanas depois ele me procurou, mostrando-me um desenho muito original. Eram vários grupos de lindas mocinhas, vestidas na última moda, conversando (*apud* Silva Junior, 2004, p.54).

Alceu tinha um interesse particular na imprensa americana e acompanhava a explosão das *pin-ups* naquele país. Nos Estados Unidos, essas imagens eram usadas para caracterizar o modelo ideal da mulher norte-americana: bonita, moderna e independente. É nelas que ele vai buscar inspiração para criar as suas "Garotas".

> Alceu procura moldar a mulher carioca – e brasileira por tabela – aos novos tempos. Estimula-a a dirigir, a estudar línguas, a praticar puericultura, a trocar a saia pela calça comprida, a freqüentar o psicanalista e a adotar o baby-doll como ferramenta de sedução feminina (Silva Junior, 2004, p.60).

A revista *O Cruzeiro* vendia esse estilo de mulher carioca para todo o país. Todas as mocinhas da época desejavam ser como as "Garotas do Alceu". Segundo Bassanezi e Ursini "seus vestidos e penteados foram copiados, suas poses e atitudes chegaram a ser imitadas. Saíram das páginas da revista e foram parar em cadernos "de recordação", corte e costura e economia doméstica de algumas meninas ou sonhos e expectativas afetivas de certos rapazes. Assim, pode-se dizer que os desenhos de Alceu Penna propagaram modos e modas" (1995, p.247). Além de publicar a seção "As Garotas", apresentando os croquis com a última moda da estação, Alceu também atuava como correspondente internacional fazendo cobertura de eventos de moda em Nova Iorque e Paris.

AUDÁCIA E INVENÇÃO

Originalidade, inadimismo, audácia e preocupação nas novas coleções de Paris — A alta costura pesquisa novas formas em novos materiais e tecidos

Texto de ALCEU PENA

Fotos de G. ELM

Figura 36 – Revista *O Cruzeiro*, 28/10/1950. Acervo Pessoal.

Fazendo uma comparação com os meios de comunicação de hoje e guardadas as devidas proporções, podemos dizer que a influência que a coluna “Garotas do Alceu” exerceu no modo de ser, de sentir, de consumir e vestir das brasileiras equivale ao efeito que as telenovelas exercem no público de hoje. Assim, podemos afirmar, sem correr risco de exageros, que Alceu Penna, através da suas “Garotas” foi um dos responsáveis, porta-vozes, de uma revolução de costumes no Brasil, notadamente no comportamento de moda feminino.

CAPÍTULO III

Manchetes em destaque: os concursos e desfiles de moda em vitória da conquista

O concurso existe, como esporte, com suas disputas locais, suas seleções sucessivas, suas disputas terminais, mostrando a aceleração da rede nacional, a das comunicações, dos transportes, da informação: sonho formalmente democrático em que cada uma lutaria com as armas iguais para ser designada a melhor. Isso enseja a extensão do espetáculo da sociedade do século XX pela imprensa e suas redes.

George Vigarello, 2006

Numa sociedade alicerçada no mito da imagem o interesse e fascínio pelos concursos de beleza são justificáveis. Neste sentido buscamos neste capítulo mostrar como esses certames proliferaram no Brasil no início dos anos 50, a partir da eleição de Martha Rocha e Miss Brasil e ao segundo lugar no Miss Universo. Como a mídia, de uma forma geral, contribuiu para difundir e estimular a realização desses eventos por todo o país. Num segundo momento nos dedicamos à análise dos concursos que aconteceram em Vitória da Conquista, principalmente da segunda metade década de 50, a qual conseguimos mais registros fotográficos, em periódicos e testemunhais. A partir da grande atenção dispensada pelos jornais locais a esses concursos pudemos perceber como estes se configuravam em espaços de sociabilidade importantes para a sociedade conquistense. Falamos dos Desfiles da Bangu que aconteceram na cidade que mais do que apresentadas as beldades da terra eram verdadeiras "paradas de modas". Ainda buscamos retratar o processo de preparação das jovens que participavam desses eventos, dos sonhos que alimentavam de serem reconhecidas não apenas em Vitória da Conquista.

3.1 Os concursos de beleza

A preocupação com a aparência visual, práticas de beleza, que se intensificaram a partir da segunda metade do século XX, foram impulsionadas pela crescente expansão da indústria da beleza e a necessidade de publicização desses novos produtos. Segundo Sant´Anna (2007) foi para esse novo público que a imprensa, com publicações específicas, se destinou, ensinando-as a serem modernas e ostentar a sua beleza. No Brasil, não só as revistas especializadas, mas as de variedades serviram para difundir por todo o país o gosto pelos concursos.

> Práticas de beleza difundidas e adotadas por todos que estavam convictos da necessidade de serem modernos, ao lado do consumo de produtos cosméticos, roupas e modelos corporais criaram sujeitos cujo predicado maior da existência estava na beleza que exibiam. Esses homens, mais, especificamente, essas mulheres consumidas pelas imagens de beleza, que os meios de comunicação de massa difundiam, e pelas promessas de felicidade que os produtos portavam tornavam-se outras, adquiriram status social e importância entre seus pares (SANT´ANNA, 2007, s.p.).

Consumir essas imagens de beleza propagadas e a possibilidade de se tornarem representação desse tipo de beleza conferia status às participantes dos concursos. Estas, de espectadoras tornavam-se parte do jogo, sendo desejadas, imitadas pelos outros sujeitos de sua comunidade. Como afirma Sant´Anna, "a beleza constituída como categoria de distinção social permitiu a conquista de visibilidade social àqueles que se aproximaram dos modelos difundidos" (2007, s.p.). Neste contexto, para além de constituírem-se enquanto espaço de diversão, os concursos transformaram-se num evento de dimensão social, política e cultural de maior importância. A mídia acompanhava com detalhes todos os passos que envolviam o evento. Notícias sobre a vida das candidatas, premiação, figurinos apareciam com freqüência, principalmente, nas revistas e jornais de todo país, contribuindo para construção de um ideal de beleza e para alimentar o sonho das moças de se tornarem, também referências em suas localidades.

> Se a mídia e os promotores dos concursos de beleza produziam uma *poiesis* eufórica da beleza, [...] as recepções e ações daí desencadeadas não eram menores nas milhares de jovens que sonhavam em ser eleitas, senão, ao menos participantes, de um desses concursos (SANT´ANNA, 2007, s.p).

De acordo com o que afirma a autora acima citada a euforia em torno dos concursos para escolha de miss, tanto no Brasil como no mundo, fizeram com que proliferassem eventos desta natureza pelo interior do país. "Outros pequenos certames de beleza pululavam aqui e acolá, referenciando a beleza como distinção, a quem a possuía, e troféu ao que ela representava" (SANT´ANNA, 2007, s.p).

Antes de prosseguirmos com nossas análises faz-se necessário apresentar um breve histórico sobre os concursos de beleza. Esses datam do final do século XIX. Naquele momento a seleção era feita pelos freqüentadores dos cabarés parisienses, a partir das mulheres que ali se apresentavam e se consagravam por sua beleza e, especialmente, por sua ousadia e volúpia. A partir do século XX ocorreram os primeiros concursos com mulheres

provindas da “boa sociedade”. No Brasil, Bebe de Lima Castro foi a primeira Miss escolhida, em 1900.

Segundo Vigarello (2006), “as “rainhas” e as “misses” se multiplicaram entre as duas guerras: Miss[20] América em 1921, Miss França em 1928, Miss Europa em 1929, Miss Universo em 1930” (p. 154).

Os concursos despertaram paixões e também preconceitos como mostra o autor:

> Feministas contestaram o preceito, acusando-os de reduzir a imagem da mulher apenas à tradicional beleza. Outros viram neles algum jogo turvo com a sedução e o prazer: “começa-se pela rainha, termina-se pela cocote”. [...] O concurso de beleza permanece banalmente interpretado entre as duas guerras como oportunidade de sucesso e de ascensão, criador de vedetes, elas próprias enaltecidas pela imprensa (VIGARELLO, 2006, p. 154).

Como mostra o autor, os sentimentos em relação ao evento eram controversos. Se por um lado representava desejo de ascensão, reconhecimento das jovens por outro relacionava a mulher apenas à aparência visual, além de carregar o estigma de ter surgido em cabarés, o que ligava os concursos a “mulheres de moral duvidosa”. Na medida em que a beleza foi associada à juventude, em sua expressão mais ousada, formas e rostos mais exuberantes ganharam autoridade para serem eleitos, contudo, os concursos buscaram se resguardar moralmente para se mostrarem confiáveis às famílias que liberavam suas filhas para participarem.

Os concursos de Miss, no formato que conhecemos hoje, são recentes. O Miss Brasil começou a ser promovido em 1954, no Rio de Janeiro, patrocinado pelo grupo Diários Associados, quando Martha Rocha foi eleita e, posteriormente, representou o Brasil no Miss Universo ficando com o segundo lugar. Sobre o lugar de destaque que os concursos ganharam na sociedade brasileira, a partir deste momento, Joffily conclui:

> [...] até o final da década de 50, ou mesmo meados da década de 60, o concurso de Miss Brasil era um acontecimento que mobilizava toda a população, vendia revistas, anúncios, e reunia um número enorme de profissionais na produção do espetáculo (1999, p.22).

[20] Vigarello lembra que a adoção da palavra “Miss” confirma a progressiva ascendência norte-americana no que se refere à cultura de massa, difusão em larga escala da imagem, filme e som, principalmente, quando se refere ao período entre guerra quando os EUA ganham ainda mais espaço no âmbito da cultura com a imersão dos países da Europa na guerra.

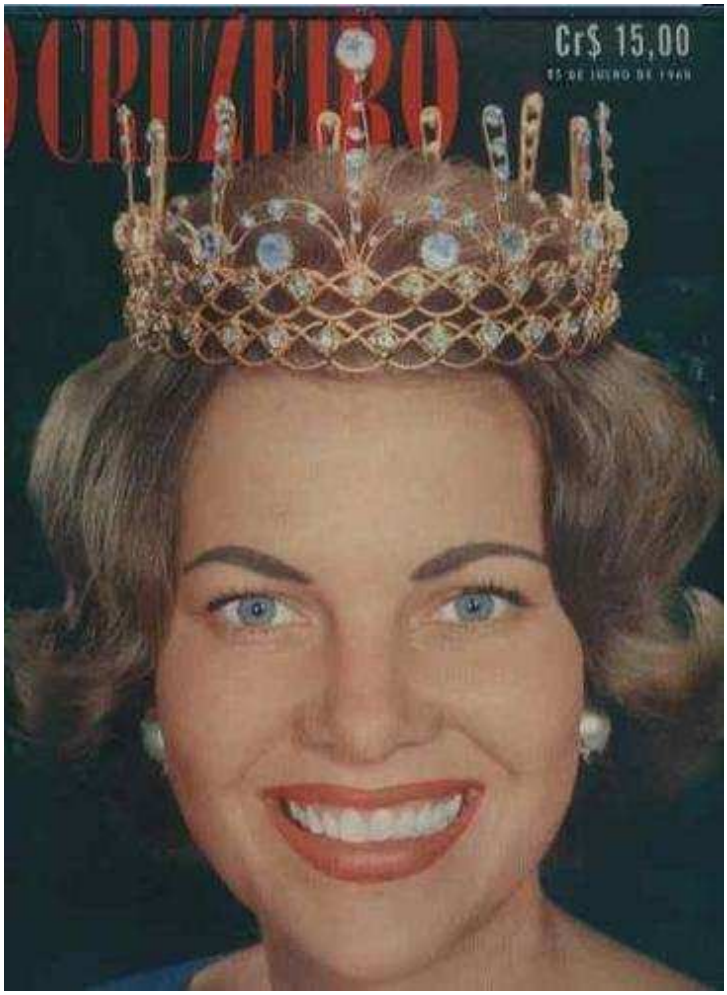


Figura 37 - Martha Rocha, Miss Brasil 1954.
Fonte: http://img166.imageshack.us/img166/8728/martarochain2.jpg

As transmissões televisivas dos concursos, encabeçadas pela Rede Tupi, passaram a ter peso depois que sua sede foi transferida de Petrópolis para a então capital federal, em 1958. Sobre as estratégias de divulgação do evento Sant´Anna diz:

> Os concursos de Miss, dizem respeito a uma estratégia de marketing das empresas que se ocupam em promovê-los, sejam elas ligadas ao setor de cosméticos, de produtos femininos ou de imprensa, que comprava a exclusividade de organizá-los e divulgá-los. Assim, no Brasil, era o grupo editorial dos Diários Associados, que nos anos 50 e 60, foram o maior promotor de evento e tinha prioridade na divulgação de suas imagens (2007, s.p).

Os efeitos e influência dos concursos de beleza contagiaram todo o Brasil, sendo reproduzidos nas mais diferentes localidades. A divulgação do evento começava destacando as escolhidas dos clubes, cidades, estado até a representante máxima do país. Desta forma, é nosso interesse aqui mostrar como essa prática dos concursos de beleza chegou a Vitória da

Conquista, tornando-se um evento de grande repercussão na cidade e que contava com ampla cobertura da mídia local. Para reconstruir esse percurso contamos com análise de imagens dos concursos, relatos orais e matérias coletadas em dois jornais locais *O Conquistense* e *O Combate*. Os jornais analisados datam, principalmente, da segunda metade da década de 50, quando ocorreram na cidade dois grandes eventos de beleza e moda: os "Miss Elegante Bangu" de 1956 e 1958.

3.2 Parada de Moda – os Desfiles da Bangu

Durante o processo de investigação para construção deste trabalho eram sempre recorrentes nas lembranças das participantes da pesquisa os vários concursos de beleza que aconteciam na cidade e que, na sua maioria, eram organizados pelo Clube Social. A Festa das Rosas, Primavera, Miss Conquista, Rainha do Carnaval, Rainha do Rádio, sempre apareciam nos relatos, mas não havia nenhuma menção a um evento, especificamente, de moda. Ao termos acesso ao acervo de imagens do Clube, produzidas entre os anos 50 e 60, nos chamou a atenção um conjunto específico de imagens. Tratava-se de coletânea de imagens de desfile de moda que, posteriormente, ao cruzarmos os dados com informações de jornais e relatos pudemos confirmar que se tratava de desfiles promovidos pela tecelagem Bangu, que realizava esses eventos por todo o país para divulgar seus tecidos. Num segundo momento, de posse dessas imagens, retomamos nossas entrevistas onde as depoentes nos confirmaram se tratar de desfiles patrocinados pela Bangu[21].

Antes de entrarmos na análise propriamente dita destes eventos em Vitória da Conquista, cabe um breve comentário sobre o surgimento dos desfiles de moda. Não pretendemos aprofundar questões sobre o tema, mas apresenta-lo a título de curiosidade e para contribuir com nossas análises, a partir da compreensão de como se desenvolveu este processo.

A idéia do desfile de moda surge na segunda metade do século XIX, dentro do auge da alta-costura, com o costureiro Worth, que foi o primeiro a utilizar manequins vivas para apresentar seus modelos às clientes. O estilista tinha como principal modelo a sua mulher, Marie Vernet. Worth é foi o considerado o primeiro criador de moda, na acepção que temos hoje. Antes dele, como diz Laver (1989) o costureiro era uma pessoa simples que visitava as

[21] Antes de ter acesso às imagens as participantes da pesquisa não recordavam desse desfile de moda. Foi o contato com as imagens que permitiu que estas rememorassem esses fatos. Neste sentido, Leite (2001) nos chama a atenção para o fato de ser a fotografia não só como um suporte de preservação de um momento como serve para trazer a tona lembranças que estavam esquecidas.

mulheres em casa e desenvolvia os modelos de acordo com os gostos e necessidades de suas clientes. Worth inverteu essa lógica, passou a criar os modelos para apresentar, daí a necessidade de se promover desfiles para divulgar suas criações. Logo depois, outros costureiros incorporaram as práticas desenvolvidas por ele. Desta forma, os desfiles de moda surgiram como tentativa dos modistas de apresentarem suas criações, com modelos vivas, que facilitava a percepção do traje pelas mulheres. Alguns historiadores da moda apontam que já existia essa prática de desfile nas lojas e que o mérito de Worth foi ter transferido esse conceito de apresentação dos modelos para o atelier, quando inaugurou a sua *maison* em 1858.

Já no início do século XX, com a indústria de moda ocupando seu espaço no mercado na Europa e nos Estados Unidos, os criadores de moda exibem desfiles para um público selecionado. As datas fixas só vieram em 1918, em Paris, por motivos comerciais e de organização da cadeia produtiva. A popularização dos desfiles aumenta à medida que aumenta o prestígio dos costureiros. Para Braga (2006) o cinema nos anos 30 teve o compromisso de criar novos sonhos e grandes atrizes, muitas vezes consideradas manequins por exercerem também essa função.

Os desfiles da alta-costura eram fechadíssimos, muitas vezes exclusivos para clientes especiais. Com a concorrência entre os costureiros, é adotado por cada um deles um estilo de manequim. E em 1950 surge a divisão entre “manequins de desfile” e “modelos fotográficas”, cada uma priorizando um aspecto.

No Brasil, a concepção de desfile está também ligada à apresentações nas *maisons* das modistas famosas. Na década de 40, as apresentações realizadas pela Casa Canadá, no Rio de Janeiro, e pela Casa Vogue, em São Paulo, seguiam a concepção européia.

> A Casa Canadá realizou um trabalho de importação de moda mais elaborado e pioneiro. Ele envolvia organização de desfiles, das encomendas exclusivas [...]. Compreendia também um esforço de divulgação, envolvendo um serviço de imprensa e apresentações nos Estados mais importantes[22] (DURAND, 1988, p.72).

Segundo Gilbert (1993), neste período houve um fortalecimento da indústria têxtil nacional, que buscou lançar mão de diferentes iniciativas com intuito de promover o algodão e os fios sintéticos, passou a organizar desfiles de moda para divulgar e fortalecer a imagem dos seus tecidos. Dentre as tecelagens destacamos a Bangu e Matarazzo que além de

[22] Salvador, capital da Bahia, chegou a receber esses desfiles promovidos pela Canadá nos anos 50.

promover eventos de moda, convidaram para montar coleções com tecidos fabricados no Brasil, os mais renomados nomes da moda de então. A Bangu chegou a contratar Jacques Fath e Givenchy e a Matarazzo, que tinha contrato com a Boussac, trouxe Dior. A década de 1950 foi um período em que o Brasil se industrializou, e as tecelagens acompanharam este processo. Até então a maior parte da matéria-prima ainda era importada, mas aos poucos o produto nacional foi ganhando espaço, a partir dos investimentos em publicidade.

A Bangu criou os concursos de beleza e elegância, "Miss Elegante Bangu" nos anos 50. De acordo com Gilbert (1993) neste evento competiam garotas de todos os estados vestidas com seus algodões em modelos assinados por José Ronaldo, um jovem estilista. A partir dos anos 60, a Rhodia, também entrou neste mercado, investindo em grandes desfiles em São Paulo. Bonadio (2006) fala sobre a Rhodia: "a empresa francesa implementa no país uma política de publicidade calcada na produção de editoriais de moda para revistas e de desfiles, que conjugavam elementos da cultura nacional, a fim de associar o produto da multinacional à criação de uma "moda brasileira". No mesmo sentido, e como nos interessa aqui particularmente, a Tecelagem Bangu buscava através dos seus desfiles-concurso incentivar o consumo de produtos nacionais e mostrar que estes tinham tanta qualidade quando os importados, além de serem mais apropriados para o nosso clima. Como diz Palomino "o *New Look* carioca, por exemplo, era mais leve, feito com fustão da tecelagem Nova América e cetim de algodão da Bangu" (2003, p. 75).

Os desfiles Bangu tinham uma finalidade: divulgar a qualidade do algodão e da tecelagem brasileira. A estratégia funcionou e os tecidos Bangu foram campões de venda por muitos anos. Em 1960, a fábrica chegou a ser a maior exportadora têxtil do país e a maior produtora de jeans.

Segundo Reis (2008), o "Miss Elegante Bangu" teve a sua primeira edição em 1951, quando D. Candinha Silveira, esposa de Joaquim Guilherme da Silveira, um dos sócios da fabrica, organizou um desfile beneficente no Copacabana Palace com os vestidos feitos com os tecidos da fábrica. No mesmo ano, a Bangu recebeu a visita do estilista francês Jacques Fath que desenhou modelos com os tecidos além de organizar o desfile de apresentação do algodão brasileiro em Paris. "Fath veio ao Brasil, contratado pela companhia, e realizou desfiles com os tecidos da Bangu no Rio, São Paulo e em Salvador, fortalecendo mais ainda a marca da fábrica" (REIS, 2008, s.p.).

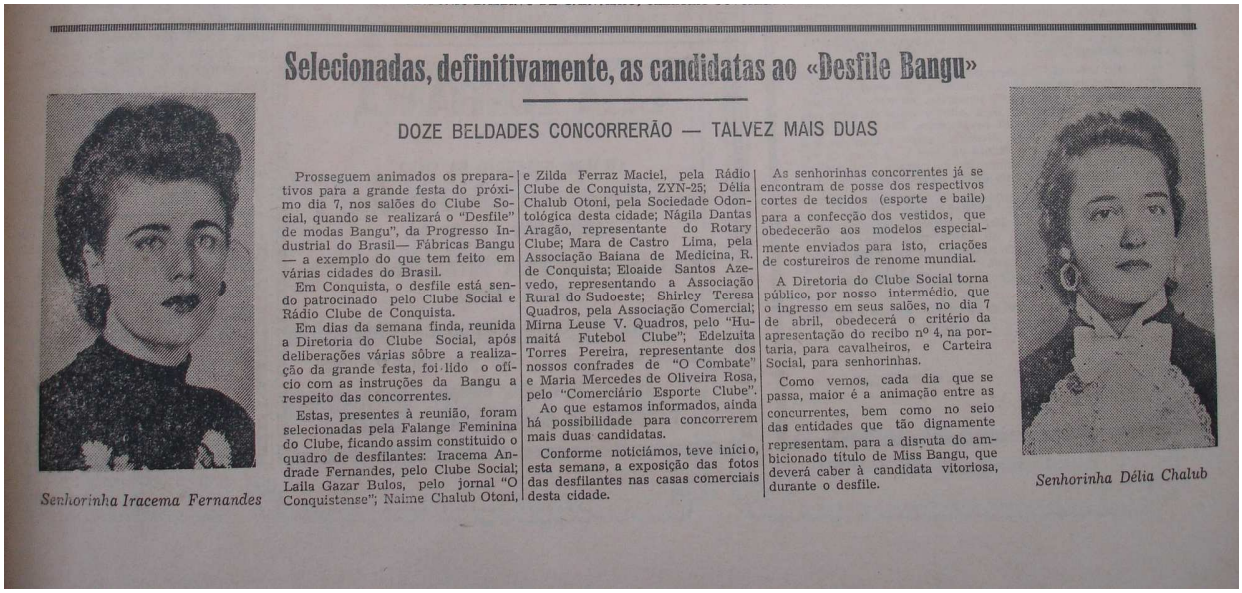
Surgiam os concursos "Miss Elegante Bangu", no Copacabana Palace e transmitidos ao vivo pela Rádio Nacional, com grande cobertura da imprensa, principalmente dos "Diários Associados" e de "O Globo", jornal no qual começava a se projetar Ibrahim Sued, grande

divulgador dos desfiles. O jornalista Manuel Bernardes Müller, citado na matéria de Augusto Reis, para a Folha da Estância (15/04/2008), retrata bem o espírito dos pioneiros desfiles da Bangu: “Assim, aqueles desfiles foram, através da divulgação nos rádios, jornais e revistas, atingir o alvo desejado, ou seja, a classe média ascendente do período pós-guerra. E daí todo o mundo passou a conhecer e valorizar os tecidos Bangu e a moda carioca, pois a Bangu é cem por cento carioca, uma personagem da cidade do Rio de Janeiro”.

A dinâmica dos desfiles da Bangu, nas diferentes cidades do país, funcionava da seguinte forma: os modelos dos trajes eram desenhados pelo estilista José Ronaldo e enviados para as localidades, juntamente com o tecido fornecido pela Bangu. Depois, as costureiras das cidades onde acontecia o evento confeccionavam as roupas, que eram pagas pelas modelos as quais, após o desfile, ficavam com o vestido.

Os desfiles da Bangu não se restringiam às capitais do país, sendo realizados em várias cidades do interior, como pudemos comprovar através da realização do evento em Vitória da Conquista. Segundo registros fotográficos e jornais pesquisados foram dois os eventos patrocinados pela tecelagem que aconteceram na cidade. Mas alguns relatos apontam para o fato de que foram realizadas mais edições do concurso.

O primeiro “Miss elegante Bangu” aconteceu em 1956 como mostra o Jornal *O Conquistense:*



Selecionadas, definitivamente, as candidatas ao «Desfile Bangu»

DOZE BELDADES CONCORRERÃO — TALVEZ MAIS DUAS

Senhorinha Iracema Fernandes

Prosseguem animados os preparativos para a grande festa do próximo dia 7, nos salões do Clube Social, quando se realizará o “Desfile” de modas Bangu”, da Progresso Industrial do Brasil— Fábricas Bangu — a exemplo do que tem feito em várias cidades do Brasil.

Em Conquista, o desfile está sendo patrocinado pelo Clube Social e Rádio Clube de Conquista.

Em dias da semana finda, reunida a Diretoria do Clube Social, após deliberações várias sôbre a realização da grande festa, foi lido o ofício com as instruções da Bangu a respeito das concorrentes.

Estas, presentes à reunião, foram selecionadas pela Falange Feminina do Clube, ficando assim constituido o quadro de desfilantes: Iracema Andrade Fernandes, pelo Clube Social; Laila Gazar Bulos, pelo jornal “O Conquistense”; Naime Chalub Otoni, e Zilda Ferraz Maciel, pela Rádio Clube de Conquista, ZYN-25; Délia Chalub Otoni, pela Sociedade Odontológica desta cidade; Nágila Dantas Aragão, representante do Rotary Clube; Mara de Castro Lima, pela Associação Baiana de Medicina, R. de Conquista; Eloaide Santos Azevedo, representando a Associação Rural do Sudoeste; Shirley Teresa Quadros, pela Associação Comercial; Mirna Leuse V. Quadros, pelo “Humaitá Futebol Clube”; Edelzuita Torres Pereira, representante dos nossos confrades de “O Combate” e Maria Mercedes de Oliveira Rosa, pelo “Comerciário Esporte Clube”.

Ao que estamos informados, ainda há possibilidade para concorrerem mais duas candidatas.

Conforme noticiámos, teve início, esta semana, a exposição das fotos das desfilantes nas casas comerciais desta cidade.

As senhorinhas concorrentes já se encontram de posse dos respectivos cortes de tecidos (esporte e baile) para a confecção dos vestidos, que obedecerão aos modelos especialmente enviados para isto, criações de costureiros de renome mundial.

A Diretoria do Clube Social torna público, por nosso intermédio, que o ingresso em seus salões, no dia 7 de abril, obedecerá o critério da apresentação do recibo nº 4, na portaria, para cavalheiros, e Carteira Social, para senhorinhas.

Como vemos, cada dia que se passa, maior é a animação entre as concurrentes, bem como no seio das entidades que tão dignamente representam, para a disputa do ambicionado título de Miss Bangu, que deverá caber à candidata vitoriosa, durante o desfile.

Senhorinha Délia Chalub

Figura 38 – Seleção de candidatas ao “Desfile Bangu”. Jornal *O Conquistense*, 17/03/1956. Acervo Arquivo Público Municipal

A figura acima mostra as primeiras noticias sobre a organização do evento na cidade e apresenta os nomes das candidatas que participaram do certame.

> Prosseguem animados os preparativos para a grande festa do próximo dia 7, nos salões do Clube Social, quando se realizará o "Desfile" de modas Bangu, da Progresso Industrial do Brasil – Fábricas Bangu – a exemplo do que tem feito em várias cidades do Brasil (JORNAL *O CONQUISTENSE*, 17/03/56).

O primeiro Desfile na cidade foi organizado pelo Clube Social em parceria com a Rádio Clube de Conquista. Segundo o jornal, durante reunião em que se anunciou os nomes das concorrentes, foram lidas as instruções da Bangu sobre procedimentos para realização do evento. As candidatas, para esta primeira edição, foram selecionadas pela falange feminina do Clube.

O jornal ainda comenta que as fotografias das concorrentes estavam em exposição nas casas comerciais da cidade. "As fotografias das concorrentes continuam expostas nas vitrines da casa Luna e Celino" (JORNAL *O CONQUISTENSE*, 31/03/56). As duas lojas citadas eram as que comercializavam os tecidos Bangu na cidade. O jornal também divulgava que as candidatas já estavam de posse dos cortes de tecido (esporte e baile) para a confecção dos vestidos, que obedeceriam aos modelos enviados pela Bangu, com criações de "costureiros de renome mundial".

Vitória da Conquista (Bahia), 31 de março de 1956.

Parada de Modas

Sábado próximo vindouro

Grande animação - E' enorme a espectativa em tôrno do grandioso desfile - Outras notas.

Senhorita Maria Mercedes Rosa, representante do "Comercio Esporte Clube".

Faltam sòmente oito dias para a grande parada de modas no Clube Social, instituída pelas Fábricas Bangu. O público já conhece os nomes das candidatas e das entidades que elas representam. Trese patrocinadores de trese lindas e elegantes conquistenses que irão mostrar ao Brasil as nossas possibilidades em matéria de beleza e de bom-gôsto. Reina grande animação em tôrno do grandioso desfile. E' enorme a espectativa nas rodas elegantes da cidade. E tudo indica que o êxito da festa será retumbante.

A Diretoria do Clube Social vem trabalhando intensamente no sentido de que tudo corra às mil maravilhas. Providências e mais providências estão sendo tomadas pelos incansáveis dirigentes do simpático Clube, podendo afirmar-se que a nossa cidade vai assistir a uma reunião inédita, cujo brilhantismo muito há de recomendar o nome já aureolado de V. da Conquista.

Esgotadas as mesas no Clube Social

Tivemos oportunidade de verificar que todas as mesas do Clube Social já foram vendidas e que é digno de nota o interêsse que a parada está despertando em várias cidades baianas e mineiras, muitas das quais se farão representar por intermédio de suas entidades recreativas.

Os diretores das Fábricas Bangu, presentes ao desfile, serão os juizes para a escolha de nossa "Miss Bangu". E, como já tivemos oportunidade de anunciar, a Rádio Nacional já começou a cobertura do desfile, com notícias minuciosas sôbre o mesmo. Representantes dessa importante emissora, bem como representantes de vários jornais e revistas da Capital do país e da Capital baiana, estarão presentes à magnífica reunião a que vamos assistir no próximo sábado.

Especialmente convidada pela Diretoria do Clube Social, estará presente a senhorita Nenem Pereira, que aqui residiu durante muitos anos e que, por várias vêzes, deleitou a nossa sociedade com a sua voz repleta de maviosidade.

As fotografias das concorrentes continuam expostas nas vitrinas das Casas Luna e Celino.

Quem será a "Miss Bangu" conquistense? Não sabemos. Todas as concorrentes são dignas do cobiçado título. Entretanto, desejamos, nesta oportunidade, prestar uma homenagem especial à Senhorita Leila Buios, que desfilará como representante de "O Conquistense" e que, pela sua beleza e elegância, está credenciada a exercer notável influência no ânimo dos juizes cariocas.

Senhorita Mirna Quadros, representante do "Conquista Futebol Clube".

Senhorita Leila Buios, representante de "O Conquistense".

Senhorita Elnaide Azevedo, representante da "Associação Rural do Sudoeste Baiano".

Senhorita Nelme Chaluh, representante do "Rádio Clube de Conquista".

Figura 39 - Paradas de Modas.
Jornal *O Conquistense*, 31/03/56.
Acervo Arquivo Público Municipal.

O CONQUISTENSE

BELEZAS EM DESFILE

Elegância, porte e desembaraço.

Uma grande surpresa

Abertura do Desfile pela Rádio Nacional

Mais um presente para Miss Bangu

CONVITE

Secção

Figura 40 – Belezas em desfile.
Jornal *O Conquistense*, 31/03/56.
Acervo Arquivo Público Municipal.

Nas edições que se seguiram, anteriores ao desfile, o jornal *O Conquistense* trouxe a apresentação das candidatas com fotos e a descrição dos respectivos patrocinadores. A ampla cobertura que os jornais da cidade deram à realização do primeiro Desfile da Bangu mostra como a sociedade conquistense estava ansiosa para receber do evento.

> Treze lindas e elegantes conquistenses iram mostrar ao Brasil as nossas possibilidades em matéria de beleza e de bom gosto. Reina grande animação em torno do grandioso desfile. È enorme a expectativa nas rodas elegantes da cidade. E tudo indica que o êxito da festa será retumbante (JORNAL *O CONQUISTENSE, 31/03/56).*

Na mesma matéria, *O Conquistense* chama a atenção para o fato de que todas as mesas do Clube haviam sido comercializadas e fala do interesse que o desfile estava despertando em outras cidades baianas e mineiras. As notícias sobre o desfile também foram divulgadas pela Rádio Nacional, um dos patrocinadores dos Desfiles da Bangu no país.

Figura 41 –Naime Chalub ,Desfile Bangu, 1956.
Acervo Clube Social.

Como diz Joffily (1999) participar de um concurso era um sonho de toda moça de classe média, principalmente das mais pobres. Significava o estrelato, viagens internacionais, consagração e reconhecimento. Em Vitória da Conquista, as jovens sonhavam em desfilar os modelos de costureiros famosos e quem sabe até serem indicadas para as edições estadual e nacional. Celeste Rosa observando as fotografias do desfile comenta:

> As moças ficavam com o olho comprido de inveja, porque nem todas podiam participar. Eram casadas, não eram as mais bonitinhas, as mais cotadas. Olha essas moças, aqui atrás, morrendo de inveja porque não desfilaram (dá risadas).

Figura 42 – Edelzuita Torres, Desfile Bangu, 1956. Acervo Clube Social.

Ao observarmos a imagem, despertou nossa atenção o fato de as jovens que assistiam ao desfile já estarem usando os mesmos tecidos estampados das candidatas. Talvez esta questão possa ser explicada pelo fato de que mesmo antes da realização do desfiles os tecidos já estavam expostos nas lojas que vendiam os produtos da Bangu. As mulheres da sociedade se preparavam com esmero para participar da festa. Vestiam os modelos da última moda de São Paulo e Rio de Janeiro, com modelos copiados das revistas de moda ou das atrizes e famosas que apareciam nas páginas de *O Cruzeiro* e reproduzidos pelas costureiras afamadas da cidade.

Figura 43 - Mercedes Rosa, Desfile Bangu, 1956. Acervo Clube Social

Figura 44 - Laila Bulos, Desfile Bangu, 1956. Acervo Clube Social

Figura 45 - Traje de Baile, Desfile Bangu, 1956. Acervo Rádio Clube

Figura 46 - Traje Esporte, Desfile Bangu, 1956. Acervo Rádio Clube.

Figura 47 – Mara Castro Lima e Zilda Maciel, Desfile Bangu, 1956. Acervo Clube Social.

A imagem acima mostra as primeiras colocadas na edição do "Miss Elegante Bangu", em Vitória da Conquista. Em primeiro lugar ficou Zilda Maciel, pela Rádio Clube, e em segundo lugar Mara Castro Lima, pela Associação Médica. Segundo *O Conquistense*, 14 de abril de 1956, a escolha da vencedora não foi fácil como "demonstrou o tempo que levou, para decidir-se, a comissão julgadora constituída pelas senhoras Carlos Maron e José Moreira, da sociedade de Itabuna; Drs. Adriano Carneiro, Rui Cajueiro e Elias Pires, de Ilhéus".

Durante o Desfile, os locutores apresentavam as candidatas e, principalmente, os trajes que estavam usando. Destacando o corte diferenciado, o tipo de tecido, as estampas umas vez que o objetivo maior era a publicização dos produtos da tecelagem Bangu.

De acordo com o jornal as dependências do Clube ficaram repletas, uma vez que todos os sócios fizeram questão de apreciar essa demonstração de arte e bom gosto. Sobre o desfile o colunista de *O Conquistense* declarou: "foi um poema vivo, dedicado à graça, à beleza, à elegância e ao desembaraço, o que tivemos ocasião de presenciar nessa noite encantadora". O

único ponto negativo apontado na matéria foi o fato dos representantes da Bangu não terem comparecido ao evento.

Após o desfile, os presentes foram brindados com um baile. Para animar a festa, foi escolhida uma das melhores orquestras da região e o público ainda pode apreciar a voz "acariciante" da conquistense Nenen Pereira, cantora que estava residindo no Rio de Janeiro e retornou especialmente para a ocasião. Ao som dos *hits* da época e dos indefectíveis boleros, o evento atravessou a madrugada e terminando quando o dia já estava amanhecendo. Era uma festa muito concorrida e mobilizava não só a sociedade conquistense, mas toda a região como pudemos evidenciar a partir da participação de personalidades de outras cidades.

Figura 48 - Cantora Nenen Pereira, Desfile da Bangu, 1956.
Acervo Clube social

Outro desfile da Bangu que aconteceu na cidade, e que temos registros, foi o de 1958. Este evento era promovido pela tecelagem de dois em dois anos por todo o país e, Vitória da Conquista, como falamos anteriormente, a partir de 56, passou a fazer parte do seu calendário.

Alguns relatos dão conta de que outros eventos foram realizados, mas que já não despertava tanto o interesse. Segundo Celeste Rosa “foi perdendo a graça”. Um forte indício de que ocorreram mais desfiles é o depoimento de Terezinha Mascarenhas que afirma ter organizado desfiles, patrocinados pela Bangu. Da mesma forma que o primeiro desfile, o segundo também foi aguardado com ansiedade pela boa sociedade conquistense.

> Aproximando-se cada vez mais a realização da elegantíssima festa com o Desfile Bangu, grande é animação entre as desfilantes, bem como entre os sócios. Isto podemos constatar junto a diretoria, que já alugou quase todas as mezas e toma as últimas deliberações para maior êxito da grande parada de modas, estando mesmo empenhada com a Cia. Produções Herbert Richers da Cino Filmes, para que o Desfile e Festa sejam filmados (*sic*) (JORNAL *O COMBATE*, 17/05/58).

Nas publicações posteriores, o jornal se dedicou a apresentar um perfil das moças que estariam concorrendo ao “Miss Elegante Bangu” daquele ano. Deste segundo evento da Bangu não foi possível encontrar arquivo de imagens tão amplo como do que aconteceu em 1956. Na verdade, quando nos deparamos com o conjunto de imagens dos desfiles pensamos, num primeiro momento, se tratar de um mesmo acontecimento. Só mais tarde, ao analisarmos as imagens separadamente e confrontá-las com recortes de jornais da época e depoimentos é que pudemos diferenciá-las. Como diz Leite (2001) é do cruzamento da imagem com outros documentos que pode-se reconstruir as práticas sociais de um grupo.

Em meio aos arquivos do Clube estava um álbum de fotografias que trazia a inscrição “Desfile da Bangu”. Comparando com outras imagens avulsas, que provavelmente faziam parte de outros álbuns, que hoje não existe mais, percebemos que não se tratou de um evento isolado, mas que em anos seguidos a Bangu patrocinou eventos de moda na cidade. Essa constatação foi possível também pela informação de que o Clube Social, fundado em 1945, funcionava numa casa, de forma provisória, e que a construção da sede própria iniciou nos primeiros anos da década de 1950, sendo inaugurado em 57. Uma informação importante que nos levou a concluir que se tratavam de eventos distintos foi a imagem do mezanino, que aparece na fotografia abaixo, e que o Clube possui até hoje.

Figura 49 – Nailde Torres, Miss Elegante Bangu, 1958.
Acervo Clube Social

Figura 50– Athene Brasil, segunda colocada e Nailde Torres, Miss Elegante Bangu 1958.
Acervo Clube Social

3.3 Misses, rainhas e princesas da beleza

Não é possível precisar ao certo quando começaram a ser promovidos os concursos de beleza em Vitória da Conquista. O jornal *O Combate*, de 01 de maio de 1958, fala de eventos

desta natureza que ocorreram na cidade em 1951: Rainha do Carnaval e da Primavera. Podemos nós arriscar em dizer que os primeiros concursos são anteriores à década de 50 e, provavelmente, após a inauguração do Clube Social, em 1945, ganharam força, pois criou-se na cidade um espaço propício para realização de concursos e desfiles de moda.

Figura 51 – Rainha da Primavera, provavelmente, início dos anos 50. Acervo Clube Social

Sobre a realização das festas em que aconteciam os concursos, Marisa Correia diz:

> Tinham festas típicas que aconteciam em determinadas épocas do ano, mais ou menos na mesma data. Mês de maio tinha a festa das Rosas, mês de setembro a festa da Primavera, que era em torno de 20 a 22 de setembro.

Essas eram festividades que já estavam integradas ao calendário oficial da cidade e eram aguardadas com entusiasmo pela população. O concurso de Rainha das Rosas, diferente de outros eventos, não dependia tanto da beleza e apresentação das candidatas, mas da capacidade destas para vender votos, como diz uma das candidatas, Srta. Solange Dias, em entrevista ao jornal *O Combate*:

> [...] o resultado em concursos como este depende muito mais da capacidade de vender votos, pois não influi qualquer qualidade ou atributos pessoais,

> mas a quantidade de votos apurados e qualquer que seja a vencedora estarei satisfeita, pois se terá alcançado o fim previsto que é a obtenção de recursos para o Orfanato Santa Catarina de Sena (JORNAL *O COMBATE*, 17/05/59)

O concurso ao qual nos referimos aconteceu no dia 27 de maio de 59, promovido pela Casa da Amizade, uma associação de senhoras pertencentes ao Rotary Clube.

O COMBATE — 31 — 5 — 1959 — V. da Conquista

Com grande êxito chega ao final o concurso RAINHA DAS ROSAS

SIMONE SILVA

Decididamente o concurso para «Rainha das Rosas», foi o que maior interêsse despertou à Sociedade de Vitória da Conquista. Talvez por ser inédito em nosso meio ou talvez pelas sua finalidade tão justa e humana: o término do Orfanato Santa Catarina de Sena. O fato foi que o povo aceitou de braços abertos e o acompanhou com real interêsse, demonstrando grande ansiedade quanto ao seu resultado. Na verdade, foi um tanto difícil escolher uma rainha, dentre seis jovens bonitas, representantes ideais da juventude conquistense.

Realizada a ultima apuração no dia 27, sagrou-se vencedora a candidata das classes liberais srta. Maria da Conceição Piton-Lia, com o seu tipo sereno e clássico de Sinhá Moça de Engenho, com seus olhos azuis e seus dezeseis verdes anos, foi eleita e receberá no dia 30 a côroa de «Rainha das Rosas 1959». A Lia os nossos parabéns. Merece louvores a feliz iniciativa da Casa da Amizade, instituição que apesar de criada há pouco tempo já se fez conhecida e respeitada pelas bôas causas que vem patrocinando, principalmente em favor das crianças desta cidade.

A estas alturas, cada rotariano, cada senhora da Casa da Amizade, há de se sentir feliz pelo muito que concorreu para o amparo das crianças orfãs pobres de Conquista.

Que a boa acolhida que lhes deram os patrocinadores de cada candidata, a Associação Rural, a Escola Normal, o Clube Social Conquista, as Classes Liberais, a Associação Comercial e organisação Comercial Hormindo Barros e Ginásio de Conquista, sirva de incentivo às outras instituições e outras entidades, para que trabalhem, para que construam.

Gente, há grande felicidade no rosto de todo conquistense que concorreu com dez ou com mil cruzeiros para este concurso.

Há grande contentamento no coração da rainha Lia, das princesas Janete e Solange, de Marilene, Neuza e Luizete; é uma sensação conciente e verdadeira de ter com a sua beleza, graça e juventude que Deus lhes deu, concorrido para a boa formação dos seus pequenos semelhantes. Se toda beleza feminina, fosse sempre, como neste concurso, usada para trazer felicidade às crianças, haveria muito mais felicidade no mundo e muito mais mulheres bonitas.

Gente, quando vir uma criança, dessas muitas que por aí andam sem dono e sem autor, como ladainha de igreja, rir um riso que não é mais tristeza e uma nova luz nos olhinhos apagados, saibam que essa luz é a esperança, e êsse riso é uma maneira tímida, o quase comovente, de dizer: *muito obrigado*.

Conquista, 27 — 5 — 1959.

Figura 52 – Rainha das Rosas, Jornal *O Combate*, 31/05/59.
Acervo Arquivo Público Municipal

Figura 53 - Marilene Bacelar, foto de divulgação da candidata a Rainha das Rosas, 1959.
Acervo Marilene Bacelar

A fotografia[23] acima, de Marilene Bacelar, candidata a Rainha das Rosas de 1959, foi produzida para que a comunidade ficasse conhecendo as participantes. Como a escolha não era feita no dia do evento, por um júri, e sim através da compra de voto, a organização do concurso se utilizou do artifício de distribuir no comércio local fotografias das candidatas com nome dos respectivos patrocinadores. Marilene relembra, ao pegar as fotos, de sua participação no evento e de como era feita a escolha:

[23] A foto foi feita em estúdio Chagas. Segundo relatos foi o fotógrafo mais famoso da época, responsável por registrar os principais eventos da cidade.

> Eu tenho as fotos de quando fui candidata a Rainha das Rosas. A foto ficava exposta na loja Celino, Luna e outra onde hoje é a Nacional, que não lembro o nome. [...] Elas ficavam nas vitrines e os votos eram vendidos. O dinheiro era arrecadado em benefício de alguma instituição. Então, ganhava quem mais arrecadasse. [...] Como muitas pessoas não conheciam as moças então tirou-se as fotos para colocar nas lojas. Aí a pessoa comprava o tíquete.

Sobre a escolha das candidatas ela diz:

> Fazia o convite (falando dos organizadores). Então eles indicavam as moças mais elegantes, mais bonitas. Foi igual o da Rainha da Rosas – eu não dou pra isso, por incrível que pareça eu sou tímida. [...] Já nem falavam comigo não. Eles iam logo ao meu pai. Encontraram ele na rua e foram logo dizendo que eu era de menor e que precisava da autorização. Ele disse: - se ela quiser tudo bem. Aí eles chegaram só para me participar, foi um choque danado. E eu perguntei se não quisesse, e eles: - não pode seu pai já deu a palavra. Mas, eu não vendi nenhum voto, nem pra mim nem pra ninguém, não era ligada nessas coisas não.

Ao sair para procurar as fotografias do concurso, Marilene se lembrou que ainda guardava o vestido que usou no evento. Procurou por toda a casa, mobilizou as pessoas e não encontrou. Podemos perceber sua tristeza ao perceber que alguma coisa havia acontecido ao seu vestido, que tinha guardado por tantos anos com tanto carinho. Isto nos fez lembrar de Stallybrass (2004) que diz que a magia das roupas esta no fato de que elas nos recebe, conta as nossas histórias. No mesmo sentido Perrot diz “o armário de roupa é ao mesmo tempo o cofre e o relicário” (1989, p. 14). As roupas são responsáveis também por preservar, guardar as nossas memórias.

A vencedora do concurso foi a Sta. Maria Conceição, que como diz o colunista do jornal *O Combate* apresentava um tipo “sereno e clássico de Sinhá Moça de Engenho, com seus olhos azuis e seus dezesseis verdes anos” (31/05/59). A pouca idade da vencedora nos faz pensar que esses concursos na cidade tinham, como os bailes de debutantes, a função de apresentar as moças à sociedade. Como dizem algumas das participantes da pesquisa, antes de completar 15 anos não era permitido nem que freqüentassem as festas. Algumas relatam que ficavam do lado de fora do Clube “espiando”.

Para se tornar candidata a Rainha das Rosas, Marilene Bacelar passou por uma transformação no visual e, a partir de então, tornou-se referência de beleza e elegância. Em seu depoimento ela fala sobre conversa que teve com colunista do jornal *O Combate*, que sempre a estava citando na sua coluna como referência para as jovens da cidade.

> O povo falava: - você só anda na coluna social. E eu dizia: - eu não gosto, porque não sou filha de homem rico, não sou nada. Aí o colunista, que era casado com uma amiga minha, disse: - eu não sei qual o critério que o outro jornal usa, o meu critério é quem veste bem, quem sabe entrar e sair de um lugar e isso você sabe. Ninguém veste melhor do que você aqui em Conquista. (MARILENE BACELAR)

Como dizem os autores que se dedicam ao estudo da memória é comum as pessoas fazerem recortes dos fatos sempre se colocando numa posição que as favoreça.

> Ao rememorar, os indivíduos estão construindo um sentido da imagem de si, para si e para os outros. Isto é, a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida, referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros (POLLAK, 1992, p.204).

Até que ponto realmente Marilene gozava, na sociedade conquistense, do reconhecimento como modelo de elegância é difícil afirmar. A sua aparição com freqüência também nas páginas desde citado jornal pode estar relacionada ao fato deste pertencer à sua família e de ter uma relação de amizade com o colunista. Entretanto, numa cidade interiorana em que os ciclos sociais eram bastante restritos, pode explicar o fato de serem recorrentes as lembranças. Nas páginas das publicações locais, as imagens e citações privilegiam sempre dos mesmos atores sociais.

Mas, talvez possamos afirmar que, ainda que dissesse que não se interessava muito por este tipo de evento ou que a participação nos mesmos não fazia parte de suas preocupações, a sua rotina foi modificada de alguma forma e a maneira como esta passou a ser vista pela sociedade também deve ter sofrido alguma alteração. As transformações, no que se refere ao visual de Marilene, podem ser notadas nas imagens que se seguem.

Figura 54 - Marilene Bacelar, 1958.
Acervo de família

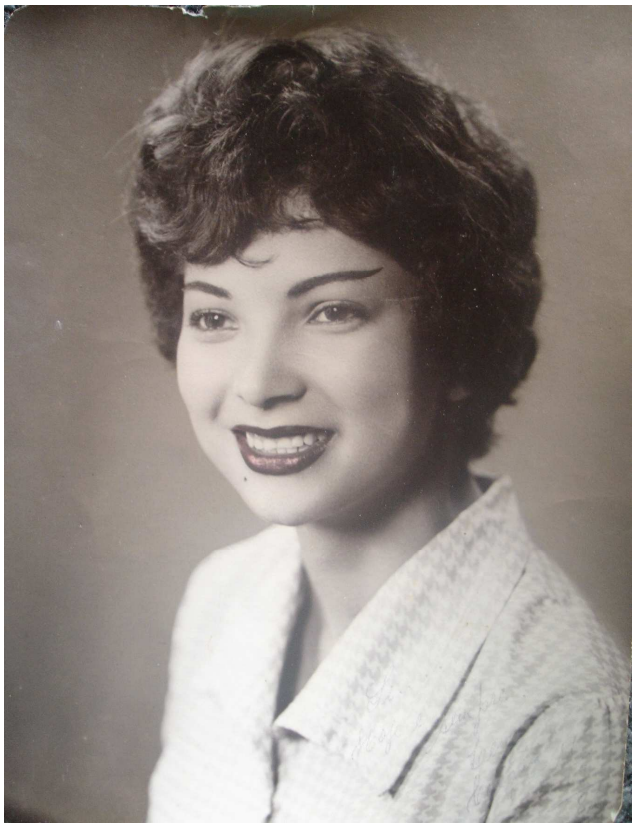


Figura 55 - Marilene Bacelar , candidata
Rainha das Rosas, 1959. Acervo de família

Sobre as mudanças que ocorrem na vida das jovens que participam dos concursos de beleza o pensamento de Sant´Anna corrobora as nossas formulações.

> A jovem que tantos esforços realizava para moldar-se numa outra pessoa, via sua vida ressignificada. Tais mudanças, para algumas, poderiam durar apenas o tempo de seu reinado, para outras, devido a dimensão de sua coroa, nunca mais voltariam ao anonimato (SANT´ANNA, 2007, s.p.).

A partir de 1956, Vitória da Conquista passou a fazer parte do calendário nacional do "Miss Brasil". Segundo Jornal *O Conquistense*, de 21 de abril do referido ano, o evento foi organizado pelo Clube Social numa solicitação dos Diários Associados de Salvador, organizador e divulgador do concurso nacionalmente. Não conseguimos encontrar nem em jornais, nem com as pessoas e o próprio Clube informações sobre o desenrolar do evento, imagens, nem confirmar quantas edições aconteceram do "Miss Conquista".

De acordo com *O Conquistense*, os critérios para escolha das candidatas não se fixava medidas mínimas, como altura e peso, como acontece hoje. As jovens escolhidas para o concurso deveriam obedecer ao seguinte critério: beleza de rosto, perfeição de linhas, graça, personalidade e desembaraço social. Segundo Sant´Anna (2007) "a beleza selecionada no concurso "Miss Brasil" deveria melhor expressar a suavidade, a ternura e a meiguice do que a capacidade de atração da candidata".

Outros concursos "pipocavam" pela cidade, como também acontecia em outras localidades do país, e em quase todas eram eventos considerados dos mais importantes. Dentre os mais esperados em Vitória da Conquista, estava o concurso de Rainha da Primavera que era realizado sempre no mês de setembro, uma festa que já fazia parte do calendário oficial da cidade. O jornal *O Conquistense*, de 28 de setembro de 1957, comenta sobre a festa:

> O Clube Social Conquista, mais uma vez, realizou uma noitada brilhante, com a tradicional "Festa da Primavera". Seguindo o programa previamente anunciado, após a recepção das comitivas das cidades de Itambé e Jequié, realizou-se o ato solene da coroação da Rainha da Primavera de Vitória da Conquista de 1957, Srta. Shirley Teresa Quadros.

Assim como acontecia com o concurso de Rainha das Rosas neste evento as candidatas também eram escolhidas pelo número de votos que vendessem. O dinheiro arrecadado em festas como esta foi investido na construção da nova sede do Clube.

A imagem abaixo é da Rainha da Primavera de 1958, a qual foi eleita a Sta. Teresinha Costa. No mesmo plano as princesas da Primavera de 1957, Darci Habib e Helena Kouri; e de 1958, Zilma Pinto e Dalva Gusmão.

Figura 56 - Coroação da Rainha da Primavera, 1958.
Acervo Clube Social.

Figura 57 - Rainha da Primavera Teresinha Costa, 1958.
Acervo Clube Social

Coroação solene, ontem

da Rainha da Primavera

Em festa encantadora realizada ontem no Clube Social Conquista foi coroada Rainha da Primavera de 1958 a srta. TERESINHA PEREIRA COSTA, modelar aluna do Ginásio de Conquista.

O ato da coroação foi assinalado por solenidades bem expressivas e contou com a presença de representações dos municípios vizinhos.

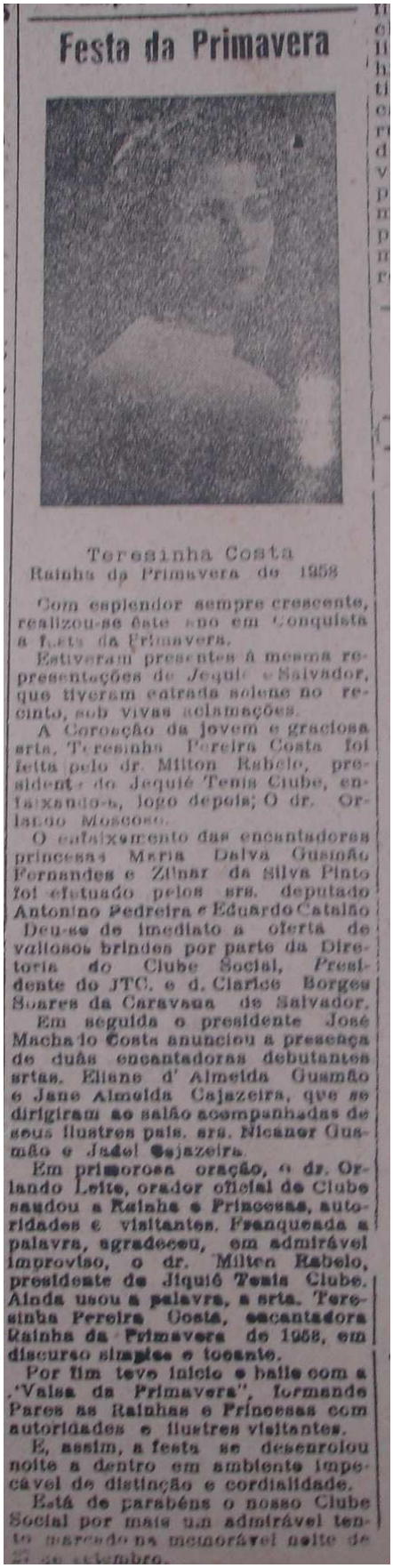
Abrilhantou o «SHOW» a participação de artistas do Rio, entre os quais se encontrava a simpática figura de Adelaide Chioso.

Magnífica festa, de que daremos detalhes em nossa edição de terça-feira próxima, pois «O COMBATE» circulará extraordinàriamente nesse dia.

Aguardem, pois.

Teresinha Costa
Rainha da Primavera de 1958

Figura 58 – Rainha da Primavera.
Jornal *O Combate*, 28/09/1958.
Acervo Arquivo Público Municipal.



Festa da Primavera

Teresinha Costa
Rainha da Primavera de 1958

Com esplendor sempre crescente, realizou-se êste ano em Conquista a festa da Primavera.

Estiveram presentes à mesma representações de Jequié e Salvador, que tiveram entrada solene no recinto, sob vivas aclamações.

A Coroação da jovem e graciosa srta. Teresinha Pereira Costa foi feita pelo dr. Milton Rabelo, presidente do Jequié Tenis Clube, enfaixando-a, logo depois, o dr. Orlando Moscoso.

O enfaixamento das encantadoras princesas Maria Dalva Gusmão Fernandes e Zilnar da Silva Pinto foi efetuado pelos srs. deputado Antonino Pedreira e Eduardo Catalão.

Deu-se de imediato a oferta de valiosos brindes por parte da Diretoria do Clube Social, Presidente do JTC, e d. Clarice Borges Soares da Caravana de Salvador.

Em seguida o presidente José Machado Costa anunciou a presença de duas encantadoras debutantes srtas. Eliane d' Almeida Gusmão e Jane Almeida Cajazeira, que se dirigiram ao salão acompanhadas de seus ilustres pais, srs. Nicanor Gusmão e Jadel Cajazeira.

Em primorosa oração, o dr. Orlando Leite, orador oficial do Clube saudou a Rainha e Princesas, autoridades e visitantes. Franqueada a palavra, agradeceu, em admirável improviso, o dr. Milton Rabelo, presidente do Jiquié Tenis Clube. Ainda usou a palavra, a srta. Teresinha Pereira Costa, encantadora Rainha da Primavera de 1958, em discurso simples e tocante.

Por fim teve início o baile com a "Valsa da Primavera", formando Pares as Rainhas e Princesas com autoridades e ilustres visitantes.

E, assim, a festa se desenrolou noite a dentro em ambiente impecável de distinção e cordialidade.

Está de parabéns o nosso Clube Social por mais um admirável ensaio marcado na memorável noite de [illegible] de setembro.

Figura 59 – Festa da Primavera.
Jornal *O Combate*, 28/09/1958.
Acervo Arquivo Público Municipal.

As duas matérias apresentadas acima foram publicadas na mesma edição do Jornal O Combate, logo após a realização do concurso. A primeira notícia foi veiculada na pagina de coluna social e a outra no corpo do jornal. Pelo espaço dedicado à veiculação de notícias sobre o evento podemos deduzir como este se configurava como evento importante da cidade, que despertava interesse da comunidade.

Como mostra a matéria os preparativos eram feitos com esmero. A festa, além do desfile das beldades da cidade, contava com show dançante que, segundo o próprio jornal, ia até alta madrugada. Para este evento, em específico, como destaca a publicação, foram contratados artistas do Rio de Janeiro para abrilhantar a festa. A participação de caravanas de outras cidades como Salvador, Jequié e outras localidades próximas davam a dimensão do evento e são comentados não só nos jornais, mas também nos relatos das senhoras participantes da pesquisa.

Marisa Correia lembra-se do *glamour* que envolvia a festa, de como as mulheres se preparavam e do vestuário luxuoso.

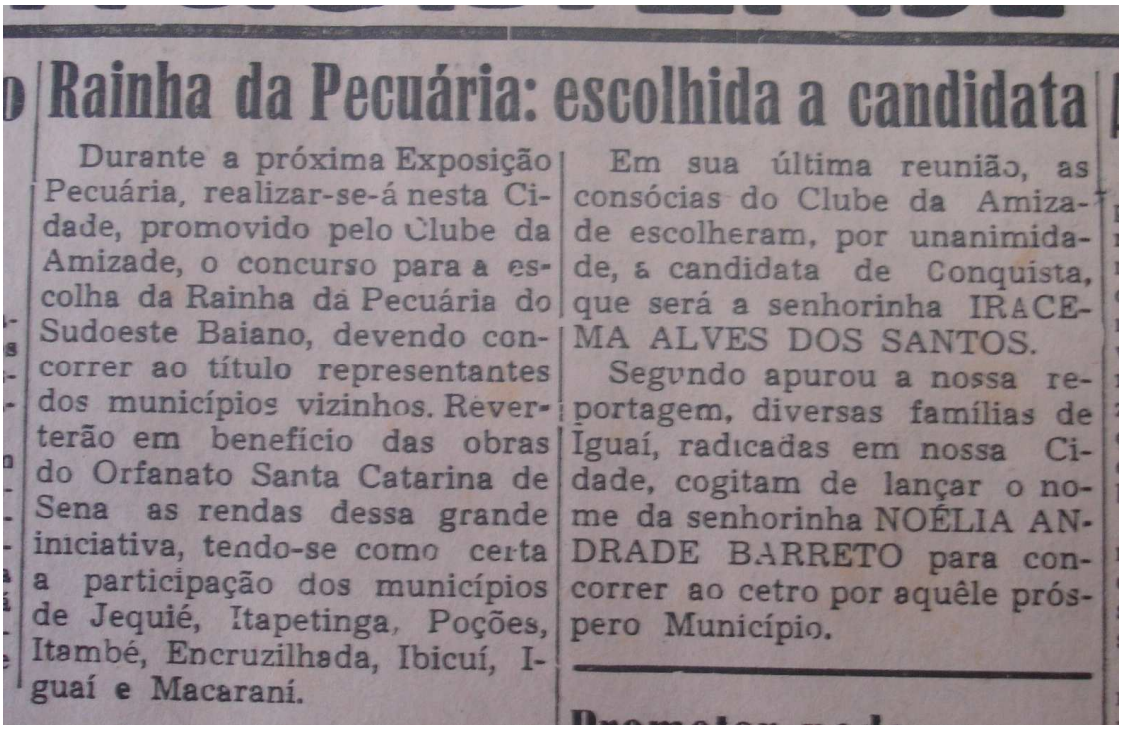
> Era uma noite de muita festa, de muito *glamour*. Todo mundo de roupa muito bem cuidada, tecidos finos. Era o que a gente podia chamar de uma festa *chic*. Eram roupas esporte fino, vestidos esporte fino.

Como mostra o depoimento acima, a participação das moças no concurso exigia um investimento alto para a confecção dos trajes. Como já nos referimos ao tratar dos Desfiles da Bangu, na maioria das vezes era a própria candidata que arcava com os custos da roupa o que limitava a participação das jovens no certame. Não bastava ter um rosto bonito, fazia-se necessário ter condições de custear a produção para o concurso, quando estes não tinham patrocinadores. Marilene Bacelar lembra que já deixou de participar de alguns concursos por conta de “despesas com a roupa”.

O vestuário usado pela rainha e princesas da primavera retrata bem a moda do período. Era uma moda que acentuava todas as curvas do corpo das mulheres, além de ser extremamente luxuosa. A riqueza dos trajes indicava que o concurso não era acessível a todas as moças da sociedade. Era à elite econômica e social da cidade que era destinada. Segundo outros relatos, que já tratamos num outro momento, o acesso ao Clube Social era restrito aos sócios e convidados o que reforça a afirmação de que só uma elite social podia participar dos eventos.

Figura 60 – O requinte e riqueza de detalhes e materiais usados na confecção do traje.
Dalva Gusmão, princesa da Primavera de 1958.
Acervo de família

Retornando à analise sobre os concursos de beleza que aconteciam na cidade e, como já falamos anteriormente, eram acontecimentos que despertavam o fascínio das pessoas o que pode explicar até hoje o interesse da população em eventos desta natureza. No período analisado, a partir dos dados arrolados nesta pesquisa podemos perceber que além dos tradicionais concursos outros eventos também realizavam estas disputas e mesmo em acontecimentos nos quais não estava em jogo a beleza das candidatas acabavam despertando atenção das jovens, como é o caso do concurso de Rainha do Rádio. Estes passavam a figurar, também, como referências de beleza e de moda para as moças da cidade.



Rainha da Pecuária: escolhida a candidata

Durante a próxima Exposição Pecuária, realizar-se-á nesta Cidade, promovido pelo Clube da Amizade, o concurso para a escolha da Rainha da Pecuária do Sudoeste Baiano, devendo concorrer ao título representantes dos municípios vizinhos. Reverterão em benefício das obras do Orfanato Santa Catarina de Sena as rendas dessa grande iniciativa, tendo-se como certa a participação dos municípios de Jequié, Itapetinga, Poções, Itambé, Encruzilhada, Ibicuí, Iguaí e Macaraní.

Em sua última reunião, as consócias do Clube da Amizade escolheram, por unanimidade, a candidata de Conquista, que será a senhorinha IRACEMA ALVES DOS SANTOS.

Segundo apurou a nossa reportagem, diversas famílias de Iguaí, radicadas em nossa Cidade, cogitam de lançar o nome da senhorinha NOÉLIA ANDRADE BARRETO para concorrer ao cetro por aquêle próspero Município.

Figura 61– Rainha da Pecuária.
Jornal *O Conquistense*, 17/10/1959.
Acervo Museu Regional

Os diversos eventos para escolha das belezas conquistenses extrapolaram o âmbito da cidade, inspirando a realização de concursos também nos distritos que compunham o município e outras cidades circunvizinhas, que tinham Vitória da Conquista como referência. Abaixo segue a notícia publicada no jornal *O Conquistense*, de 20 de outubro de 1956, sobre a realização do concurso “Da Mais Bela” realizado no arraial de Icaraí, que em breve seria promovido a distrito de Vitória da Conquista.

Circula aos sábados

O CO

Raínha da Beleza

O arraial de Icaraí, a futura sede de mais um distrito de V. da Conquista, essa terra de gente humilde, trabalhadora, honesta e boa, vivendo paralelamente à vida das grandes cidades, está lançando, pela primeira vez, o concurso DA MAIS BELA de sua honrada sociedade.

Temos, assim, à apreciação dos nossos leitores, quatro belezas concorrendo ao título de Rainha:— Alice Requião, Sabina Amaro Silva, Ivonete Abreu Barreto e Ivete Abreu Barreto.

Alice Requião

Sabina Amaro Silva

Ao que estamos, seguramente, informados, outras candidatas aparecerão, ainda, aumentando as atenções dos cabos eleitorais.

Reina grande animação em tôrno do importante concurso.

O «O Conquistense», que sempre bate palmas às iniciativas do BELO e da HARMONIA, manda os seus aplausos ao querido povo de Icaraí, desejando que o concurso, em tela, seja coroado de êxito.

Ivete Abreu Barreto

Ivonete Abreu Barreto

Figura 62 – Rainha da beleza.
Jornal *O Conquistense*, 20 /10/1956.
Acervo Arquivo Público Municipal

3.4 Postura e elegância: preparação para a passarela

Antes de avançarmos mais, faz-se necessário tecer um breve comentário sobre a preparação das moças da cidade para a participação nos concurso de Miss. No decorrer de nossas pesquisas não encontramos muitas referências sobre como se dava o processo de preparação e treinamento das jovens para estes eventos, principalmente no que se refere aos concursos de beleza. A primeira referência a este fato foi notada quando da primeira edição

do concurso de “Miss Elegante Bangu”, sobre o fato de não ser apenas um concurso de beleza, mas um desfile de moda.

Segundo informações colhidas através dos depoimentos e de notícias divulgadas na imprensa local, a Bangu enviava para a localidade algumas jovens, modelos que rodavam o país representando a marca em eventos desta natureza, para colaborar na escolha e treinar as moças. Quando se tratava de concursos promovidos pela própria comunidade era designada uma pessoa para preparação das moças. Normalmente, como quem organizava as festas era um grupo de mulheres da Casa da Amizade ou da falange feminina do Clube Social, escolhia-se entre as integrantes dessas associações aquela considerada a mais elegante, que tinha noções de etiqueta, etc.

Figura 63 - Marlene Barros. Desfile da Bangu, 1956.
Acervo Clube Social

Analisando as imagens do desfile da Bangu de 1956 e, comparando com desfiles de moda nacionais e internacionais, percebemos, através da postura corporal das participantes do evento, que estas tiveram algum tipo de noção de passarela com alguém que entendia do assunto. A forma de andar, as paradas, o modo com que tiravam uma luva, um casado nos parecem indicar claramente que este treinamento havia sido realizado por algum profissional. O jornal *O Conquistense* comenta a elegância e porte das desfilantes e destaca a naturalidade demonstrada por Marlene Barros na passarela. "Não nos poderíamos calar ante o modo natural como se apresentou Marlene Barros, da Confeitaria Araci, a qual demonstrou que a mulher conquistense sabe se trajar" (JORNAL *O CONQUISTENSE*, 14/04/56).

O próprio processo de educação da mulher da época contribuía para formar jovens que tivessem noções básicas de etiqueta, como andar, vestir, pentear, se portar em público. As escolas incluíam no seu currículo esses conteúdos. E muitas jovens, principalmente, da elite econômica da cidade iam para a capital do estado, Salvador, para estudar no Instituto Feminino da Bahia, espaço destinado à educação das mulheres. Sobre as normas de etiqueta ensinadas no Instituto, Teresinha Mascarenhas[24] comenta:

> Na época de D. Henriqueta Catarino (fundadora do Instituto), minha irmã Iolanda falava que até para atender ao telefone, pra descer dos quartos, você tinha que ir toda arrumada. Ninguém descia a escada correndo. Tinha que ser toda arrumada e só saia de luva. Era um bocado de frescura. [...] Minha irmã morou no Instituto Feminino. Eu tive amigas que estudaram, mas não moraram lá.

O relato é um bom exemplo de como eram rígidas as normas de etiqueta da época e como estas regras estavam incorporadas na formação das mulheres. A partir dessas informações também podemos afirmar que, talvez, essas mulheres da sociedade que dotavam de conhecimentos maiores sobre regras de postura, por exemplo, poderiam servir como instrutoras para ensinar as participantes dos concursos.

Dentre as narrativas nos chamou a atenção a de Teresinha, pois esta foi para o Rio de Janeiro, para estudar, e neste período freqüentou a SOCILA, que era uma escola de formação de modelos.

> Eu fui para o Rio e tive noção de SOCILA. Eu freqüentei a SOCILA um pouco. Eu era professora de educação física e comecei a treinar as meninas. Aí pronto, fazia as festas, eu fazia os desfiles e as misses daqui eram consideradas as mais bem treinadas.

[24] Entrevista concedida em 20/07/2008.

Dada a importância que a SOCILA desempenhou na profissionalização de modelos e manequins no país e por, de alguma forma, influenciar também as jovens em Vitória da Conquista, achamos por bem apresentar algumas considerações sobre a escola e sua fundadora Maria Augusta Nielsen. Em 1953, foi fundada a SOCILA - Sociedade Civil de Intercâmbio Literário e Artístico. Os moldes de funcionamento eram o das escolas norte-americanas, uma vez que Maria Augusta estudou em Nova York, na "Lucky" e no "Powers School", para aprender o que se passava nos mais famosos cursos de comportamento. A SOCILA era uma escola para modelos, na época uma profissão mal vista. Segundo Maria Augusta, "com o fechamento dos cassinos por Getúlio Vargas, os desfiles foram invadidos pelas coristas desempregadas e as moças bem nascidas, que até então faziam esse trabalho, se retiraram" [25]. Ela queria criar modelos de classe e brasileiras. Preparadora das candidatas do *Miss* Brasil, ela personificava a elegância dos anos 50 e fundou a primeira agência de modelos da América Latina nos anos 60. Maria Augusta diz que teve muita sorte quando, em 1954, Sarah Kubitschek a procurou para ensinar postura às suas filhas. Tornou-se amiga pessoal de Sarah Kubitschek e foi por seu intermédio que Juscelino legalizou a profissão de atriz e modelo no país, em 1957.

Depois de passar um tempo no Rio, quando retornou a Vitória da Conquista, Teresinha ficou responsável pela ensaiar as jovens que participavam de desfiles e concursos de beleza, isso já nos anos 60. Além dos desfiles, ela organizava também baile de debutantes, ensinando as jovens como se portar no dia em que seriam apresentadas à sociedade. Como ela mesmo afirma "Era eu que ensaiava as meninas em todos os desfiles".

Quando questionada sobre se os desfiles de moda da Bangu haviam sido treinadas por ela, Teresinha diz que foi a partir dos anos 60 que ela começou a participar da organização e diz que nesta época fez um desfile que

> Começava com as moças desfilando de baby-doll e terminava comigo desfilando com uma mala de viagem. Foi bem interessante isso. [...] Esse desfile foi em passarela e contou com 40 meninas. Eu quase morro de trabalhar, mas foi muito bonito o desfile.

Este desfile, Teresinha diz que também foi patrocinado pela Bangu. Que a partir dos modelos e tecidos enviados pela tecelagem ela escolhia quem ia usar cada um e encaminhava às costureiras. Esse depoimento foi muito importante para comprovarmos que a Bangu

[25] Fonte: http://missesemmanchete.blogspot.com/2007/05/maria-augusta-nielsen-fada-madrinha-das.html

promovia desfiles com certa periodicidade na cidade e que não foram apenas dois eventos isolados, os quais encontramos registros fotográficos no Clube Social.

Teresinha relata ainda que queria ser modelo profissional, o que de alguma forma, à levou a querer freqüentar a SOCILA que era o único centro de formação de modelos do país, mas segundo ela não tinha altura suficiente e passou a se dedicar à passar os conhecimentos que adquiriu na escola. O preconceito também que existia em torno da profissão de modelo era um empecilho para que a jovens investissem na carreira, ainda mais em se tratando de alguém vindo do interior do país[26].

Tanto os diversos concursos de beleza como os Desfiles da Bangu tiveram um papel fundamental para a divulgação da moda no país e, em específico, em Vitória da Conquista. A sociedade esperava com ansiedade a realização desses eventos e todos se preparavam com requinte. Mais do que apresentar as belezas da terra à sociedade mais ampla, esses eventos serviram para divulgar a moda da época. As jovens presentes aproveitavam a ocasião para se inspirar nos modelos dos trajes apresentados e confeccionar as suas roupas, principalmente, no caso dos Desfiles da Bangu em que os modelos eram desenhados por estilistas de renome nacional e internacional.

[26] Sobre esse tema de profissão de modelo e manequim no Brasil dos anos 60 ver BONADIO, Maria Claudia. Dignidade, celibato e bom comportamento: relatos sobre a profissão de modelo e manequim no Brasil dos anos 1960. **Cadernos Pagu**, Campinas. V. 22, p. 47-81, 2004.

CAPÍTULO IV
Consumo e produção de moda em Vitória da Conquista

"A produção é imediatamente consumo,
o consumo é imediatamente produção."

Karl Marx, 1974

Em seus estudos sobre a história da indumentária, Daniel Roche (2007) chama a atenção para o fato de que na pesquisa privilegia-se muito mais as formas de produção do que hábitos de consumo. Segundo o autor consumo e produção de moda são elementos indissociáveis e, sendo assim, devem ser analisados juntos, buscando mostrar como "o consumo indumentário permite estabelecer a hierarquia das aparências por meio da dimensão econômica e da distribuição social" (ROCHE, 2007, p.35). Portanto, segundo o autor o que cabe é desvendar a lógica de mediação entre produção/consumo. Apesar de considerar que esses dois elementos estão intimamente ligados, em alguns momentos, em nossa análise sentimos a necessidade de apresentá-los separadamente, para melhor compreensão. Assim, num primeiro momento apresentamos como os hábitos de consumo das conquistenses estavam conectados com as tendências de moda da época. Buscamos retratar também quem eram as profissionais responsáveis por concretizar os desejos de moda das mulheres da época, destacando a diferença entre o trabalho das costureiras autônomas e das "costureiras finas", como eram chamadas as modistas mais famosas, mostramos, também, como o consumo/produção de moda se constituem marcas simbólicas de distinção social. Apresentamos ainda uma análise de como era o comércio de moda na cidade, apontando os principais espaços de compra.

4.1 Hábitos de consumo

Para pensarmos as formas de consumo adotadas pelas mulheres em Vitória da Conquista, no período investigado, adotamos aqui os conceitos apresentados por Eco (1989) e por Barnard (2003) segundo os quais a moda é uma forma de comunicação. De acordo com Barnard moda e indumentária são usadas para dar sentido ao mundo e às coisas mostrando que "o sistema estruturado de significados, uma cultura, permite aos indivíduos construir uma identidade por meio da comunicação" (2003, p.54), ou seja, construir uma identidade através

da moda. Ainda segundo o autor, é esta interação social, possibilitada pela indumentária, que o constitui como membro de um grupo.

Assim, podemos dizer, tomando de empréstimo as formulações de Miranda *et al* (2000), que "o comportamento de consumo pode ser explicado pela necessidade de expressar significados mediante a posse de produtos que comunicam à sociedade como o indivíduo se percebe enquanto interagente com grupos sociais. Os atributos simbólicos são dependentes do contexto social" (2000, s.p.). Neste sentido, como diz a autora, sendo a moda símbolo na sua própria essência, parece certo afirmar que a ela se aplica perfeitamente esta transferência de significados, visando à comunicação entre os integrantes de sociedades.

A partir da análise das informações de moda que circulavam em Vitória da Conquista e do momento vivido pela sociedade, podemos perceber que estar usando as últimas tendências lançadas em termos de vestuário e complementos era uma maneira das mulheres estarem integradas ao processo de desenvolvimento experimentado pela cidade. Usar a moda que estava em voga era sentir-se conectada com as transformações, com novas formas de comportamento vigentes no país. Neste sentido, podemos afirmar que o desejo de moda está relacionado à necessidade do indivíduo de estar integrado ao grupo social. Como diz Miranda *et al* (2000) a moda funciona como uma carteira de identidade de uma pessoa ou grupo, predominantemente durante certo período e em determinada região.

Barcellos comunga da mesma opinião:

> O consumo é uma forma modificada e moderna de estabelecer relações com o mundo dos objetos e dos seres, e também com o mundo da interioridade. A vontade de saber, a vontade de se relacionar, a vontade de viver, a vontade de lazer, foram absorvidas por essa lógica (BARCELLOS, 2008, p.6).

A prosperidade econômica que Vitória da Conquista experimentava estimulou, como já tratamos anteriormente, o investimento maior na aparência. O crescimento da cidade, a chegada de novos atores sociais fez deste espaço urbano um ambiente propício para o teatro das maneiras e aparências. Neste contexto, Bonadio (2007) diz que é importante percebermos a relevância e a valorização do abstrato e do simbólico não apenas na forma de apresentação pessoal dos indivíduos como, também, na maneira como investem na estrutura física da cidade - como já discutimos no primeiro capítulo.

Nas narrativas que se seguem, as entrevistadas mostram como estavam cientes do que acontecia no mundo da moda e consumiam os produtos e tendências lançadas. Celeste Rosa, ao analisar algumas imagens, comenta:

> Aqui, já era a saia do *New Look*: saias rodadas, com anáguas, mais comprido. Aí as roupas cresceram e aumentaram e veio a moda do algodão fino da Bangu. Eu tinha uma prima que não usava a saia godê - a gente chamava de godê duplo - ela usava 3 ou 4 godês e usava 3 anáguas. O vestido ficava todo armado e ela tinha uma cinturinha fina. Iracema, o nome dela.

Figura 64 - Dalva Gusmão e Nilda Flores. Jardim das Borboletas, meados dos anos 50. Acervo de Família de Marisa Correia.

Ainda observando a imagem, relembra:

> Esse tipo de vestuário durou muito tempo. A saia godê, godê simples, godê duplo. A saia cresceu, porque durante a guerra era apertadinho, justinho, porque era pouco pano. Era simplesmente franzidinho na cintura, uma coisa que gastasse pouco tecido. O comprimento era mais curto, depois desceu até quase o tornozelo, subiu de novo, usou com anágua, sem anágua. Durou muito tempo até que veio a moda do fio reto. Eu sei tudo! A moda era lançada em Paris por Dior, Chanel e depois corria o mundo todo. Usava todo mundo igual.

E continua,

> Essa manguinha curta usou por muito tempo. Chamava japonesa, não tinha cava, porque durante muito tempo era aquela manguinha pregada, como se usa hoje, depois veio a moda também por uma questão de economia. Você podia fazer mais curtinha, mais comprida. Isso se usou muito. Eu morri de usar isso. Essa golinha também.

No seu depoimento Celeste mostra que tinha acesso às informações de moda e que essas tendências eram usadas pelas mulheres da cidade, que se preocupavam em estar por dentro dos últimos lançamentos. Como diz a própria narrativa depois de lançada, a moda era copiada por todo mundo. Outra informação importante relembrada por Celeste é sobre o tempo de uso de um traje. As tendências duravam muito mais que uma estação. Atravessavam os anos, ora mais curto, ora mais longo, mas o modelo lançado por Dior sobreviveu a mais de uma década, convivendo com outros estilos. Sobre os outros estilos de vestuário, Maria Macedo lembra:

> Tinha também a moda da saia mais justa com blazerzinho. Usavam aquelas saias bem justinhas, agora embaixo soltava umas pregas. Chamava rabo de peixe. Eu não tinha muita roupa, mas com o corpinho magrinho, eu usava muito essa roupa.

Figura 65 – Maria Macedo e sua amiga Estela.
Rio de Janeiro, início dos anos 60. Acervo de família.

Analisando as imagens arroladas nesta pesquisa percebemos que modelos, como o *New Look*, lançado por Dior em 1947, perduraram até meados da década de 60, convivendo com outros que a partir desta década tornaram-se cada vez mais ecléticos. Isso não era um privilégio de Vitória da Conquista, mas uma realidade de muitas cidades. Talvez a preferência por roupas mais amplas, com mais tecido tenha sido influenciada pelo clima da cidade que apresentava baixas temperaturas e, também, por questões morais que, numa cidade do interior, eram mais rígidas. Os vestidos e saias mais curtos, tendência lançada nos anos 60, só foram adotados pelas moças no início dos anos 70, apesar de já serem usados amplamente nas capitais do país. Como diz Miranda *et al*:

> Produtos são providos de significado na sociedade; o estudo do simbólico reside em entender como as pessoas compõem o seu próprio conceito e compram ou rejeitam produtos que as identifiquem com a forma idealizada, impulsionadas pelas mensagens simbólicas deles. A importância do estudo do comportamento simbólico se deve ao fato de que os consumidores compram produtos para obter função, forma e significado (2000, s.p.).

Figura 66 – Dinah Cajaíba e amigas, final dos anos 1950.
Acervo de família

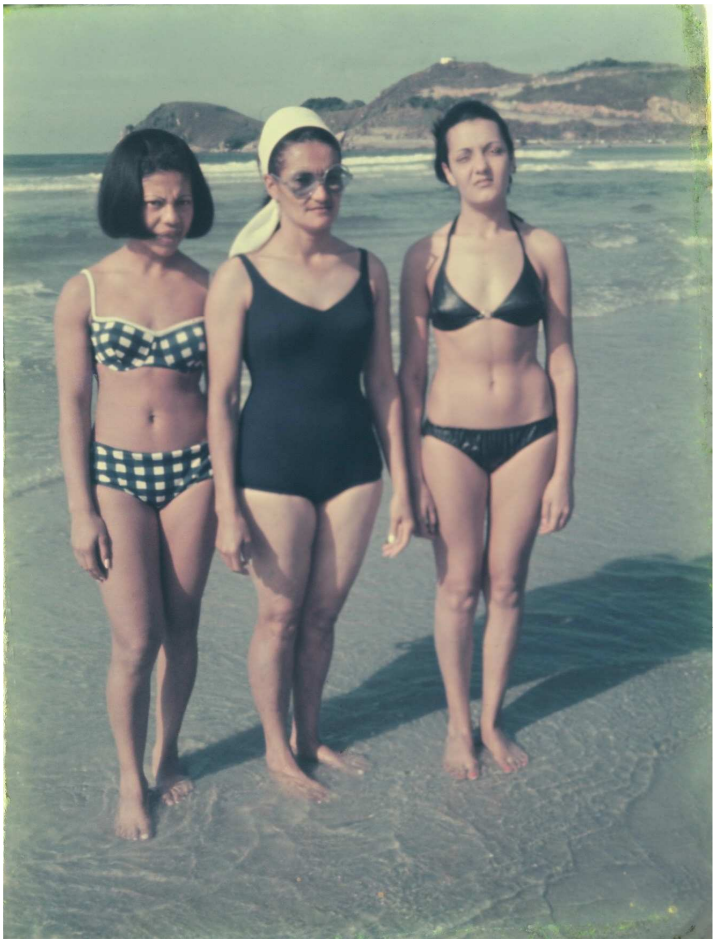


Figura 67 - Maria Macedo com duas amigas que moravam no Rio de Janeiro, 1964.
Acervo de família

Nas duas imagens observando certo descompasso em relação aos modelos de trajes de banho adotados na época. Na segunda fotografia, Maria Macedo aparece trajando um maiô, modelo já ultrapassado pelas jovens cariocas que estavam usando as últimas tendências em moda praia.

4.2 Moda: símbolo de distinção

Se hoje podemos afirmar que as fronteiras de acesso aos produtos da moda estão mais diluídas, em outros períodos da história essa relação se dava de forma mais rígida, sendo o consumo de moda um importante instrumento de distinção social. Analisando o período que nos propusemos a estudar, compreendido entre os anos de 1950 e 65, percebemos que as exigências que existiam em torno do vestuário acentuavam as diferenças de classe existentes. Neste contexto, as investigações de Bourdieu (2004) sobre a moda, através da dialética da distinção e da pretensão, são fundamentais para compreendermos o jogo diferenciação que se

estabelece entre as classes, expressos através do estilo de vida e, o que nos interessa aqui, em particular, das práticas vestimentares. Nos estudos sobre a moda Bourdieu (1989; 2004) chama a atenção para que a própria natureza do campo da moda faz necessário, para efeito de análise, se trabalhar com o binômio produção/consumo para a compreensão do jogo que se estabelece neste campo.

Nesse período havia um padrão estético muito rígido que as mulheres buscavam seguir. Como afirma a costureira Zinha Torres[27] "quem não tinha roupa nova não ia à festa não". O relato de Maria Macedo é no mesmo sentido: "Ah, a moda aqui! Quando era uma festa no Clube Social, nesses lugares, todo mundo ia muito *chic"*. E se não tinha uma roupa adequada, à altura das jovens da elite, ela diz:

> Não ia. Só ia se estivesse à altura, porque ia chegar e ser humilhada: ôh fulana, você viu a roupa? E, também, se já tivesse usado a mesma roupa: ih, aquela roupa em tal festa [...]. Era essa cobrança.

As moças de classe menos favorecida muitas vezes deixavam de ir a um evento, justamente, por receio de serem apontadas por estarem usando sempre a mesma roupa, as "domingueiras" como algumas das entrevistadas relatam. As jovens que dominavam a arte da costura usavam seus conhecimentos para reaproveitar peças antigas, confeccionar novos trajes ou, simplesmente, costumizá-los.

> As pessoas tinham uma preocupação de vestir-se bem. De arrumar à tarde e ir para a rua toda elegante. Hoje não, você vai de tudo quanto é jeito. Mas, naquela época não, se "emperiquitava" toda, de bolsa e sapato alto. Eu acho bom como está agora, porque você não tem aquela besteira de arrumar demais (ZINHA TORRES).

A necessidade das pessoas de se vestirem bem, como afirma Zinha, era uma forma de buscar serem aceitas na elite social da cidade. Mesmo não tendo poder aquisitivo, ter uma aparência que as assemelhasse a essa elite as credenciava a se sentir parte desse grupo. Como afirma Miranda *et al*, "Não se deve esquecer que a conformidade do indivíduo à moda se dá, fundamentalmente, pelo desejo de assemelhar-se aqueles que são considerados superiores, aqueles que brilham pelo prestígio e pela posição" (ano, 2000).

Neste sentido, o que diferenciava as pessoas de classes sociais deferentes era a quantidade de tecidos usados nas saias godês, no melhor estilo *New Look*, e na qualidade dos tecidos empregados. Como relembra Marisa Correia, analisando uma fotografia de casamento

[27] Entrevista concedida em 20/02/2008.

do acervo do Museu Regional, o poder aquisitivo da noiva era medido pela quantidade de renda francesa que se utilizava na confecção do vestido.

Figura 68 - Casamento, 1952.
Acervo Museu Regional

A fotografia encontrada no acervo do Museu Regional não possuía a identificação dos sujeitos presentes na imagem. Mostrando, posteriormente, esta foto para algumas das entrevistadas estas disseram se tratar do casamento de um fazendeiro da região, Alirio Ferreira. Infelizmente, não foi possível confirmar com exatidão a veracidade de tal informação.

Antes de prosseguirmos, cabe aqui a definição de Simmel sobre a distinção e imitação. Não só para o autor, como outros estudiosos da moda, a dinâmica da moda se baseia neste dualismo de posições, entre querer ser igual e buscar diferenciar-se. Sobre essa característica da moda escreve Simmel:

> Ela é imitação de um modelo dado e satisfaz assim a necessidade de apoio social, conduz o indivíduo ao trilho que todos percorrem, fornece um

> universal, que faz do comportamento de cada indivíduo um simples exemplo. E satisfaz igualmente a necessidade de distinção, a tendência para a diferenciação, para mudar e se separar. E este último aspecto consegue-o, por um lado, pela mudança dos conteúdos, que marca individualmente a moda de hoje em face da de ontem e da de amanhã, consegue-o ainda de modo mais enérgico, já que as modas são sempre modas e classe, porque as modas da classe superior se distinguem das da inferior e são abandonadas no instante em que esta última delas se começa a apropriar. Por isso, a moda nada mais é do que uma forma particular entre muitas formas de vida, graças à qual a tendência para a igualização social se une à tendência para a diferença e a diversidade individuais num agir unitário (2008, p.13).

Para mostrar como esse jogo se dava em Vitória da Conquista nos apropriamos de dois relatos por considerá-los bastante significativos. O primeiro é de Marisa Correia, que ao relembrar como as tendências de moda se disseminavam entre as moças da cidade, diz: “eu me lembro de uma vez que Anecyr Rocha chegou usando umas meias soquetes coloridas com saia. Virou febre! Todas as moças queriam uma igual”. Anecyr era irmã de Glauber Rocha e morava em Salvador, onde concluía o segundo grau. A jovem, como diz Marisa, era uma das responsáveis por trazer para a cidade novidades da moda, que já estavam circulando na capital baiana. Falando, ainda, sobre as meias, Marisa relata que as moças começaram a ir às lojas e pedir o item de moda. Uma ou duas semanas depois todas as lojas do ramo já estavam vendendo este modelo. Anecyr era um referencial, que devia ser seguido pelas jovens que se consideravam elegantes e conectadas com a moda. Vejamos o que Simmel diz sobre essa necessidade de seguir um parâmetro: “A imitação poderia designar-se como uma transmissão psicológica, como a transmissão da vida do grupo para a vida individual” (2008, p.23). E continua:

> onde imitamos, deslocamos não só a exigência da energia produtiva de nós para o outro, mas também ao mesmo tempo a responsabilidade por este agir: ela *liberta assim o indivíduo da dor da escolha e deixa-o, sem mais, aparecer como um produto do grupo, como um receptáculo de conteúdos sociais* [grifo nosso](SIMMEL, 2008, p.23) .

Falando sobre as pessoas de menor poder aquisitivo e que não faziam parte dessa elite social, Dinah Cajaíba relata:

> A gente fazia, também, a nossa própria moda. Adaptávamos a moda ao que tínhamos acesso aqui. E o popular (falando das pessoas mais simples) não tinha problema de copiar o modelo de outro. A gente dizia: - você me empresta um vestido pra fazer igual? Onde comprou aquele tecido? O povão fazia assim. Não importava.
> Saía uma moda, todo mundo queria vestir. O que estivesse na moda vestia. Todo mundo usava.

Tal narrativa expressa bem essa necessidade do indivíduo de se sentir parte de um grupo, de como a moda cria essa possibilidade de ligação do sujeito à um segmento social. Na mesma medida, ao passo que as pessoas buscam se identificar, fazer a parte, também, querem ser reconhecidas na sua individualidade. Esse jogo de diferenciação e imitação é o que move a engrenagem da moda. Roche (2007) esclarece que a moda é um ponto de equilíbrio entre o coletivo e o individual. Sobre a necessidade de diferenciar-se Losa Tavares lembra:

> [...] A gente ia para o banco muito bem arrumada, eu e Lai. Nós fizemos um tanto de roupa, só andavamos fazendo roupa. Até hoje eu tenho mania de fazer roupa. Eu trouxe de lá daquela época. Tudo que eu vejo eu quero comprar. Mas, é mania que eu trouxe de longe, de quando eu comecei a trabalhar. [...] Depois fizeram uma farda. A gente usou, usou e enjoou. Nós achávamos melhor ir com as nossas roupas. Tinha tanta roupa.

O relato de Losa nos faz pensar na importância do vestuário para marcar a individualidade da pessoa. Ela não gostava de usar farda, preferia suas próprias roupas. Era através da sua aparência visual que buscava se destacar dentre as outras funcionárias do banco. A roupa, nesse sentido, se constitui como parte importante na construção da identidade individual. Como diz Crane (2006) o indivíduo constrói um senso de identidade pessoal ao criar “narrativas próprias”.

4.3 A confecção de trajes

> Peças criadas e confeccionadas por mulheres revelam habilidades e conhecimentos transmitidos entre gerações. Nesse sentido, as mulheres produzem cultura, entendida como um celeiro de aprendizagem comum, ainda que nem sempre reproduzida de forma linear e pela palavra (MALERONKA, 2007, p.16).

O universo da costura sempre fez parte vida das mulheres. A indústria doméstica, como afirma Maleronka (2007), especificamente a da fiação, tecelagem e costura, era entregue aos escravos e às mulheres a casa. Se no século XIX o oficio da costura representava uma possibilidade de sobrevivência para as mulheres, no século XX essa situação não seria diferente.

> Ao alvorecer do século XX, a criação das primeiras fábricas de roupas, oficinas e ateliês passava a requerer mão-de-obra para o trabalho na fabricação de chapéus, luvas, gravatas, flores, roupas brancas e camisas, espartilhos e roupas para homens.
> [...] Em face do mercado caracterizado pelo subemprego, que gerava grande instabilidade nos meios populares, o ofício da costura era das poucas vias, entre limitado número de opções, que permitia prover a subsistência de gerações femininas. Se a hereditariedade profissional tinha um papel importante, ela se estabelecia mais por razões de ordem econômica e, sobretudo, pela falta de oportunidade para aprender novo ofício ou para dedicar-se a outra ocupação (MALENRONKA, 2007, p. 32-33).

O ofício da costura, como mostra a autora, era muitas vezes a única oportunidade para as mulheres ingressarem no mercado de trabalho. Para as menos abastadas significava uma oportunidade para prover o seu sustento e para as das camadas médias era uma das poucas atividades consideradas aceitáveis para uma mulher, pois esta a considerava uma habilidade feminina natural. Neste espaço, analisamos como a costura estava integrada a vida das mulheres em Vitória da Conquista, as jovens que aprendiam a costurar para ter uma ocupação e para confeccionar suas próprias roupas, e quais eram as principais costureiras entre os anos 50 e 60.

Na cidade, a prosperidade econômica de uma parcela da população e a conseqüente preocupação com a aparência, percebida no vestuário requintado das mulheres da ‘boa sociedade’ influenciou na ampliação da demanda por serviços de modistas e costureiras, uma vez que não se achava roupa pronta na localidade e que o *chic* era mandar fazer uma roupa exclusiva. Esse processo de crescimento das atividades ligadas à confecção de vestuário possibilitou a atuação de costureiras que paralelamente aos alfaiates, adquiriam renome na cidade.

Segundo Nacif,

> a divisão do trabalho na confecção do vestuário, tal como existia nos primeiros anos do século XX, deriva de um lento processo de especialização dos conhecimentos técnicos e de habilidades manuais necessários para confeccionar artesanalmente peças de vestuário. [...] Originalmente, cabia aos alfaiates a confecção de peças e vestuário masculinas e femininas. Com o tempo, as rivalidades profissionais levaram os alfaiates a se especializarem, e vários se dedicaram à confecção de trajes femininos ou mesmo de uma única peça de vestuário. Quanto às costureiras, responsáveis pela confecção de roupa branca, ou seja, de todas as peças usadas sob traje principal, mas tmabém pelo que aparecia dessas peças, como as golas e os punhos, lentamente ela adquiriram o direito de costurar trajes femininos e infantis (2006, p. 53).

Em Vitória da Conquista, ainda podíamos perceber essas diferenças na divisão do trabalho da costura nos anos 50, apesar de as costureiras já terem ocupado lugar de maior destaque na confecção dos trajes femininos. Ao alfaiate[28] cabia a produção de algumas peças específicas do guarda-roupa feminino como os *tailleurs* e roupas infantis. Entre as alfaiatarias existentes na cidade encontramos referências de algumas nos jornais da cidade como: a Alfaiataria Brasil que ficava na praça Caixeiros Viajantes; Alfaiataria Natal na travessa Lima Guerra; Loja Industrial, na praça 9 de novembro e Confecções Moar, na alameda Ramiro Santos. Todas fabricavam roupas sob medida para mulheres, homens e crianças.

Aos poucos, o trabalho da costureira foi ganhando espaço e importância, principalmente na confecção de trajes de festa para senhoras. Sobre o trabalho das costureiras, no começo do século XX, Maleronka diz que esta atividade ocorria em duas situações distintas:

> Na primeira, a costureira trabalhava por conta própria, oferecendo seus serviços para serem realizados na própria casa ou na casa do cliente, o que lhe dava condição de assumir foros de artesã independente. Por ser proprietária de seus instrumentos, desenvolvia um trabalho autônomo. Na segunda situação estavam as costureiras que ofereciam, a quem quisesse empregá-las, sua força corporal e sua habilidade e passavam, então, à condição de trabalhadoras assalariadas. Elas podiam também trabalhar na própria casa ou em oficinas, mas costurando por conta de um empregador intermediário ou comerciante que lhes fornecia matéria-prima e as remunerava por peça, caracterizando trabalho em domicilio. Ilustra particularmente a situação o trabalho de muitas costureiras que confeccionavam calças e coletes para alfaiatarias da cidade ou ainda eram subcontratadas por camisarias e lojas, quando então recebiam por peça (2007, p.36).

Essas duas situações conseguimos identificar em Vitória da Conquista. No primeiro caso, entre muitas mulheres que viviam da costura nos chamou a atenção a historia de vida da costureira Netária Pereira[29]. Natural de Tremedal, uma cidadezinha próxima, Netária era contratada de algumas famílias conquistenses. Ela vinha para a cidade exclusivamente para costurar e passava um ou dois dias costurando para determinada família. Fazia todo o tipo de trabalho de costura. Era o que os se costumava chamar de "costureira de família".

[28] Sobre o trabalho do alfaiate Nacif (2006) diz que eram necessários uma área de trabalho com luminosidade, mesa de corte, carvão, giz para marcar o tecido, tesoura, agulhas, alfinetes, linha e dedal. Para tiras as medidas dos clientes eram usadas tiras de papel marcadas na borda. Ela destaca ainda a postura física do alfaiate que consistia em trabalhar sentado no chão ou num banco baixo. Os moldes eram feitos com papel grosso marrom ou numa tela engomada e depois riscado no tecido. Algumas vezes a peça era cortada e montada num tecido provisório. Esses procedimentos não estão muito distantes das técnicas artesanais de confecção empregadas ainda hoje na alfaiataria e na alta costura.

[29] Entrevista concedida em 18/07/2008.

Netária diz que sempre chegava alguém nas casas onde estava costurando e pedia para ela fazer algum trabalho. Ela dizia que não podia, pois estava ali, contratada pela família, para prestar tal serviço. Mas diante da insistência das futuras freguesas ela pensou que talvez fosse interessante mudar para Vitória da Conquista. Assim, em 1956, ela se transferiu para a cidade e montou o seu atelier de costura em uma casa onde vive até hoje.

> Na verdade, a trajetória do ofício da costura [...] imbrica-se ao espetáculo da cidade em construção, onde costureiras e alfaiates, encorajados pelas oportunidades de trabalho, buscavam assegurar seu espaço profissional [...]. Impunham-se a seu modo no mundo do trabalho, encarando-o como profissão, o que revelava um esforço permanente de inserção na cidade (MALERONKA, 2007, p.37-38).

Abreu (1986) comunga da mesma opinião quando diz que “com a transferência para um centro urbano, ou para uma vizinhança menos isolada, ampliam-se o sistema de relações sociais e abrem-se novas oportunidades para a atividade de costura”.

A costureira, como outras profissionais que se estabeleceram na cidade, tinham na costura sua principal fonte de renda e uma oportunidade de ingressar no mundo do trabalho. Segundo ela, costurava o dia todo, não tinha folga. Em dias de festa a casa ficava cheia. As moças iam se trocar la mesmo. Ela seguia finalizando as costuras, passava-as a ferro e as mulheres se vestiam ali mesmo.

> Elas entravam em contato e perguntavam se já estava pronto. Eu dizia: - só está faltando pregar os botões. E, aqui mesmo, elas se arrumavam e iam para as festas.

Netária, hoje com 84 anos, lembra com saudades o tempo que a casa vivia movimentada por conta do seu trabalho. Em muitos momentos da entrevista ela se mostrou bastante nostálgica. Por ter sido uma mulher muito ativa e ter praticamente sustentado sozinha as sobrinhas com a costura, ela se sente descartada por não poder mais trabalhar. Segundo ela, costurou até os 80 anos quando parou por ter ficado cega de um olho devido à diabetes. Mas, mesmo assim, ela diz que ainda faz algumas coisas.

Segundo relato da entrevistada, ela costurava muito roupa de festa, mas também fazia roupas para o dia a dia. Chegou fazer muitos vestidos de casamento. “As moças iam para Salvador, arrumavam casamento e eu fazia os vestidos”, diverte-se lembrando. Netária conta que, certa feita, chegou a levar em caixas quatro vestidos de noiva para a capital do Estado. Sobre os seus clientes ela diz:

> Só fazia roupa para família de doutor, fazendeiro, dono de loja, gente importante. O povo dizia: - você só costura para rico. Achavam o preço alto, mas eu não ia fazer o mesmo preço para os mais pobres. Eles é que não vinham. Tinha uma costureira aqui perto que morria de inveja, porque eu tinha mais clientes (dá risadas).

Apesar de, como a costureira diz, ter costurado para importantes famílias da cidade esta não figurava, nas rememorações das participantes desta pesquisa, no grupo das costureiras finas, como eram chamadas as mais famosas da local. Talvez isso se explique pelo fato de Netária Pereira não circular nos eventos sociais. Uma outra consideração que devemos levar em conta era a cor da pele da costureira, que era negra, e portanto poderia sofrer algum tipo de discriminação pelas senhoras da sociedade, não fazendo parte, assim, da elite social da cidade.

A outra categoria de costureiras descritas por Maleronka (2007) é a das profissionais que ofereciam seus serviços a fábricas, ou mesmo lojas, que tinham produção própria. Nessa categoria se enquadra Maria Macedo, costureira que trabalhava numa confecção de camisas em Vitória da Conquista. "D. Maria Camiseira", como é conhecida até hoje, começou a trabalhar na fábrica em 1958, quando se mudou definitivamente para a cidade. Ela morava em Caatiba, uma das cidadezinhas que viviam sob a influência de Vitória da Conquista. Antes mesmo de se estabelecer neste espaço urbano, ela conta que vinha muito para comprar no comércio da cidade.

A fábrica, que contava com loja também, foi a responsável por empregar muitas jovens que chegavam na cidade em busca de melhores oportunidades de trabalho. Maria Macedo, que costura até hoje, se especializou em camisas masculinas e sua ajudante, ainda na ativa, é uma das companheiras de trabalho da fábrica.

Mas várias mulheres que se aventuravam nos domínios da costura muitas vezes não tinham uma formação adequada. A costura fazia parte do universo feminino, o que permitia que mesmo as que não dominassem totalmente as suas técnicas pudessem confeccionar suas próprias roupas. Isso não significa, porém, que todas as moças sabiam costurar, mas sim que as possibilidades de aprendizagem do oficio eram maiores e era mesmo desejável que estas dominassem alguns conhecimentos básicos da confecção de um traje, como pequenos ajustes.

Segundo Nacif, em sua pesquisa sobre a confecção de trajes no Rio de Janeiro, muitas pessoas que se dispunham a costurar não chegavam a ter uma formação aprofundada. "Para alguém habilidoso, bastava desmontar uma peça de vestuário para copiá-las. Com o tempo, a

prática proporcionava a segurança necessária para introduzir pequenas modificações no modelo original" (2006, p.56).

A narrativa de algumas mulheres vai ao encontro da afirmação de Nacif (2006) ao declararem que aprenderam a costurar com a mãe ou algum outro familiar. Uma aprendizagem que não se dava uma maneira formal, mas a partir da observação, do convívio cotidiano com o universo da costura. Muitas aprendiam em casa, com as mães, tias, irmãs mais velhas ou mesmo observando outras pessoas a costurar, como foi o caso de Marilene Bacelar que conta que começou a costurar repentinamente. Segundo ela, precisava de um vestido novo para ir ao baile do Clube Social – as *matinées* aconteciam praticamente todos os domingos e era comum as jovens apresentarem em cada ocasião um modelito novo. Como a mãe não estava em casa e a vizinha não podia costurar resolveu fazer ela mesma o vestido, usando um outro como molde. A partir desse momento, não parou mais de costurar.

As mulheres que não gozavam de uma condição financeira que permitisse contratar os serviços de costureiras particulares confeccionavam suas próprias roupas, ou recorriam a algum familiar que as costurasse. O importante era estar usando o modelo da moda, mesmo que fosse um modelo mais simples, com tecidos menos nobres. Como relembra Celeste Rosa:

> Eu aprendi a costurar com uma amiga nossa, Urani Maciel. Ela costurava muito, aprendeu a costurar e, até hoje, ela costura para a alta roda em Salvador. Ela dava curso de corte e eu aprendi. Aí eu costurava para mamãe, para Angélica, para Celita Pedreira. Tudo sem cobrar. Elas traziam as costuras e eu fazia.

Urani Maciel foi responsável por ensinar muitas moças da cidade. Como diz Abreu (1986) a prática da atividade de costura era complementada por um curso, no qual os conhecimentos adquiridos de maneira empírica são sistematizados e legitimados, especialmente, quando se trata de tarefas como tirar medidas, fazer moldes e cortar. Teresinha Mascarenhas lembra que foi com Urani que, também, aprendeu a costurar.

> Eu tomei aula de datilografia e corte e costura. Foi até com uma menina daqui da sociedade que tomei o de corte e costura. Hoje, ela mora em Salvador. Com uns 15 anos eu comecei com ela. Era de uma família tradicional daqui. Ali, onde é a Câmara de Vereadores, era a casa dela. A gente aprendia a costurar. Acho que por isso comecei a me interessar por moda.

Teresinha demora a lembrar o nome da costureira e recorre a uma amiga, que confirma ter sido mesmo Urani Maciel. Fazer curso de corte ou de datilografia, como diz o relato, era

uma forma de garantir uma profissão às mulheres, já que as possibilidades de trabalho ainda eram bastante restritas, além de não serem vistas com bons olhos, principalmente, pelos homens.

Neste sentido Losa Tavares lembra que, depois que se casou, teve que parar de trabalhar no banco, pois seu marido não aceitava. Então ela começou a fazer curso de corte e costura, passando a costurar principalmente para a família.

Figura 69 – Vestido confeccionado por Losa para batizado da sobrinha. Acervo de família.

Antes de se casar, quando ainda trabalhava no banco, Losa conta que tinha uma costureira particular, Tude. Lembra que gostava muito de fazer roupa nova e sempre estreava um modelito novo no trabalho.

Figura 70 – Losa em um dos seus modelitos, início anos 50.
Acervo de família

Para Nacif (2006) a trajetória por que passou a constituição do oficio da costureira e sua valorização é bastante ambígua. O talento e a habilidade pessoal conferiam a essas profissionais diferentes status. Entre as modistas, destacavam-se aquelas que dominavam técnicas de corte e materiais, tinham habilidade para conformar diferentes tipos físicos, adequando as tendências da moda à silhueta das clientes e ainda, pelo olhar apurado e bom gosto, para mesclar tecidos, formas, estampas. “A valorização simbólica do traje feito sob medida, ou seja, [...] estava a serviço dos novos valores burgueses. Não só nos modos e nas práticas sociais se afirmavam os valores de classe, mas também na aparência expressa pelo aspecto visual” (2006, p. 61).

4.4 As costureiras finas

Neste espaço, buscamos identificar como o ofício das costureiras refletia as tensões em torno da posição social, tanto do artesão quanto do consumidor. Como acontecia em todo país, em Vitória da Conquista o bom nome de uma costureira ou modista estava associado às

camadas dominantes da sociedade. Entre as costureiras havia aquelas que faziam “costuras finas” e que ocupavam lugar de destaque na sociedade e as outras costureiras e também alfaiates que faziam uma costura mais simples, para o dia-a-dia.

Essas “costureiras finas” - termo usado pelas senhoras entrevistadas para designar as profissionais que se dedicavam a confecção de roupas de festas e para ocasiões especiais - ocupavam lugar de destaque, dominante, no campo de produção de moda na cidade. Entre essas costureiras que se dedicavam a confecção de um vestuário de luxo, que atendia às necessidades das camadas mais abastadas da sociedade conquistense destaca-se a figura de Zu Torres, sempre lembrada nas narrativas como uma profissional diferenciada. As entrevistadas relembram não só do seu trabalho apurado como, também, da sua elegância e bom gosto. Outras modistas de renome na época eram D. Aurinha, “famosíssima” segundo Marisa Correia e Urani Maciel.

> Urani Maciel era aquela costureira de classe. Aquela que tem um toque especial. Aurinha costurava bem, mas ela costurava mais para noivas. Urani fazia qualquer tipo de roupa, sempre com um toque especial (MARISA CORREIA).

Essas profissionais para além de atuarem como costureiras eram verdadeiras consultoras de moda, orientando as clientes sobre tendências e como adaptá-las a seus estilos de vida e seus corpos. De acordo com Maleronka “os contatos entre cliente e modista propiciavam uma atmosfera ideal para as trabalhadoras arbitrarem sobre a elegância feminina” (2007, p. 105).

Ter uma roupa confeccionada por D. Aurinha, Urani Maciel, Sinhô Torres e mais tarde, Zu Torres e D. Nair, conferia status à consumidora. Como nos mostra Bourdieu,

> A alta costura fornece à classe dominante as marcas simbólicas da classe que são, como se diz, de rigor em todas as cerimônias exclusivas do culto que a classe burguesa se presta a si mesma, através da celebração de sua própria distinção (2004, p. 171-172).

Cabe explicar que o termo alta costura esta sendo usado aqui, por nós, não no seu sentido original, mas como produção artesanal, que tem uma técnica apurada, e que é destinada à confecção de roupa para momentos especiais. Neste sentido, alta costura adquire o sentido de roupa de qualidade, sob medida.

O consumo de bens de luxo é, portanto, o que deixa transparecer mais claramente os princípios da divisão de classes, caracterizadas as dominantes como as camadas mais

endinheiradas e detentoras de poder, além de introduzir na moda certas divisões secundárias (BOURDIEU, 2004).

Como diz Maleronka,

> [...] não é de surpreender que o ofício de modista, por estar associado à produção de artigos de luxo que ficavam à vista em espaços distintos, expostos nas vitrinas ou corpos das mulheres elegantes, conferia a essas trabalhadoras certa aura artística. Assim, a produção de roupas luxuosas exercia fascínio, e as modistas orgulhavam-se de dedicar sua vida ao ofício e atuar num cenário que reunia riqueza, prestígio e poder (2007, p. 105).

O trecho do depoimento de Zinha Torres ao relembrar o tempo em que costurava junto com a irmã Zu Torres contribui com essa análise:

> Aqui era a elite, costurava aqui em casa, nesta mesma casa, desde que a gente mora aqui. [...] Tinha a festa das Rosas, tinha festa da Primavera, tinha festa dos Namorados, tinha festa de Debutantes, tudo era feito aqui. Tudo. Eram costuras finas.

Antes de ter seu próprio atelier, Zu Torres costurou em parceria com sua prima Sinhô Torres, com quem morou logo que chegou a vitória da Conquista. Sinhô era uma costureira muito requintada, especializada em vestidos de festa e noivas. Com a sua mudança para São Paulo, em 1961, Zu Torres, de alguma forma, ocupou o seu lugar e o prestígio da prima.

Figura 71 - Zu e Zinha Torres e noiva com vestido confeccionado por elas. Meados dos anos 60. Acervo de família

Na imagem acima podemos observar um vestido confeccionado por Zu Torres e bordado pela sua irmã. Segundo relato de Zinha, ela levou mais de um mês para bordar o vestido. A qualidade da imagem não permite que observemos com mais detalhes do vestido, mas como descreve Zinha,

> Esse vestido aqui tinha uma cauda imensa. O bordado dele era ao redor da cauda e tinha um bordado acima da cintura um pouquinho. Ele tinha uma cauda meio oval.

Sobre o vestido que usava e o da irmã diz "o meu vestido era azul e o dela era roxo. O meu era um azul, assim, não turquesa, mais para azul petróleo". E continua descrevendo: "Essa parte de cima era casa-de-abelha (referindo-se ao vestido da irmã). E, esse meu, era bordado com contas da mesma cor".

A noiva, da qual Zinha não recordava o nome, era de Itapetinga, cidade próxima a Vitória da Conquista. O pai da noiva era fazendeiro e gozava de certo prestígio na região. Encomendar o vestido a uma afamada costureira conquistense era uma forma de revestir-se da do valor simbólico que estava atrelado ao nome da modista, no caso, Zu Torres.

A participação na cerimônia de casamento é também um indicativo de que a costureira Zu Torres e sua irmã gozavam do reconhecimento social, confirmando a assertiva de Bourdieu (2004) de que as marcas simbólicas refletem a necessidade de distinção tanto do criador quando o cliente/consumidor. As duas irmãs, que se mudaram, junto com sua família, para Vitória da Conquista na segunda metade dos anos 50, passaram a fazer parte da vida da elite social da cidade, a partir da consagração de Zu como criadora de moda.

Maria Macedo, costureira que se dedicava à camisaria, confirma que Zu Torres era uma referência na época e cita também D. Nair como outra profissional de renome,

> Uma costureira antiga daqui, que costurava nessa época, era D. Nair que, hoje, mora em Salvador. Ainda costura em Salvador, costura para o exterior. [...] D. Nair, que eu me lembre, assim, era famosa nessa época.

Segundo a costureira Maria, D. Nair especializou-se na confecção de vestidos de noivas e madrinhas, ramo ao qual se dedica até hoje. Possui uma loja de tecidos finos e coordena uma equipe de costureiras, que confecciona vestidos exclusivos para a elite baiana. Ainda hoje, podemos perceber a vocação das costureiras mais habilidosas de Vitória da Conquista pela confecção de trajes de festa e noivas. São muitas as casas de aluguel de roupas que possuem confecção própria.

Apresentar-se trajando um modelito confeccionado por umas das costureiras conferia status às mulheres. Apesar de não existir ainda o conceito de marca como conhecemos hoje, fazia a diferença na sociedade usar uma roupa confeccionada por uma delas mulheres famosas. O nome dessas profissionais tornou-se marca reconhecida, carregadas de valor simbólico. Como nos mostra Bourdieu (1983) um produto assume uma personalidade quando é atribuído de marca que o distingue. Um perfume Chanel deixa de ser simplesmente um perfume, pois está impregnado do significado da sua criadora.

A partir desse pensamento de que o consumo de marca é um instrumento importante de expressão e construção de identidades chamou-nos a atenção, em particular, um anota publicada no jornal *O Conquistense*:

> Realizou-se no dia 18 deste, o enlace matrimonial do Sr. Ademar Galvão, figura de destaque em nossa sociedade, com a senhorita Márcia Gomes Lapa. [...] Segundo conseguiu apurar esta cronista, a noiva estava deslumbrante num belíssimo vestido, confeccionado numa afamada casa de modas do Rio de Janeiro (JORNAL *O CONQUISTENSE*, 26/09/1959).

A nota descrita acima foi publicada na coluna social do Jornal O Conquistense. O casamento do empresário Ademar Galvão, apontado por muitos como um grande empreendedor, com a jovem Márcia Gomes foi um acontecimento muito comentado na cidade. A cerimônia foi realizada em Salvador, capital do Estado.

Márcia, natural de Itambé, uma pequena cidade próxima a Vitória da Conquista, ingressava na sociedade conquistense e talvez tentasse elidir algum o preconceito da elite da cidade através de artifícios para se distinguir e ser aceita.

Figura 72 – Márcia Galvão, Baile de Carnaval, inicio dos anos 60. Acervo Clube Social.

Como acontecia na época e ainda hoje, as mulheres que ingressavam na elite social, pelo poder econômico, buscavam no consumo de grifes famosas o capital simbólico que tais marcas conferiam como forma de se distinguir. “O comportamento de consumo pode ser explicado pela necessidade de expressar tais significados mediante a posse de produtos que comunicam à sociedade como o indivíduo se percebe interagindo com grupos sociais” (MIRANDA, 2008, p. 18).

O jornal não faz menção, mas a partir dos relatos de algumas mulheres, é possível perceber a elegância de Márcia Galvão e do vestido que esta usou no seu casamento. Isso, no imaginário dessas mulheres, parece indicar que foi confeccionado na *maison* carioca, Casa Canadá, referência de moda no país nos anos 1950.

> O poder mágico do criador é o capital de autoridade associado a uma posição que não poderá agir se não for mobilizado por uma pessoa autorizada, ou melhor ainda, se não for identificado com uma pessoa e seu carisma, além de ser garantido por uma assinatura (BOURDIEU, 2004, P.154).

Nesse sentido, vestir uma roupa produzida por uma importante casa de modas do Rio de Janeiro, como a Canadá, seria revestir-se da simbologia que a Casa gozava na sociedade da época, se apropriar do carisma da marca como descreve Bourdieu (1983). O valor de um traje feito sob medida, e que carrega o nome de uma grife reconhecida, confere ao usuário a importância social da marca.

4.5 Os templos do consumo – o comércio de moda

O fortalecimento do comércio de moda na cidade no período aqui enfocado propiciou o surgimento de um espaço de sociabilidade privilegiado para as mulheres. O surgimento de casas especializadas em artigos de moda, vestuário e acessórios, a facilitação do consumo, contribuiu para ampliar a participação da mulher nos espaços públicos.

Bonadio (2007) ao relatar as diversas formas usadas pela mulher para entrar na “esfera pública” coloca o consumo lado a lado com o estudo e a atuação profissional. Destaca que fazer compras “havia se tornado uma instituição importante para as mulheres” (p.38). A autora, citando Susan Besse[30], diz que a função de comprar nasceu de uma necessidade

[30] Obra citada por Bonadio. Besse, Susan. **Modernizando a desigualdade**: reestruturação da ideologia de gênero no Brasil (1914 – 1940). São Paulo: Edusp, 1999.

ocasionada pela mudança das famílias de elite para os centros urbanos no decorrer do século XIX. As famílias com isso perderam sua função produtiva se convertendo em unidades de consumo. As famílias urbanas dependiam cada vez mais dos bens de consumo e dos serviços oferecidos pelo comércio. Neste contexto, a mulher, ficou responsável pelas compras da família, tornando-se um agente consumidor: “sair sozinha para as compras já não era coisa malvista” (BONADIO, 2007, p.38). Logo a tarefa de sair para abastecer a casa se alinharia com ao lazer e à individualidade feminina.

Em Vitória da Conquista, como veremos nos relatos apresentados a seguir, não existia um comercio de roupas prontas nos anos 50. Só a partir dos anos 60 que começam a aparecer as primeiras boutiques na cidade. Antes disso a oferta de roupa pronta se restringia a poucas peças que eram vendidas nas próprias lojas de tecidos, que eram os templos do consumo na cidade. As mulheres que tinham melhores condições financeiras viajavam para Salvador, Rio de Janeiro e São Paulo para comprar acessórios de moda. As que não tinham tantos recursos, quando viajavam, copiavam cuidadosamente os modelos expostos nas vitrines das lojas, como afirmam alguns relatos.

Segundo Bonadio,

> ainda que as atividades de consumo relegadas às mulheres não se restringissem aos produtos de vestuário, eram estes os que mais as atraíam, fosse pela propaganda, fosse pela ansiedade gerada pelo momento de mudança ou pela vontade de adequar-se à modernidade, à paisagem urbana, exibindo as últimas novidades da moda como capital simbólico (2007, p. 40).

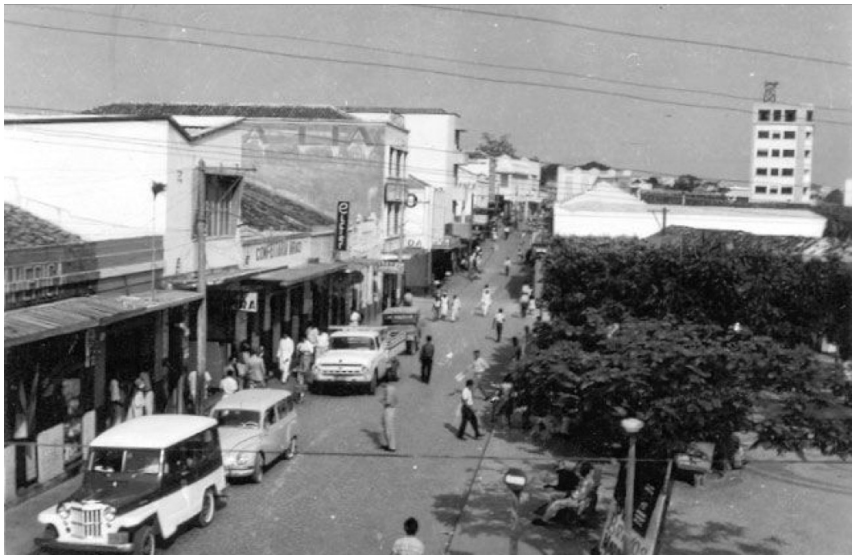


Figura 73 – Alameda onde se concentrava as lojas de tecido da cidade, meados dos anos 50.
Acervo Prefeitura Municipal de Vitória da Conquista

O ato de comprar era, para as mulheres, mais que apenas o consumo em si, era um momento de lazer. Nas narrativas a seguir as mulheres relatam o prazer em sair para ver as vitrines. Dinah Cajaíba comenta:

> Final de semana as lojas trocavam as vitrines. O comércio ficava aberto para que as pessoas pudessem ver as novidades. Fechava às 10h da noite. Ficavam, a Luna, a Celino, as casas de calçados, de jóias, todas com as vitrines abertas. No outro dia, as lojas abriam para vender. As pessoas saiam do cinema e iam olhar as vitrines. Era muito gostoso.

Teresinha Mascarenhas divide as mesmas lembranças:

> À noite a gente saía e todas as vitrines estavam abertas. Era uma atração você descer a alameda. A coisa mais interessante que acontecia era o seguinte: todo dia de tardinha - eu morava ao lado da Catedral - a gente ia desfilar na rua Francisco Santos. As vitrines ficavam ali também. A gente passeava, ficava no jardim e à noite nós descíamos para a alameda. Ali todas as lojas tinham vitrine. [...] Era muito interessante.

O comércio de moda se concentrava entre a alameda Ramiro Santos, rua Francisco Santos e alameda Lima Guerra. Era, além de centro comercial, o principal ponto de lazer da sociedade conquistense. Dentre os principais estabelecimentos ligados ao ramo do vestuário e acessórios estavam as lojas Luna e Celino, onde, segundo as narrativas, toda a sociedade se vestia. Teresinha relembra:

> A loja Luna e Celino eram duas lojas “chiquérrimas”. A sapataria era a Cinderela. O que você pensar de sapato bom tinha aqui em Conquista. De perlê, de cetim, de tudo você encontrava aqui. Casaco de pele, todas essas coisas você encontrava nas próprias lojas de tecido. Nas vitrines da Celino você via capas de pele. As lojas eram muito alinhadas. As duas lojas ficavam uma defronte à outra, ali na alameda.

Além de tecidos, essas lojas também vendiam acessórios, sapatos e aviamentos necessários para a confecção das roupas. Como lembra Celeste Rosa: “no comércio todas as lojas vendiam tecido. E toda loja de tecido, no princípio, tinha tecido e sapato masculino, feminino e chapéu”.

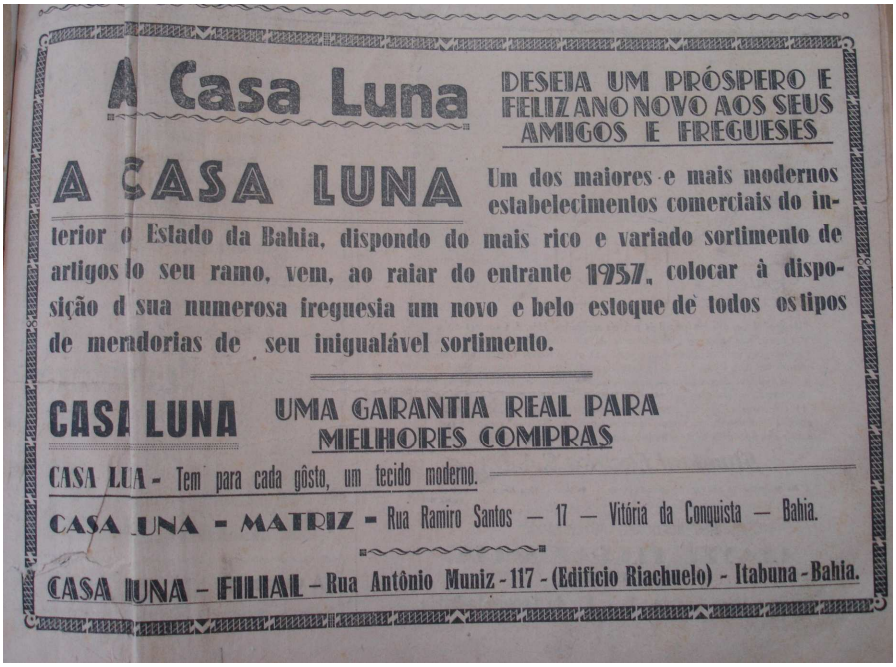


Figura 74 – Casa Luna. Jornal *O Conquistense*, 01/01/1957.
Acervo Público Municipal.

Segundo Dinah Cajaíba, vendedora da Casa Luna no início dos anos 60, a loja vendia além dos tecidos e outros complementos, perfumes importados. Ela lembra que os perfumes importados ficavam guardados no cofre da loja e só eram oferecidos a clientes especiais. Da mesma forma, alguns tecidos importados, mais finos, também não ficavam expostos na loja. Quando alguém comprava uma peça de corte as vendedoras já avisavam: - fulana comprou esse tecido. E quando era alguém importante, tirava-se o tecido da loja para que ninguém usasse igual. Dinah lembra ainda de uma loja de jóias que existia na cidade, a Rubilan.

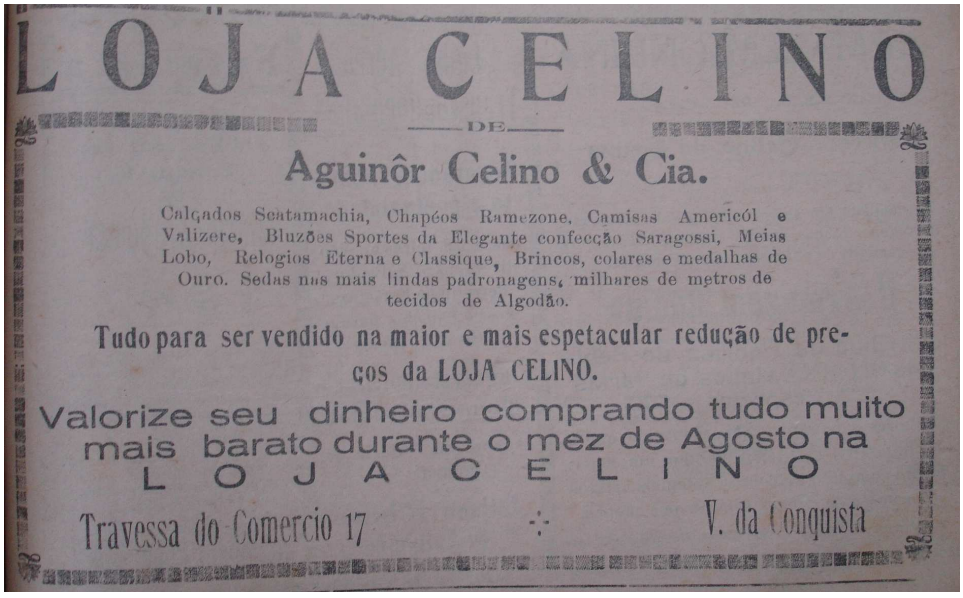


Figura 75 - Loja Celino,Jornal O Combate, 16/08/1959.
Acervo Público Municipal.

Sobre a inauguração da loja Celino, Marisa Correia lembra:

> A loja Celino foi inaugurada nos anos 50 ou finalzinho dos 40. Eu me lembro porque, inclusive, onde funcionou a loja Celino, meu pai teve uma loja na década de 40. Não por muito tempo, porque ele era fazendeiro e entrou no comércio de tecido, mas não era o ramo dele e terminou saindo. Era a casa Primavera que vendeu justamente para o Sr. Celino. O que você imaginar de fino na época vendia aqui na loja Celino. A loja, durante anos, no final dos anos 50 e início dos anos 60, patrocinou alguns desfiles da Bangu, porque era um cliente assíduo da Bangu. Ele patrocinou vários desfiles, na loja e no Clube Social.

Além das lojas de tecidos, a cidade contava com alguns armarinhos, que funcionavam uns em lojas caseiras e outros no centro comercial. Maria Macedo relembra:

> Tinham os armarinhos em que nós comprávamos tudo que queríamos. Como tem o menino hoje na praça. Tinha o armarinho de D. Nice, esse tinha tudo que você pensasse. Tudo ela comprava, tudo que usasse ela trazia para o armarinho. Bico, renda, essas coisas todas, camisolas. Tudo tinha na loja.
> O armarinho Araci. Como chamava o armarinho do Sr. Dílson, meu Deus? A gente vai ficando velha e vai esquecendo. Tinha o armarinho de Dílson, de D. Nice, que era completo também. Eram três armarinhos que tinham no centro da cidade que tinham tudo que você pensasse para um lugar pequeno e até para lugar grande. Tinha muita coisa boa.

A costureira Zinha Torres, discorda de que o comércio era bem abastecido:

> Era fraco em material, porque hoje tem muita variedade. Têm muitas lojas que vendem de tudo. Naquela época tinha menos. Tinha um armarinho aqui numa casa, não era nem porta aberta no comércio. D. Jaci Flores, que era quem fornecia contas. A gente pedia e ela mandava comprar fora. Ela tinha um armarinho dentro de casa. Ali perto de onde é a prefeitura hoje.

O fato de que a costureira, como ajudante da irmã Zu Torres, trabalhava com materiais mais refinados, por conta dos trajes requintados que confeccionavam, talvez explique o porquê de não considerar o comércio da cidade significativo. Para esses produtos, que não eram usados com muita freqüência, era necessário solicitar aos lojistas que comprassem.

Mas, é freqüente nas narrativas o testemunho de que os comerciantes tinham a preocupação em sempre adquirir para as suas lojas os produtos que estavam em voga no momento. Além das datas fixas, como nas vésperas dia de São João e no final do ano, quando viajavam para fazer compras maiores, sempre estavam conectados com as novidades lançadas no Rio de Janeiro e em São Paulo. Os representantes das fábricas também faziam visitas periódicas. Quando algum cliente fazia um pedido especial, ou quando sentiam a necessidade

de comprar alguma mercadoria, fazia-se o pedido à fabrica e, em poucas semanas, os produtos já estavam nas lojas. Essa facilidade se devia principalmente pelo fato da cidade contar com linhas aéreas regulares para Salvador e Rio de Janeiro.

Figura 76 - Anúncio Laide Aéreo.
Jornal *O Combate*, 01/05/57.
Acervo Arquivo Público Municipal.

Figura 77 - Anúncio Laide Aéreo.
Jornal *O Combate*, 22/ 08/57.
Acervo Arquivo Público Municipal.

Além das lojas citadas, as entrevistadas ainda lembraram-se da Casa Gonçalves, Santa Branca e Casa Barbosa que também vendiam tecidos. Existiam também as Casas Pernambucanas que, além de tecidos, vendiam roupa de cama e mesa.

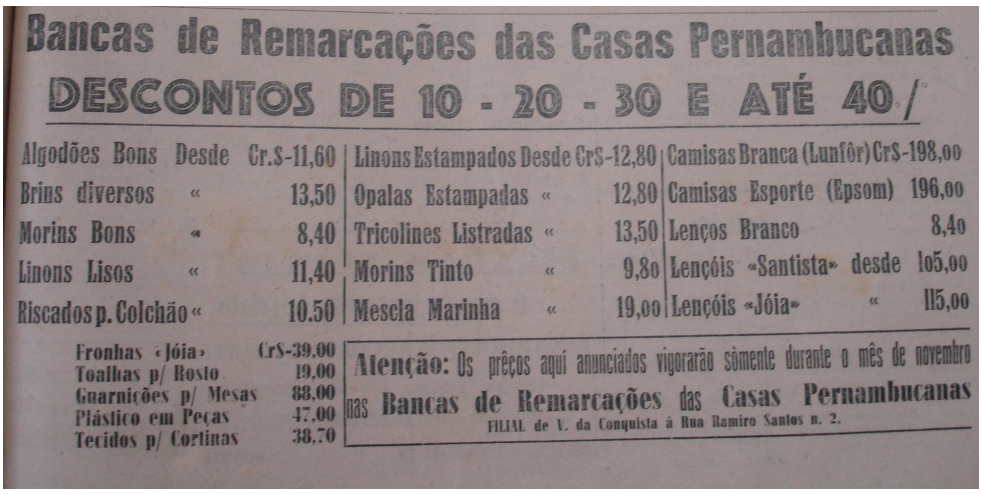


Figura 78 - Anúncio Casas Pernambucanas, jornal *O Conquistense*, 09/11/1957.
Acervo Arquivo Público Municipal

Como o consumo de moda era centrado na confecção, as roupas prontas restrigiam-se, a princípio, a peças que não sofriam diretamente com as variações da moda, como mantôs, agasalhos e outros complementos do vestuário. Marilene Bacelar lembra que a cidade era muito fria e que a Casa Barbosa trazia "lindos mantôs". Além de vender artigos finos, esta loja foi uma das primeiras a vender roupa pronta, principalmente roupa masculina. Sobre algumas lojas que vendiam algumas peças prontas Maria Macedo lembra:

> A loja que vendia roupa pronta era o armarinho. Não tinha uma casa mesmo pra você dizer que vendia roupa pronta. O armarinho de D. Nice, mesmo, vendia roupa. Comprei uma roupa linda na mão dela. Não era roupa *chic*, era roupa simples, comum. Roupa do dia a dia, de trabalho. Agora, casa para dizer, assim, de roupa de festa não tinha não. Tinha que fazer.
> Você comprava o tecido, levava para Zu, ou outra costureira famosa. Aí ela acompanhava a cliente à loja e dizia: você compra isso, aquilo e fazia. Quando tinha coisa que não comprava aqui, mandava vir de fora.

A primeira boutique da cidade, dentro do conceito que conhecemos hoje, foi a de Sinhô Torres. Era uma boutique caseira, que funcionava do lado de seu atelier, na praça Jardim das Borboletas. Segundo nos contou a sua nora, Marizete Torres, ela vendia roupas prontas junto com peças confeccionadas por ela. "As roupas prontas eram diversas, ela evitava pegar várias peças iguais, para que as pessoas não saíssem vestidas com peças repetidas, já que Conquista era uma cidade pequena na época" (10/01/2009). Outras entrevistadas, como Teresinha Mascarenhas, também citam a boutique de Sinhô como sendo a primeira:

> D. Sinhô, agora lembrei o nome dela, começou trazer roupa de São Paulo. Ela tinha uma boutique caseira. Era bonitinha, arrumada. Primeiro foi D. Sinhô trouxe.

Já nos anos 60 começaram a surgir outras boutiques, como a da madrasta de Marisa Correia:

> Minha madrasta teve boutique nos anos 60, na Lindoya. Vendia roupa pronta. Nessa época já tinha roupa pronta. Geralmente, as boutiques que vendiam roupa pronta, não eram lojas grandes. Eram lojas pequenas, com estoque bastante reduzido. E tinham as casas de calçado. A Cinderela era a mais famosa de todas. Era da família Novaes, de Humberto Novaes. A Cinderela lançou muita moda.

Celeste Rosa relembra que os sapatos anteriormente eram vendidos nas próprias lojas de tecidos e que a primeira sapataria foi a do Sr. Antônio Piton. Embora não se recordasse do nome da loja.

> Sabe qual a primeira sapataria aqui? Não foi a Cinderela, foi a do Sr. Antônio Píton, foi a primeira pessoa que teve loja só de sapato aqui. Daí começaram a aparecer, veio a Cinderela.

A Cinderela, que surgiu posteriormente, é lembrada por todas as entrevistadas como a principal loja de calçados da cidade, sendo considerada como uma grande lançadora de modas. Outra loja que encontramos referência nos jornais da cidade foi a Casa dos Calçados.

Figura 79 - Casa dos Calçados, Jornal *O Combate* 08/11/59
Acervo Arquivo Público Municipal

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entre as décadas de 1950 e 65, recorte desta pesquisa, o cenário de Vitória da Conquista sofreu mudanças significativas que propiciaram, por parte das consumidoras, um maior acesso aos bens de moda. Com base no quadro social apresentado podemos afirmar que a partir deste momento a cidade passou a viver sob o regime da moda. Isto significa dizer que a preocupação dos atores sociais cresceu na mesma medida em que a cidade se desenvolvia e se ampliavam os espaços de sociabilidade. O olhar, o observar o outro, só pode ser exercitado com a constante circulação de pessoas como diz Wilson (1985). As lembranças compartilhadas pelas entrevistadas mostraram a preocupação com a aparência, com o estar na moda e o modo como isso se entrelaça com as práticas cotidianas.

As informações de moda chegavam à cidade de diversas formas, mas eram as revistas as suas principais difusoras. As publicações de revistas femininas cresceram nesse período, facilitando um maior acesso. As mulheres tinham contato não só com as publicações femininas nacionais, como internacionais. A revista *O Cruzeiro,* apesar de não ser uma revista especializada em moda, figurou entre as principais fontes de tendências na narrativa das conquistenses.

Não só os editoriais de moda, como as publicidades apresentadas por estas publicações estimulavam o consumo, principalmente quando traziam indicações dos locais onde se podia encontrar tais produtos. Aquelas mulheres que viajavam mais ou que moravam na capital do Estado ou do país, consumiam com maior avidez esses produtos. As mulheres, notadamente as da elite social da cidade, saíam de casa para passear, fazer o *footing* no final da tarde, e ainda, para olhar vitrines, num misto de compras e lazer, cumprindo uma atividade que ajudava a marcar sua individualidade e as ligava ao espaço público.

Além das revistas, os eventos de moda e concursos de beleza promovidos na cidade foram grandes impulsionadores do comércio, além de manter as mulheres conectadas com as últimas tendências da moda. Assim, acreditamos que as pessoas que tinham acesso a essas informações se constituíam nos principais consumidoras da cidade. Em especial destacamos a realização dos desfiles da Bangu, que era esperado com ansiedade pela sociedade conquistense.

O desenvolvimento econômico da cidade também contribuiu para a difusão dos ofícios ligados à produção de roupas e complementos. Para as camadas mais populares, o aprendizado da costura significava uma forma de acesso ao mercado de trabalho. Para as camadas médias e altas, significava uma atividade que deveria compor o processo de educação feminina e numa atividade aceitável, caso a mulher desejasse trabalhar.

Pudemos identificar que o ofício das costureiras refletia as tensões em torno da posição social, tanto do artesão quanto do consumidor. Como acontecia em todo país, em Vitória da Conquista o bom nome de uma costureira ou modista estava associado às camadas dominantes da sociedade. Entre as costureiras havia aquelas que faziam “costuras finas” e que ocupavam lugar de destaque na sociedade e as outras costureiras e também alfaiates que faziam uma costura mais simples, para o dia-a-dia.

O comércio foi beneficiado neste período em que a preocupação com aparência cresce. Os espaços de compra de itens de moda eram as lojas de tecido ou armarinhos. Além dos produtos para confecção de roupas, inicialmente essas lojas vendiam também todos os complementos necessários para se compor um traje elegante.

Não foi nosso interesse, no presente trabalho, investigar todos os aspectos que compunham o consumo de moda em Vitória da Conquista, mas sim apresentar uma visão panorâmica de como as mulheres se relacionavam com a moda, além de evidenciar uma possibilidade de levantar dados que nos permitam, em outro momento, aprofundar algumas questões surgidas no decorrer da pesquisa. Muitos elementos ainda estão por ser investigados. Cabe aqui um convite para quem desejar enveredar por esta história.

O caminho percorrido por quem se aventura pela pesquisa histórica não é fácil, mas ao mesmo tempo é fascinante. Ir, aos poucos, compondo uma narrativa, montando, combinando informações é como tecer uma colcha de retalhos, costurando marcas de um tempo vivido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Alice Rangel de Paiva. **O avesso da moda** – trabalho a domicílio na indústria de confecção. São Paulo: Hucitec, 1986.

ALMEIDA, Cláudio A. **Cultura e sociedade no Brasil:** 1940 – 1968. São Paulo: Atual, 1996.

ÁVILA NETO, Maria Inácia d´. **O autoritarismo e a mulher:** o jogo da dominação macho-fêmea no Brasil. 2 ed. Rio de Janeiro: Artes e Contos, 1994.

BARNARD, Malcolm. **Moda e Comunicação**. Tradução: Lúcia Olinto. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

BARBOSA, Marialva. O Cruzeiro: uma revista síntese de uma época da história da imprensa brasileira. **Revista Ciberlegenda**, Rio de Janeiro, n. 7, 2002. Disponível em http://www.uff.br/mestcii/marial6.htm. Acesso em: 04/04/2007.

BARCELLOS, Gustavo. A alma do consumo. **Le Monde – Diplomatique Brasil**. São Paulo, p. 06-07, ano 2, n. 17, dez., 2008.

BASSANEZI, Carla. Mulheres dos anos dourados. PRIORI,Mary Del (org). **História das mulheres no Brasil**. 8ª Ed. São Paulo: Contexto, 2006. p. 607-639.

BASSANEZI, Carla; URSINI, Carla. O Cruzeiro e as Garotas. **Cadernos Pagu**, n. 4, 1995, pp. 243-260. Disponivel em http://www.pagu.unicamp.br/files/cadpagu/Cad04/pagu04.13.pdf. Acesso em 15/02/2009.

BAUDELAIRE, Charles. **Sobre a modernidade:** o pintor da vida moderna. (org. Teixeira Coelho). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

BAUDOT, François. **Moda do século**. Tradução: Maria Tereza R. Costa. São Paulo: Cosac e Naify Edições, 2002.

BONADIO, Maria Claudia. Dignidade, celibato e bom comportamento: relatos sobre a profissão de modelo e manequim no Brasil dos anos 1960. **Cadernos Pagu**, Campinas. v. 22, p. 47-81, 2004.

_____. **Rhodia Têxtil e a criação da moda nacional**. In: 2o. Colóquio Nacional de Moda, 2006, Salvador. Anais do 2o. Colóquio Nacional de Moda. Salvador : Unifacs, 2006.

_____. **Moda e sociabilidade** - mulheres e consumo na São Paulo dos anos 1920. São Paulo: Senac São Paulo, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção:** crítica social do julgamento. Tradução: Daniela Kern; Guilherme J. F. Teixeira. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk. 2007.

_____. **O poder simbólico**. 3 º ed. Tradução: Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

_____. **O costureiro e sua grife**: contribuição para uma teoria da magia. In: BOURDIEU, Pierre. A produção da crença: contribuição para uma economia dos bens simbólicos. São Paulo: Zouk, 2004. p. 115 – 190.

_____. Alta costura e alta cultura. In: BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero, 1983.

BRAGA, João. **Reflexões sobre a moda**. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2006.

BUITONI, Dulcília Schroeder. **Imprensa Feminina**. São Paulo: Editora Ática, 1986.

CALDAS, Dário. **Observatório de sinais**: teoria e prática da pesquisa de tendências. Rio de Janeiro: Editora Senac Rio, 2004.

CRANE, Diana. **A moda e o seu papel social**: classe, gênero e identidade das roupas. Tradução: Cristiana Coimbra. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2006.

DURAND, José Carlos. **Moda, luxo e economia**. São Paulo: Babel Cultural, 1988.

ECO, Umberto. O hábito fala pelo monge. In: ECO, Humberto *et al*. **Psicologia do vestir**. 3º ed. Lisboa: Assírio e Alvim, 1989.

GILBERT, Vera Lúcia P. **O entorno acadêmico e industrial têxtil no vestir e morar brasileiros**. 1993. Dissertação. Escola de Comunicação e Artes da Universidade São Paulo, São Paulo, 1993.

HALBAWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

JOFFILY, Ruth. **O Brasil tem estilo?** Rio de Janeiro: Ed. Senac Nacional, 1999.

LEGOFF, J. **História e memória**. 3 ed. Campinas: Editora Unicamp, 1994.

LEHNERT, Gertrud. **História da moda do século XX**. Tradução: JM Consultores. Colônia: Konemann, 2001.

LEITE, Miriam Moreira. **Retratos de família**: leitura da fotografia histórica. São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 2001. (Texto e Arte; 9)

LAVER, James. **A roupa e a moda**: uma historia concisa. Tradução Gloria Maria de Mello Carvalho. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LIPOVETSY, Gilles. **Império do efêmero:** a moda e seus destinos nas sociedades modernas. Tradução: Maria Lúcia Machado. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LUCENA, Paola Lili. **Discutindo intimidades**: percepções sobre a sexualidade feminina no jornal Lar Católico. In: XIII Encontro Nacional da Anpuh-Rio, XIII 2008. Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: Anpuh, 2008. Disponível em: http://www.encontro2008.rj.anpuh.org/resources/content/anais/1212965565_ARQUIVO_Discutindointimidades-OVERDADEIRO(1).pdf. Acesso em: 08/10/2008.

KORNIS, Mônica A. Os anos dourados? **Revista Nossa História**, Rio de Janeiro, ano 2, n.23, p. 26-29, setembro de 2005.

KOSSOY, Boris**. Realidades e ficções na trama fotográfica**. 2.ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000.

MALENRONKA, Wanda. **Fazer roupa virou moda**: um figurino de ocupação da mulher. São Paulo: SENAC São Paulo, 2007.

MARX, Karl. **Contribuição para a crítica da economia política**. Lisboa: Estampa, 1974.

MASSI, Marina. **Vida de mulheres**: cotidiano e imaginário. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

MAUAD, Ana Maria. Fotografia e História – possibilidades de analise. In: CIAVATTA, Maria e ALVES, Nilda (orgs.). **A leitura de imagens na pesquisa social –** História, Comunicação e Educação. São Paulo: Cortez, 2004.

MEIRY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. 4 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

MENDES, Geisa F. **Luzes do saber aos sertões**: memória e representações da Escola Normal de Vitória da Conquista. Vitória da Conquista: Edições Uesb, 2004.

MIRANDA, E. G.; ALVES, V. S. Vitória da Conquista: da redemocratização (1945) às sucessões municipais de 1950 e 1954. In: AGUIAR, E. P. *et al*. **Política:** o poder em disputa – Vitória da Conquista e região. Vitória da Conquista: UESB, 1999. p. 134-162. (Série Memória Conquistense).

MIRANDA, Ana Paula C. *et al.* **Influenciadores e hábitos de mídia no comportamento do consumo de moda.** In: Congresso ALAIC - Asociación Latinoamericana de Investigadores de la. Comunicación, Chile, 2000. Disponível em: http://www.eca.usp.br/alaic/chile2000/13%20GT%202000ComPublicitaria/Anapaulacelso.doc.. Acesso em: 05/04/2008.

_____. **Consumo de moda** – a relação pessoa-objeto. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2008.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX:** o espírito do tempo. Tradução de Maura R. Sardinha. 6ª Ed. Rio de Janeiro; Forense-Universitária, 1984.

MOUTINHO, Maria Rita; VALENÇA, Másvola T. **A moda no século XX**. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2000.

NACIF, Maria Cristina V. Confecção de trajes e mão-de-obra, no Rio de Janeiro, nos primeiros cinqüenta anos do século XX. In: VILHAÇA, Nízia; CASTILHO, Kátia(org.). **Plugados na moda**. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2006.

NAPOLITANO, Marcos. **Cultura Brasileira:** utopia e massificação (1950 – 1980). 2 ed. São Paulo: Contexto, 2004. (Repensando a História).

ORTIZ, Renato. **A moderna tradição brasileira:** cultura brasileira e indústria cultural. 5ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2001.

PALOMINO, Érika. **A Moda**. 1ª Ed. São Paulo: Publifolha, 2003.

PERROT, Michelle. **Práticas da Memória Feminina**. Revista Brasileira de História, São Paulo, v.9, n.18, p. 09-18, agosto–setembro de 1989.

PESAVENTO, Sandra J. **História e História Cultural**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, v.5, n. 10, 1992, p. 200-212. Disponível em: http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/104.pdf. Acesso em: 09/11/2008.

PRIORE, Mary Del. **História do amor no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2006.

RAINHO, Maria do Carmo T. **A cidade e a moda**: novas pretenções, novas distinções – Rio de Janeiro, século XIX. Brasília: UNB, 2002.

REIS, Augusto. Desfiles Bangu - Marcaram os "Anos Dourados". **Folha da Estância**. Disponível em: http://www.folhadaestancia.com.br/modules/news/article.php?storyid=2110. Acesso em 10/02/2009.

ROCHE, Daniel. **A cultura das aparências**: uma história da indumentária. Tradução Assef Kfouri. São Paulo: SENAC São Paulo, 2007.

SANT'ANNA, Mara Rúbia. **Concursos de beleza** - discursos e sujeitos. In: 3o. Colóquio Nacional de Moda, 2007, Belo Horizonte. Anais do 3o. Colóquio de Moda BH 2007. Belo Horizonte : Faculdades Cimo, 2007. v. 1.

SILVA JUNIOR, Gonçalo. **Alceu Penna e as garotas do Brasil**: moda e imprensa. São Paulo: CLUQ, 2004.

SIMMEL, George. **Filosofia da moda e outros escritos**. Lisboa: Edições Texto e Grafia, 2008.

SOUSA, Gilda de M. S. **O espírito das roupas:** a moda no século dezenove. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

STALLYBRASS, Peter. **O casaco de Marx:** roupas, memória e dor. Tradução: Tomaz T. da Silva. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

TABAJURA, Mozart. **História de Conquista** – crônica de uma cidade. Vitória da Conquista: Brasil Artes Gráficas, 1992.

VEBLEN, Thorstein. **A teoria da classe ociosa**: um estudo econômico das instituições. Tradução de Olivia Krahenbühl. 2ª Ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

VIGARELLO, Georges. **História da Beleza**. Tradução de Léo Schlafman. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

WILSON, Elisabeth. **Enfeitada de sonhos**. Lisboa: Edições 70, 1989.

JORNAIS E REVISTAS

Jornal *O Combate*, 01/05/1957.
Jornal *O Combate*, 01/05/1958.
Jornal *O Combate*, 17/05/1958.
Jornal *O Combate*, 28/09/1958.
Jornal *O Combate*, 17/05/1959.
Jornal *O Combate*, 31/05/1959.
Jornal *O Combate*, 16/08/1959.
Jornal *O Combate*, 08/11/1959.
Jornal *O Conquistense*, 12/01/1957.
Jornal *O Conquistense*, 05/05/1957.
Jornal *O Conquistense*, 22/06/1957.
Jornal *O Conquistense*, 28/09/1957.
Jornal *O Conquistense*, 09/11/1957.
Jornal *O Conquistense*, 01/01/1959.
Jornal *O Conquistense*, 04/04/1959.
Jornal *O Conquistense*, 18/04/1959.
Jornal *O Conquistense*, 17/10/1959.
Jornal *O Conquistense*, 26/09/1959.
Jornal *O Conquistense*, 17/03/1956.
Jornal *O Conquistense*, 31/03/1956.
Jornal *O Conquistense*, 14/04/1956.
Jornal *O Conquistense*, 21/04/1956.
Jornal *O Conquistense*, 28/07/1956.
Jornal *O Conquistense*, 20/10/1956.

Revista *Jornal das Moças*, n. 2373, 08/12/1960
Revista *Jornal das Moças*, n. 2.373, 08/12/1960.
Revista *O Cruzeiro*, 28/10/1950.
Revista *O Cruzeiro*, 20/06/1953.
Revista *O Cruzeiro*, 1957.
Revista *La Família*, 1950.
Catálogo *Nacional Bellas Hess*, Estados Unidos, 1950.

DEPOIMENTOS

Idalina Juazeiro. Entrevista concedida em 14/07/2008.

Marisa Correia. Entrevista concedida em 23/01/2008.

Maria Celeste Rosa. Entrevista concedida em 26/01/2008.

Marilene Bacelar. Entrevista concedida em 15/02/2008.

Maria Macedo. Entrevista concedida em 19/01/2008.

Dinah Cajaíba. Entrevista concedida em 02/12/2008.

Teresinha Mascarenhas. Entrevista concedida em 20/07/2008.

Marizete Torres. Entrevista concedida em 10/01/2009.

Losa Tavares. Entrevista concedida em 21/01/2008.

Zinha Torres. Entrevista concedida em 20/02/2008.

Natária Pereira. Entrevista concedida em 18/07/2008.

SITES

http://img166.imageshack.us/img166/8728/martarochain2.jpg
http://missesemmanchete.blogspot.com/2007/05/maria-augusta-nielsen-fada-madrinha-das.html
http://pro.corbis.com/search/searchFrame.aspx
http://www.fashionista.com/images/entries/not%20juicy%20couture.jpg
http://www.artline.com/associations/ipa/show/show99/exhibitors/wise/staley_d.jpg
http://pro.corbis.com/popup/Enlargement.aspx?mediauids={0a548155-7749-4cb1-a888-168b613ad363}|{ffffffff-ffff-ffff-ffff-fffffffffff}&qsPageNo=1&fdid=&Area=Search&TotalCount=178&CurrentPos=44&WinID={0a548155-7749-4cb1-a888-168b613ad363}
http://farm4.static.flickr.com/3071/2613221615_47197cfde7.jpg?v=0

ANEXOS

Mercedes Rosa, Desfile Bangu, 1956
Acervo Clube Social

Marlene Barros, Desfile Bangu, 1956
Acervo Clube Social

Zilda Maciel, Desfile Bangu, 1956
Acervo Clube Social

Eloaide Azevedo, Desfile Bangu, 1956
Acervo Clube Social

Mirna Quadros, Desfile Bangu, 1956
Acervo Clube Social

Iracema Fernandes, Desfile Bangu, 1956
Acervo Clube Social

Princesas de 1957 e Rainha e princesas de 1958.
Acervo Clube Social

Domingas Dias Cajaíba, 1959.
Acervo Dinah Cajaíba

Josedite Mota, 1959.
Acervo Dinah Cajaíba

Joana Ferraz e amigas, início dos anos 60.
Acervo Joana Ferraz

Casamento do irmão de Losa Tavares, final dos anos 50.
Acervo de família

Marisa Correia e amigas, início dos anos 60
Acervo de família

Família de Marisa Correia, final anos 50.
Acervo de família

Casamento de Joana Ferraz, 1964.
Acervo de família.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIAS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS
MESTRADO EM CULTURA VISUAL

TEMA DA PESQUISA:
Costurando Moda: ma análise das práticas vestimentares femininas em Vitória da Conquista – Ba (1950 – 1965)

PESQUISADOR:
Juscelina Bárbara Anjos Matos

ROTEIRO DE ENTREVISTA (Mulheres)

DADOS DO ENTREVISTADO

NOME:
ENDEREÇO:
FONE:
DATA DE NASCIMENTO:

PERGUNTAS

1- Quais as lembranças que a Sra. tem de Conquista nos anos 50 e 60? Como era a cidade?
2- Quais os espaços de lazer que existiam?
3- E a moda? Como as mulheres se vestiam?
4- Como era o traje que se usava no dia-a-dia e os usados em ocasiões especiais?
5- Como se tinha acesso a informações de moda na cidade?
6- E o comércio de moda como era?
7- Existia comércio de roupa pronta? Quais eram esses lugares e que tipo de roupa era possível encontrar?
8- E o trabalho das costureiras? Quais eram as principais costureiras da cidade?
9- A Sra. costurava suas próprias roupas ou dia uma costureira particular?
10- Onde aprendeu a costurar?
11- Tinha na cidade cursos de corte e costura? Na escola ensina a costurar?
12- Quem eram as principais costureiras da cidade?
13- Quais eram as referências de beleza da época?
14- Os concursos de beleza eram populares nessa época. Quais os critérios para ser candidata?
15- O que representava para as moças participar desses eventos?
16- Vocês participavam de eventos em outras cidades?
17- Quem fez o seu vestido? Você tinha uma costureira?

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIAS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS
MESTRADO EM CULTURA VISUAL

TEMA DA PESQUISA:
Costurando Moda: ma análise das práticas vestimentares femininas em Vitória da Conquista – Ba (1950 – 1965)

PESQUISADOR:
Juscelina Bárbara Anjos Matos

ROTEIRO DE ENTREVISTA (Costureiras)

DADOS DO ENTREVISTADO

NOME:
ENDEREÇO:
FONE:
DATA DE NASCIMENTO:

Perguntas:

Quais as lembranças que a Sra. tem de Conquista nos anos 50 e 60? Como era a cidade?
Quando começou a costurar?
Onde aprendeu?
Tinha na cidade cursos de corte e costura?
Como era a rotina de trabalho?
Quem eram as principais clientes?
Costurava na própria casa ou na casa das clientes?
Que tipo de roupa costurava mais?
Como as mulheres se vestiam?
Quanto tempo levava para fazer uma peça?
Costurava sozinha ou tinha ajudantes?
E o comercio de moda da cidade? Achava os tecidos, aviamentos necessários?
Quais eram as principais casas do comércio de moda?
Quais eram as costureiras mais procuradas na época?
De onde vinham as informações de moda?
Tinha assinatura de revistas ou comprava nas bancas?
As pessoas tinham uma preocupação de estar na moda?
Como fazia para que uma cliente não visse a roupa da outra? Como era isso?
Qual a época do ano que trabalhava mais? Tinha alguma data em especial?
Onde aprendeu a costurar?

DADOS DO ENTREVISTADO

NOME: Marisa Fernandes Leite Correia
ENDEREÇO: Pça Tancredo Neves, Museu Regional de Vitória da Conquista
FONE:
PROFISSÃO: Artista Plástica, Diretora do Museu Regional
DATA DA ENTREVISTA: 23/01/2008

Quais as lembranças que a Sra. tem de Conquista nesse período?

De 47 pra cá eu tenho alguma memória da cidade, 46 e 47 eu tenho. Me lembro, por exemplo, da abertura da Rio Bahia ainda, que era uma novidade, os caminhões caçamba passando pela cidade, carregando cascalho pra colocar na Rio Bahia. É um dos pesadelos que eu tinha na minha infância era de que um caminhão caçamba vinha e eu estava atravessando a rua e não conseguia chegar do outro lado ...(risos). Então foi uma coisa que não saiu da minha memória a historia do transporte do cascalho atravessando a cidade, porque não existia saída lá por cima, estava sendo construída esse trecho da Rio Bahia, ali do Departamento pra cima. Naquele trecho ali estava sendo reforçado com cascalho e etc., sendo melhoradas as condições da estrada, que já tinha sido aberta desde 1945, estava concluído este trecho daqui.
Me lembro, por exemplo, na época nos morávamos na rua hoje rua Dois de Julho, que era a chamada rua da Várzea, algumas pessoas chamavam também rua dos Gusmão, porque a família Gusmão em peso morava ali. Além de ser a família Gusmão quase todos os moradores da rua eram membros da 1º Igreja Batista ou da 2º Igreja Batista de Conquista. Isso porque o fundador da igreja Batista foi um Gusmão, foi o meu bisavô, Tertuliano Gusmão. Então essa relação da rua com a família é muito forte para a minha memória, porque todo mundo morava ali, estudava, encontrava todo mundo na igreja, as crianças eram todas mais ou menos filhas de parentes, quase todos os filhos de parentes, então eram todos primos. Me lembro, por exemplo, de Glauber desfilando ali na rua, porque o pai dele também era batista, o pai não a mãe dele, e ele subia a rua ali muito compenetrado ali a rua de calça curta, paletó e gravata borboleta, coma bíblia debaixo do braço. Eu lembro, assim, nitidamente dele passando na frente do passeio oposto ao da minha casa. As duas irmãs dele eram minhas colegas na escola dominical que era a reunião das crianças da igreja onde a gente aprendia os corinhos, as primeiras informações sobre a bíblia, a formação religiosa o que equivale à catequese da igreja católica. Todo domingo a gente se reunia nessa escola, se via ali. Por isso estou lembrando de Glauber.
Lembro-me também que a rua da Várzea que ia até onde hoje é a Bartolomeu de Gusmão e lá existiam várias cacimbas, sabe o que é cacimba? São poços rasos onde você tem água sem muito esforço, cava um pouco e tem água, água vem cristalina, limpinha. Ali tinham muitas cacimbas e as lavadeiras lavavam roupa ali, então toda a cerca que dividia o terreno que pertencia a algumas fazendas, alguns mangueiros, ali em frente na Bartolomeu de Gusmão, descendo do lado esquerdo da rua até a chamada rua do Gancho que hoje é uma continuação, termina a Bartolomeu e começa a Juraci Magalhães. Aquele trecho descendo era repleto de lavadeiras, então era muito bonito, muito colorido, as roupas todas ali secando, quarando na grama ou secando na cerca.
Outra coisa que eu me lembro bem, ali onde hoje é o Colégio Padre Gilberto era um sítio, uma pequena fazenda da família Flores e tinha uma plantação enorme de copos-de-leite, porque ali é uma várzea e o copo-de-leite é uma flor que se dá muito bem nessas áreas muito úmidas.
Aquela área ali, vinha dá na hoje praça Vitor Brito, que na época era chamada de praça dos Eucaliptos e da praça seguia a rua hoje Dois de Julho e do outro lado a Lauro de Freitas, onde é hoje o Ceasa, as duas ruas ali, com muitos mangueiros. Depois da rua da Várzea, em frente a Igreja Batista havia a bifurcação, na praça que tem o monumento ao índio, uma travessa ia para a rua da Avenida, que era a Lauro de Freitas, a rua Francisco Santos era chamada de rua do Espinheiro, porque todas as cercas dos mangueiros, as pessoas que tinham uma casinha e um mangueiro que abrigava os animais que vinham trazendo a feira, pessoas que vinham da fazenda pra fazer compra deixavam os animais naquele mangueiro pastando enquanto pernoitavam na cidade. Bom, eu ainda me lembro que na Francisco

Santos já existia muitas casas residenciais e alguma coisa de comércio, mas o comércio se concentrava mesmo na praça 9 de novembro, onde tinha a grande concentração do comércio. E a travessa, que era rua, mas que tinha tráfego, durante muitos anos teve tráfego de automóvel, que é a Alameda Ramiro Santos. Era tudo aberto, carros circulavam, eram poucos carros na cidade também, a maioria eram jipes e caminhonetes, carro de passeio você contava de dedo. Ainda conheci caminhãozinho Ford, aquele pequeno circulando aqui na cidade. Os ônibus eram chamados de marinete, eram ônibus pequenos era mais ou menos como um micro-ônibus. Eram as marinetes que fazia a ligação intermunicipal.

Como era a vida em Conquista, principalmente em relação ao lazer? Como era?

O lazer principal da cidade era o Cinema. Havia boa freqüência de cinema no início dos anos 50, anos 40, apenas um cinema que era o Cine Conquista, depois Cine Riviera, ali na praça onde hoje é a Insinuante. Ali do lado era o Banco Econômico e do outro o Cine Conquista. Durante muitos anos era esse o único cinema da cidade. Tinha as festas de Clube, as festas do Clube Social e fora disso aí, fora das festas do Clube e o cinema a diversão era toda ela, como se diz, do mangue. Porque eram cabarés famosos que tinham aqui, eram casas de jogos. Então, a diversão era essa. Os rapazes, os homens, falando de uma maneira geral, tinham mais opções de lazer porque freqüentavam esses ambientes que as moças não freqüentavam. As moças e as sras. freqüentavam o clube social e o cinema, e casas de jogos, casas de sinuca.
Bom, em meados dos anos 50 foi construído aqui um espaço, no centro da praça Barão do Rio Branco, chamado Lindóia, e foi inaugurado ali naquele espaço o bar e sorveteria Lindóia e em cima funcionavam consultórios dentários, gabinetes de advogados, consultórios médicos e etc.. Embaixo tinha a sorveteria, posteriormente foi inaugurado ali uma agência de ônibus, porque aí começaram a chegar novas opções, novas viações que vieram prestar serviço a Conquista. Antes era apenas uma que eu não me lembro o nome. E depois começaram a chegar para ir para São Paulo, porque antes era para as cidades aqui mais próximas e Salvador, não tinha linha para São Paulo, Rio de Janeiro. Veio depois. E funcionou ali. Tinha uma casa lotérica, tinha uma botica, a sorveteria Lindóia que era freqüentado pelas famílias. Agora o lugar que as famílias freqüentavam com mais desenvoltura, com mais tranqüilidade, as moças, os estudantes e tal, era a sorveteria Aracy, que funcionou na praça 9 de novembro, vizinho de um famigerado Bar Gato Preto. Esse bar era de sinuca, freqüentado só por homens, as mulheres de respeito nem entravam no bar, mal passavam na porta. Tinha umas que desciam do passeio para não passar na porta. Mas ali naquele centro funcionavam varias casas comerciais, como eu falei antes, a Francisco Santos era quase toda de residência, no finzinho tinha um ou outro comércio, ali na 9 de novembro havia uma concentração maior de comércio, inclusive com esse bares, o bar Gato Preto. A Farmácia Lia que já era uma farmácia mais moderna, a farmácia de Sr. Macário que continua e a farmácia Figueira.
A farmácia Lia é hoje onde é o Conquistão. Então a sorveteria Aracy era um sorveteria chique para os padrões da época. As moças se arrumavam devidamente, sapato alto, meia, bolsa, luva para fazer o *footing*[31] a tarde e chegar até a sorveteria Aracy, tomar um *distiller*, tomar uma vitamina, tomar uma banana split, que eram os ícone da época em torno de guloseimas. Irmão do dono do bazar Cairo. Eram vários irmãos, eles construíram a sorveteria aracy, que era do Sr. Lourival, o Magazine Aracy que era de um outro irmão. O Sr.....o nome dele agora escapou. E o Bazar Cairo que era do Sr. João Cairo. Gildásio, João e..... você lembra Marinho o nome do Dono do armarinho Aracy?

Marinho responde

Eurípides.

Seu Eurípedes Cairo que era sócio do Sr. Altamirano Novais. Altamirando tinha também parentes no comércio. Tinham vários Novais no comércio, vários Cairos. Foram pessoas que vieram de fora, que

[31] Andar a pé. Passeio

se casaram com moças daqui. Sr. Lourival, Sr. João e Eurípedes eram casados com moças daqui, sendo que a esposa de Eurípedes e a de João eram primas, eram da mesma família.

Nessa época veio muita gente para a cidade?

È. Nessa época, quando abriu a Rio Bahia, Conquista começou a receber muita gente de fora. De 1945 em diante muita gente chegou aqui, pessoas que vinham do Recôncavo da Bahia, Santo Antônio de Jesus, muita gente veio de, ainda tem muitas famílias aqui estabelecidas que vieram de ....todos vinham para o comércio. Abriam um negócio, uma portinha e daí desenvolvia porque a cidade estava em pleno crescimento. O pessoal de São Miguel das Matas tem muita gente que veio, ficou e foi trazendo irmão, parente e foi crescendo. Santo Antônio de Jesus desde o século XVIII, XIX, que já vinham vindo pessoas desses lugares do Recôncavo. Meu avô mesmo veio de Santo Antônio de Jesus, casou com aminha avó que era filha daqui da família Gusmão. Então essa chegada foi muito constante. Nos anos 50 também veio muita gente de Aracaju, de Pernambuco, do Ceara eram os chamados os nordestinos como se a Bahia não fosse nordeste.

Quem queria estudar tinha que sair?

Tinha que sair. Na nossa casa, meu pai internou os filhos mais velhos em Jaguaquara, uma geração inteira de Conquista estudou em Jaguaquara. Colégio Protestante, Presbiteriano, porque como a família Gusmão era quase toda Batista saiam ou para o Telegídio ou par ao Dois de Julho que também era presbiteriano. Eu estudei no 2 de julho dois anos, embora tenha estudado também num colégio de freiras, mas estudei dois anos no 2 de julho porque era o endereço dos filhos da família. A gente chegava no 2 de julho e encontrava da minha geração, um pouquinho mais velho ou mais novo do que eu, da família Gusmão acho que todo mundo. Em 56 e 57.

Você falou do comércio. Como era o comércio de artigos de moda?

Vendiam artigos muitos bons, artigos finos. A chamada loja Celino, a loja foi inaugurada já nos anos 50 ou finalzinho dos anos 40, porque inclusive onde funcionou a loja Celino meu pai teve uma loja na década de 40, não por muito tempo, porque ele era fazendeiro e entrou no comércio de tecido e tal, mas não era muito o ramo dele e ele terminou saindo de novo. Era chamada Casa Primavera a loja de meu pai e ele vendeu justamente para o Sr. Celino, que era também uma família chegante aqui, que era de fora e o Sr. Celino era também membro da 1º igreja Batista, era membro da igreja que a minha mãe freqüentava, ele e a família toda, os filhos. Veio ele e mais alguns irmãos. O Sr. Celino tinha uma loja muito boa, vendia artigos muito finos, rendas francesas, tafetás, chantuns, seda pura. O que você imaginar de fino na época se vendia aqui na loja Celino. E Sr. Celino durante alguns anos, no final dos anos 50 e início dos anos 60, patrocinou alguns desfiles da Bangu, porque era um cliente assíduo da Bangu. A Bangu era uma indústria de ponta em tecidos brasileiros, nacionais e ele era um revendedor dos produtos da Bangu. Então ele patrocinou vários desfiles, na loja ou no Clube Social Conquista. Vários desfiles da Bangu.
Tinha uma loja mais antiga que a de Sr. Celino, também ali na alameda, que era a travessa Lima Guerra, tinha uma loja chamada Santa Branca, também era uma loja que vendia artigos finos nos anos 50. Era a Santa Branca, Loja Celino e a Casa Barbosa, que era o pai de Audi Bulos, o pai dele tinha uma loja que também vendia artigos finos e foi uma das primeiras lojas a vender roupa pronta, principalmente roupa masculina.

Era muito raro ter encontrar roupas prontas?

Não tinha, não era comum roupa pronta. Nessa loja Primavera, que meu pai, eu me lembro era bem garota, talvez 1947, 48 ele recebeu uma blusinhas, umas camisetas que a gente chama hoje, umas blusinhas de malha,eram até listradinhas eu me lembro, e a minha mãe tirou umas blusinhas dessas para a gente. Era uma novidade e tanto porque a minha mãe costurava pra gente, ela passava a semana inteira na máquina, nos éramos 7 filhos e ela costurava, só não costurava calça para os meninos, costurava calça curta, enquanto eles usaram calça curta foi ela que costurou, as calças curtas e as

camisas, os conjuntinhos tipo conjunto de blazer, blazer não, era chamado jaqueta, uma jaquetinha sobre a calça curta, que era muito comum os meninos usarem de tecido igual. Me lembro que na época que meu pai tinha loja vinha umas amostras, um mostruário de tecido enormes, era um metro de tecido dobrado, dobrado, ficava um livrinho. O mesmo tecido em várias tonalidades, se fosse um brim riscado, vinha um bege, cinza, meio amarronzado, caramelo, azul, etc. Ela pegava esses tecidos e várias roupas pra gente, assim, pedaço de uma cor, pedaço de outra, fazia uma combinação, tanto para os meninos como para a gente, as meninas, aproveitando tecido, o chamado *patchwork* que passou a ser usado muito tempo depois. Fazia isso por medida de economia, eram muitos filhos, então ela aproveitava aquele mostruário, depois que acabava o estoque não servia mais e o meu pai passava para ela e ela transformava isso em roupa para a gente. Se era um cambraia fina ela transformava em camisolinha, anágua, calcinha que não existia pronta também. Se era um tecido mais encorpado, uma seda, virava vestido, se era um brim virava roupa dos meninos, as jaquetas dos meninos ou as calças curtas, que eram tipo uma bermuda no joelho, não se usava short, só essa calcinha curta.

D. Losa falou que encomendava as coisas à sua irmã...

Norma talvez. Norma minha irmã teve loja, mas isso já nos anos 70. Minha madrasta teve boutique nos anos 60, na Lindóia, ela teve uma boutique lá. Vendia roupa pronta, nessa época já tinha roupa pronta. Geralmente as boutiques vendiam roupa pronta, não eram lojas grandes não. Eram lojas pequenas que tinham aquele estoque bastante reduzido e tinha as casas de calçado, que era a Cinderela a mais famosa de todas. A Cinderela era da família Novaes. Era de Humberto Novaes. Quem vai te contar uma história interessante sobre moda de calçado é Nice Pinto. Ela se casou com o dono da Cinderela, que era da família Novaes. Ela deve loja, mas foi já nos anos 70, no mesmo local onde funcionou a Cinderela, porque eles mudaram, deixaram a loja de calçado e ela abriu a Chenice modas.

Ela me disse que tem fotografias de desfiles, mas dessa loja dela...

Ela fazia desfile de moda interna. Sr. Celino também fazia da Valisièr. Fazia internamente na loja, fazia desfile da Valisièr, camisola, penhoàs e conjuntode calcinha e sutiã, aquela roupa, tipo colãn, mas não chamava assim na época não, que vestia por dentro é... a minha camisola, por exemplo, meu noivo me deu de presente, comprou lá na Chenice. Eu tenho até hoje. Ela vendia anágua, na época se usava anágua rendadas, anáguas com varias camadas de renda, ela vendeu muito, para dá volume na roupa que era rodada. Vendia a anágua sequinha para a sai justa e vendia anágua com babado para as adolescentes, as moças mais jovens que vestia a roupa rodada.

Falando especificamente da moda, como era a roupa que se usava no dia-a-dia e que se usava em ocasiões especiais?

Normalmente se usava uma roupa pela manhã, falando de mim. Eu saia pela manhã com um tipo de traje, mais à vontade, sandalinha de arrasto como meu pai chamava, sandalinha baixinha, quando saiu essa moda da sandália enfiada no dedo, primeiro a havaiana, depois vieram as sandálias de couro com o mesmo desenho, que até hoje se usa. A sandália havaiana não era chamada havaiana, mas o modelo era o mesmo, era chamada de gueixa, porque era as sandálias usadas pelas gueixas japonesas, com aquele sistema de enfiar no dedo, que não eram só as gueixas. Então as chamadas gueixas foram lançadas como moda, aqui a Cinderela lançou a gueixa. Aí as mocinhas de família, as mocinhas mais socialites usaram essa sandália como sapato de moda, não era um chinelo de usar em casa, era uma sandália de usar na rua. Só que na época não era ainda muito comum e muito bem visto a sandália sem traseira. As sandálias altas, sem traseiras só quem usavam eram as mulheres de vida livre, que mostravam o calcanhar livremente. As mulheres mais ligadas à família, da sociedade, usavam sempre a sandália abotoada, o calcanhar de fora de todo jeito, mas tinha a traseira do calcanhar e o abotoamento. Essa sandália era comum, se usava além do sapato fechado, alto ou baixo, se usava assim. Mas as sandálias eram abotoadas, não eram sandálias de calcanhar livre. Essa sandália de calcanhar livre começou a ser usada no anos 60, como moda, mas era uma moda meio libertina, meu pai mesmo criticava, falava mulher minha não bota essa sandália. Era um modelo interessante inclusive porque era um modelo que as baianas de acarajé, do candomblé usavam, porque as mucamas

do século XVIII moravam nas casas e tal, usavam aquelas sandálias. Você pega reproduções de Debret ou de outros artistas anteriores, aí você vai ver a freqüência dessa sandalinha, que era dedicada as escravas, ex-escravas e por isso era um sapato mal afamado, ridicularizado, porque não era um sapato de dama fina, era um sapato de mulher meio desqualificada, depois virou moda...
Então de manhã a gente saias de havaiana, de bobe no cabelo com lenço amarrado, era muito ridículo. Botava o bobe todo, arrumava e se tinha que ir à rua botava o lenço e ia de bobe no cabelo. Para poder fazer o penteado e a tarde aparecer linda e maravilhosa na passarela... Aí de tarde tomava um banho, soltava o cabelo, tirava os bobes, fazia um penteado, colocava bastante laquê, deixava o cabelo bem armado para o vento não desarrumar; vestia uma roupa melhor, mais na moda, que destacasse mais, meia fina, sapato alto, carteira, bolsinha comprida e luva. Sapato, carteira e luva combinando. Às vezes não se calçava a luva, mas segurava a luva junto. Isso para descer ali a alameda Ramiro Santos, subia e descia umas quatro ou cinco vezes, ia na confeitaria tomar um sorvete. À noite ia ao cinema ou nas tardes de domingo e sábado às matinés, porque durante a semana tinha matiné também, mas quase todo mundo estudava, era uma população de jovens que quase todos estudavam então você não via .... Os estudantes não entravam de farda no cinema não, era proibido. Então quem queria filar aula, no meados dos anos 50, depois ficou mais relaxado, mas não podia entrar. Sr. Quido que era juiz de menor, ficava na porta do cinema, porque deduzia-se que estava matando aula. Estudante não entrava de uniforme, nem os meninos nem as meninas, só entrava de roupa de passeio. Esse traje passeio era utilizado para se sair a tarde, fazer uma visita, ir à matinée sábado e domingo ou algum feriado, para ir a sorveteria Aracy ou a Lindóia, para fazer compras ou uma visita. E a noite as moças saiam para namorar na porta, ninguém namorava fora, não namorava em carro, não tinha essas coisas de motel nem nada. O namoro era na porta de casa, geralmente os pais sabiam e faziam de conta que não sabiam, porque também não era noivado, era namorico, namoro de juventude, sem maior compromisso. No final dos anos 50 isso já ficou um pouquinho mais elástico, os casais já saiam para a casa de um e se agrupavam. Ali mesmo naquela casa onde funcionou o anexo do Museu, morou o meu tio, normalmente a gente encontrava ali 6, 7 casais namorando naquela varanda, ficava cheia de casais. Meus tios gostavam de jogar buraco, as janelas abertas, as luzes acesas e os casais ali do lado de fora, batendo papo. Ou então na chamada curvinha do amor, é aquela elevação que tem ali no jardim, ali descendo, era o parque jardim das borboletas, e tinha uma elevação na curva, subindo, fazendo o retorno. Ali os casais ficavam e também nos banquinhos do jardim. Como aqui tinha o sistema de faltar energia, a energia era alternada durante um grande período era luz de motor a óleo, então os bairros ficavam iluminados num dia e o centro em outro. Então nesses dias os casais normalmente se reuniam na casa de alguém conhecido, de Albano Flores, de D. Jaci, naquela casa onde hoje funciona um estacionamento, do lado da igreja, perto da prefeitura. Ali tinha uma casa também que tinha muitos jovens, reunia muita gente ali ou então aqui na casa de Tio Nando. Era sempre assim, casas de famílias conhecidas. Era sempre aqui na praça, a noite a gente fazia seresta, noite de lua, reunia todo mundo, não tinha luz então reunia todo mundo no jardim, em volta dos banquinhos até 10h da noite, quando era hora de todo mundo voltar pra casa. Então o costume era esse, de socialização e de congraçamento dos jovens com relação a propostas futuras de casamento. E as festas do Clube que eram freqüentadas pelas famílias que eram sócias do clube e convidados de sócios. Por exemplo, se a minha família quisesse levar você a uma festa, você era convidada da família, não entrava ninguém assim... eu quero entrar nessa festa, pagava ingresso e entrava, não. Eram vendidas as mesas, as famílias ficavam nas mesas, a referencia era o chefe da família e as pessoas se encontravam, jovens, velhos, as moças dançavam com homens mais velhos sem problema, as moças dançavam com os rapazes mas a coisa era mais controlada, dançar com o namorado era mais complicada, não dançava a noite inteira com namorado não, podia dançar com o namorado mas dançava com outros rapazes também, então sempre havia um intercambio entre os amigos, o namorado de uma chamava a namorada do outro, dava uma voltinha, era nessa base.

Com relação ao Clube Social tinham esses desfiles. Quem organizava?

As festas podiam ser organizadas pelo próprio clube, a sua maioria era organizada pela diretoria do clube. Tinham festas típicas que aconteciam em determinadas épocas do ano, mais ou menos na mesma data. Mês de maio tinha a festa das Rosas, mês de setembro a festa da Primavera que era em torno do dia da primavera, 20, 22 de setembro, dependendo da data que caia a festa, porque essas

festas normalmente eram realizadas no final de semana, de sábado para domingo, ou no máximo de sexta para sábado. Então, na maioria das vezes quando a festa caia num meio de semana, acontecia ou antes ou depois, porque a festa da primavera não acontecia durante a semana, porque as pessoas trabalhavam, os jovens estudavam então para não haver interferência. Carnaval acontecia os três dias. Tinha a matinal que era de manhã, a matinée a tarde e o suarèe a noite.
Agora além da festa das rosas, da festa da primavera tinham as festas de Debutantes que reuniam, às vezes era uma festa de uma única mocinha, às vezes era um grupo que se reunia para fazer aquela festa. A festa da rosa geralmente era organizada em beneficio do Lar Santa Catarina de Sena, o orfanato. Normalmente as damas da sociedade, o Rotary Clube era quem encabeçava e arrecadava dinheiro em benefício do Lar. Aí as moças se candidatavam, tinha a apresentação, por exemplo, tinha a rainha doe estudante, do comércio, da associação de medicina e das outras associações que existiam e elas concorriam ao título de rainha das rosas. Era uma noite de muita festa, de muito glamour, todo mundo de roupa muito bem cuidada, bem escolhida, tecidos finos, era o que a gente podia chamar de uma festa chic. Eram roupas esporte fino, vestido esporte fino. Essa toalete de roupa comprida quase nunca acontecia. Tinha o reveillon que era uma festa a rigor, todo mundo ia trajado a rigor e a meia noite virava carnaval. Eu não achava graça nenhuma, a gente ia toda emperiquitada para a festa e a meia noite todo mundo arrebentando, pulando carnaval. Os homens tiravam o paletó, arregaçavam as mangas, as mulheres tiravam o sapato e virava aquela bagunça.

Essas roupas eram confeccionadas aqui?

Confeccionadas aqui por costureiras daqui. Os tecidos eram comprados nas lojas que eu citei, a loja Luna veio depois. Loja Celino,loja Luna e a Santa Branca já tinha fechado, não existia mais, a Barbosa se manteve por mais tempo e as costureiras faziam. Tinha costureiras aqui habilidosíssimas, tinham costureiras especializadas só em roupa de casamento, e que faziam essas roupas especiais, essas roupas bordadas com fitilhos, lantejoula, pedras tudo que se tinha na época.

Vi uma material do desfile da Bangu que falavam em modelos de grandes estilistas..

É porque eram muitas vezes copiados da moda francesa, da casa Dior, da Casa Chanel. Eram modelos sugeridos, a fábrica Bangu mandava os modelos, tecidos, com metragem adequada e a roupa era confeccionada de acordo com o manequim da modelo que ia desfilar. , não existia ainda essa cultura do manequim profissional. Vinham duas ou três manequins contratadas pela empresa que davam os tecidos e as outras moças que desfilavam eram da cidade e às vezes não vinha ninguém e todas as moças eram da cidade.

Quando não se achava materiais aqui de onde vinham?

Se achava de tudo aqui, porque existia essa cultura. Os armarinhos vendiam de tudo fino, as lojas vendiam tecidos finos, vendiam rendas, vendiam gripes, as coisas mais delicadas, paetê, nacarado, tudo que se usava, as linhas adequadas, linha com fios de ouro. Tudo adequado.

Com relação às informações de moda, de onde vinham?

Principalmente através da revista o Cruzeiro, a revista Fatos e Fotos e a revista Manchete. Porque nessas revistas tinham páginas dedicadas só a moda onde as roupas eram apresentadas, ou então eram copiadas de filmes, americanos, italianos que chegavam. Então, vinha um modelo e pronto, virava assim uma febre na cidade, porque alguém via, a costureira via, copiava no olhometro e fazia igual.

Quais eram as referências de beleza?

Da época. Bom 54, Martha Rocha. Adalgisa Colombo na época. As cantoras de rádio se vestiam de uma maneira especial em suas apresentações, vestidos muito trabalhados, bordados, vestidos logos e tal. Elas também eram serviam como referência. As misses de um modo geral eram as referências de beleza da época. Agora, entre as atrizes tinha Tônia Carrero que era muito apreciada, Eva Wilma, é....

tinha uma cantora de uma voz suave, que tinha um porte elegante, Maisa já não foi modelos de beleza porque era muito bebum, não era vista como figura de mulher, não era tão apreciava. Nos anos 50, 60, quem mais? As cantoras de rádio. Emilinha Borba.

Você falou que sua mãe costurava, mas vocês tinham uma costureira particular?

Minha mãe faleceu eu tinha 9 anos aí passamos a ter costureira, mas antes de minha mãe falecer ela fazia roupa de todo mundo em casa, das moças, dos rapazes, para todo mundo, até pijama para o meu pai, camisa, ela fazia. Porque não existiam muitas facilidades mas tinham costureiras aqui famosíssimas: Aurinha, é uma que eu não sei se você já ouviu falar, ela era especialista em roupa de noiva. D. Nair é anos 60 .... tinha uma outra costureira aqui famosa, que era respeitada que era, ela morava ali na rua Maximiliano Fernandes, era até de família bem posta, a meu deus! como era o nome dela? ela costurava para...as costureiras mais caras daqui eram ela e Aurinha também.

Não era Zu que a senhora falou...

Não Zu é outra. Zu nos anos 50 também. Ela inclusive desfilou muito para a Bangu. Ela tinha muito bom gosto, ela desfilou fazias vezes pela Bangu. Tinha uma pessoa aqui muito entendida em moda, ela morava no rio e a família era daqui, a família Flores, e toda vez que ela chegava de férias era muito procurada, muito consultada porque ela sempre dava muitas dicas para todo mundo, Celenê Flores. Ela era muito bonita, muito elegante e ela sempre estava dando muita informação de moda, sobre tudo que estava acontecendo no rio. Era quem trazia moda pra cá. Em 1958, eu me lembro da moda, começou a encurtar as saias, que as saias eram bem compridas, eram no tornozelo, começou a encurtar as saias, então apareceu a moda do meião, um meião colorido. Inclusive, Anecyr rocha, que era irmã de Glauber, chegou aqui trazendo a moda do meião colorido e logo depois a cidade ficou abastecida de meia, porque apesar da dificuldade os lojistas providenciavam logo. Tinha recurso porque tinha linha constante de avião, então o que eles queriam era só passar um telegrama e em 3, 4 dias, uma semana estava aqui. Havia essa possibilidade.

<u>Continuação da entrevista</u>

E Aurinha era uma famosíssima. Urani Maciel era a costureira de classe. Aquela costureira que tem aquele toque especial, porque Aurinha costurava muito bem, mas ela costurava mais para as noivas, se dedicava muito às noivas, as madrinhas de casamento. E Urani Maciel qualquer tipo de roupa, mas ela tinha sempre um toque especial. Zu Torres também. Depois de Zu veio Arlinda, já no final dos anos 60, veio Ana Licimar. Ana Licimar fazia uma roupa mais descontraída, mais jovial porque ela era mais jovem também, ela era jovem quando se casou, era menina, então ela fazia .... Ela me preparou o enxoval para eu levar quando fui fazer vestibular, que fui para Salvador. Que a gente fazia assim as roupas de estação, no inverno fazia um guarda-roupa, no verão fazia outro guarda-roupa e pingava durante o ano alguma coisa e para as festas eram roupas especiais, ninguém repetia uma roupa nas festas. A festa era aquele vestido para aquela festa, então se fazia uma roupa especial para cada festa.

DADOS DO ENTREVISTADO

NOME: Maria Celeste Rosa França
ENDEREÇO: Rua Otávio Santos, 786, B. Recreio
PROFISSÃO: Dona de Casa / Costureira
DATA DA ENTREVISTA: 26/01/2008

Como era a moda do período?

Até 1945 a moda era assim, vestido que cobria o joelho, um pouco mais curto. Depois, foi na época em que acabou a guerra. Que durante a guerra os vestidos eram mais curtos, tinham menos tecido, porque tecido era difícil. O Brasil não fabricava, só tinha tecido de algodão, exportava muito algodão e comprava o tecido pronto. O Brasil tinha fabrica de tecido, assim, pra roupa de cama, lençol, essas coisas agora pra vestuário tecido melhor não tinha, comprava-se. Depois quando veio o new look, tudo era curtinho, pouco, porque o material era pra guerra: seda era pra fazer pára-quedas, algodão pra fazer as fardas. Então o governo, o Brasil exportava o que podia e não fabricava. Quando veio 194...

(para pra olhar uma foto)
Ah, aqui é Waly, meu primo, oh, já morreu. Que saudade!

Sim, quando acabou a guerra, aí os vestidos desceram. Foi criado o chamado new look, foi Chirstian Dior quem criou o new look, era um novo look. Então as saias se tornaram muito rodadas, desceram até o tornozelo, os vestidos eram assim, tinham casaquinho, mangas bufantes.Ai desperdiçou tecido com o new look...(risos). foi mais ou menos nessa época

Começa a olhar as imagens e comentar....

Nilda Flores e Dalva Gusmão (foto jardim das borboletas). Ela é Nilda ainda está viva.

Aqui já era a saia do New Look, saias rodadas, com anáguas, mais compridos, está vendo? Aí as roupas cresceram e aumentaram e veio a moda do algodão, fino, da Bangu e os vestidos... Eu tinha uma prima que não usava a saia godê, a gente chamava de godê duplo, ela usava 3, 4 godês e usava 3 anáguas, ela ficava parecendo uma ....(risos) uma saia bem rodada, ela tinha uma cinturinha fina, Iracema.

E usava esse tipo de roupa para o dia-a-dia?

Dia-a-dia. Isso aqui se usava no dia-a-dia, um passeio aí tinha uma roupinha melhor. E se usava, se usou muito saia e blusa, a gente variava, principalmente quem trabalhava. Tinham saias e blusas, tudo dia você usava, podia até usar a mesma saia várias vezes, saias justas, saias rodadas, agora variavam as blusas.

Esse tipo de vestuário durou quando tempo? Porque tenho imagens dos anos 60 e ainda se usava esse tipo de roupa.

Muito tempo. Durou muito tempo a saia godê, godê simples, godê duplo, muita saia. A saia aí cresceu que durante a guerra era apertadinho, justinho porque era pouco pano. Era

simplesmente, franzidinho na cintura, coisa que gastasse pouco tecido, depois da guerra foi que veio esse new look e essa moda durou. Era mais curta, desceu até quase o tornozelo, subiu de novo, usou com anágua, sem anágua. Durou muito tempo até que veio a moda fio reto, eu sei de tudo. Aí veio um estilista, porque quem ditava a moda era a França, Paris, Dior, Chanel. Os americanos mandavam pra lá, eu vi até um filme uma vez sobre isso, iam as moças, americanas, bonitas, altas modelos desfilar lá.

Aí a saia subiu, a saia subiu, agora é fio reto, tudo mundo corria, pregueado se usou muito, já na década de 60 era o fio reto, muita saia com prega e sem anágua. Essa manguinha curta se usou muito tempo, chamava japonesa, não tinha cava, nem manga colada, porque durante muito tempo era aquela manguinha pregada como se usa hoje, depois veio a moda, também por uma questão de economia, chamava manga japonesa, eu não sei porque.

Eu tenho algumas fotos aqui da Bangu.

Essa acho que era Mara Castro Lima.

Como era o desfile?

Era um concurso. Quem lançava era a Bangu que estava vendendo o tecido, então ela patrocinava o desfile, davam o tecido, os modelos, agora era costurado pelas modistas, costureiras daqui mesmo, da cidade mesmo. E aí fazia o vestido, desfilava pra ver quem era a miss elegante Bangu (risos)

Esses desfiles aconteciam com periodicidade?

Tinha mais de um, mas não era muito não. 2 ou 3, de vez em quando, aí ficou muito comum.

Esses modelos eram feitos por estilistas famosos?

Famosos. Os brasileiros íam assistir os desfiles das coleções em Paris, era Paris que lançava moda, a América do Norte mandava os estilistas deles, só desenhistas das fábricas de tecido de onde vinham as roupas prontas. Foi mais da América né? Porque quem lançou a moda da roupa pronta foi a América no Norte e o Brasil acompanhou, mas fazia roupa de modista. Modista ganhava dinheiro. Tinha a pessoa que costurava, você comprava o tecido na loja, escolhia o modelo no figurino, fazia era sob medida. Eu já fiz tanto vestido.

A Sra. já costurava nessa época?

Não. Eu mandava fazer. Depois eu aprendi a costurar com uma amiga nossa, ela ainda é viva hoje, Urani Maciel, ela sabia costurar, já era funcionária, que costurava muito, aprendeu a costurar, até hoje ela costura para alta roda em salvador. E ela me ensinou a costurar. Ela dava curso e eu aprendi. Aí eu costurava pra mamãe, pra Angélica. Ai eu costura pra Zezé, pra Angélica, pra Celita Pedreira, sem cobrar. Levava as costuras e eu fazia.

Ela falou que não ia nessas coisas não, não saía.

Ela levou muito tempo, ela levou 10 ou 15 anos sem ir ao cinema, porque a distração da gente, das moças da sociedade, a gente ia ao cinema. O cinema de domingo a gente tinha que ter a roupa pra missa, ou pra igreja quem era Batista, mas aí não ia no Clube, não dançava, as moças da Igreja Batista não iam nessas coisas, eram só os Católicos. Então, o vestido

bonitinho de ir pra missa das 9h, a gente ia pra mostrar roupa e ver namorado e de noite ia para o cinema. À tarde, às vezes, ia pra matinèe no Clube, tinha matinée dançante, a gente dançava até 7h, 7h30. Eu morava ali na praça e o Clube era pertinho. Ele ficava ali junto de onde é aquele hotel Albatroz, a gente ia a pé, quando a gente vinha da festa, vinha de sapato na mão, porque o pé estava doendo de tanto dançar. Cada festa era um par de meia, usava meia fina pra se arrumar, pra ficar elegante tinha que ser de meia. Eu descia a pé e descia descalço com os pés doendo de tanto dançar.

Dona Marisa disse que tinha três roupas, a de manhã, a da tarde e se tivesse alguma coisa a da noite.

Tinha uma roupa melhor. Era a roupa de ir ao cinema, à missa de domingo, se tivesse um casamento tinha uma roupa melhor, a gente chamava assim "a roupa de ver Deus", que era a roupa de ir à igreja. A gente não tinha muito recurso lá em casa, minha mãe era viúva, e todo mundo trabalhava para viver, e morava lá em casa também duas primas, que vinham de fora, de Caetité, de Itambé, de onde morasse os parentes e ficavam lá em casa, mamãe recebia, assim, não era hospede, ficava lá em casa, todo mundo era sobrinho, as moças ficavam entregues a tia Zaza, pagavam e com isso era uma renda pra minha mãe. A casa era cheia de moças. Eu me lembro que a gente corria para a janela, a casa era grande, não sei quantas janelas, e a gente corria para a janela olhar os rapazes. Os rapazes passavam e a gente: boa tarde! Namorava na janela. E à noite ia para o cinema e o Clube Social dançar. Agora as moças iam acompanhadas e no Clube só entravam os sócios. Os sócios eram muito bem escolhidos, um rapaz de fora que quisesse freqüentar o Clube tinha que ser apresentado por um sócio. Não tinha esse negócio de comprar ingresso não. Não era todo mundo que ia não. Um dia eu disse para minha filha e ela ficou escandalizada, tinha o clube de primeira e tinha o clube do pessoal mais pobre. E ela: - mainha!!!... E eu disse: - era minha filha.

Era o Democrata né?

È, isso mesmo. Você ta sabendo.

É, eu li no jornal. (risos)

Era na praça da bandeira, era para o pessoal mais simples, o pessoal que trabalhava no comércio, para as pessoas mais pobres que não tinham condição de pagar a mensalidade do Clube. Moça não pagava e nós tivemos a sorte de que quem construiu o Clube novo, primeiro fez a reforma desse e depois construiu o outro, foi Pedral, formadinho de novo engenheiro, construtor, e aí ele não pagava. Ele não cobrou o trabalho em benefício da cidade. E aí tinha uma mesa, nesse clube mesmo ele tinha uma mesa separada. Cada pessoa comprava sua mesa e pagava.
Tinham pessoas de fora que moravam aqui e freqüentavam o Clube.

(*Olha as fotos*) Lindo esse vestido. De 2 em 2 anos tinha desfile patrocinado pela Bangu.

Tem muita gente que foi embora daqui?

È pra tentar a vida, estudar, forma morar em Salvador, se casaram, tinha os filhos para estudar e já ficava lá mesmo. Zezé e Mercedes, minhas irmãs moram em salvador, ficamos eu e Angélica sozinhas.

Olha mais as fotos, comenta.

Essa era a mesma porque tinha o traje passeio e de festa. (falando da bangu)
Eram duas entradas

Tenta decifrar quem são as pessoas que aparecem nas fotos (Mostre mais fotos aí)

Eu devia estar aí atrás. Eu não perdia uma festa. Ave Maria, eu morria se não fosse numa festa. Carnaval se eu não fosse em todas as festas eu chorava, só faltava morrer. Não perdia nada. Adorava dançar.
Tinha assim, as moças não iam, tinham pais mais rígidos que ia numa festa e na outra não ia, mamãe não tinha disso, tinha com quem ir, vá a festa. O dia que não queria ir ela dizia: por que Celeste não quer ir à festa? Por que Mercedes não vai? Ela queria saber porque.

Também não tinha opção de lazer, tinha que aproveitar.

Não estou dizendo a você, tinha a matinée de cinema, o cinema de domingo, era um lugar que você estreava roupa, você ficava na fila, namorava na fila. William meu marido lembra: _ você nem olhava... Ele era mais moço do que eu, eu devia ter meus 21 e 22 anos por ai e ele era rapazinho. Eu não dava nem trela. Ele se lembra da fila.
Ah, eu ia pra festa e não usava óculos. Desde os 23 que eu enxergo pouco, mas se eu ia pra festa de óculos, tirar foto e ficar de olho brilhando *(fala de uma moça que estava de óculos)*

Tinha uma moça aqui que desfilou de óculos, aquele gatinha.

È. Tinha essa moda. Já minha irmã, Mercedes tinha um rostinho bonitinho, redondinho, ela usava óculos. No cinema, o óculos ficava na caixa, quando começava eu botava os óculos e via o filme, na hora que estava para acabar eu tirava e assistia o resto do filme sem óculos.
Essa era Marlene Barros, ela já morreu. Magra, ela era bem alta

Eu gosto de olhar os conhecidos

Essas moças aqui atrás morrem de inveja porque não desfilaram (risos)

Isso que fico pensando eles estavam lançando o tecido e já tinha gente usando.

Mas era moda. Quando veio a moda do vestido de tecido, todo ano tinha, foi logo depois da guerra, isso já foi na década de 60, eles faziam lançamentos novos e aí varias fabricas, cada uma lançava a sua. Cada costureiro lançava a sua moda. E aí era a disputa para vender. E foi a época em que o tecido de algodão chegou à sociedade porque só usava vestido de algodão em casa, pra sair era de seda, vestido de festa, de casamento, tudo era seda, importada ainda por cima porque o Brasil não fabricava seda. Caro.

Olha as fotos

Quem eram as costureiras que faziam esses vestidos?

Muita gente. Eu lembro de... Urani inclusive, apesar de freqüentar Clube, alta roda ....
A Bangu mandava o tecido, modelo e fazia aqui. Eu sei por que Mercedes desfilava e quem fazia era Zezé, minha irmã, que sabia costurar. Mercedes desfilava e eu não perdia as festas.

Mesmo quem não era modista profissional?

Todo mundo aprendia costurar pra si, eu mesmo costurava pra mim. Eu fazia minhas roupas, minha prima Iracema Fernandes também costurava para pessoas de fora. Não era profissional, era assim, como a gente vê em novela, tinha as costureiras e tinha as profissionais como, deixa ver se lembro o nome dela, ... Aurinha era famosa, mas tinham outras costureiras, Aurinha costurou muito para mim. Tinha ela, quem era também Celeste que ganhou dinheiro? Tinha gente que só costurava. Zu, dessa família Torres, ela foi para São Paulo, costurava bem, freqüentava... Ontem mesmo encontrei o irmão dela.

Como vocês recebiam essas informações de moda?

Revistas. Além das revistas de moda O Cruzeiro foi um grande divulgador. Comprava revista que trazia os desfiles, tinha a página de moda. Eram várias revistas, além das revistas, digamos assim figurino, como se dizia que era só moda, tinha essa com os modelos de mulheres desfilando, vestindo. Era o desfile das coleções e aí saía em todas as revistas, tinha a Alteroza que era uma revista de BH e o Cruzeiro que foi grande divulgador de muita coisa.

Quem eram as referências de beleza da época. Em quem vocês se inspiravam?

Ah cinema, artista de cinema e depois, aos poucos foram chegando as artistas brasileiras, porque brasileira nem aparecia, primeiro porque o país não tinha cinema; tinha artista de teatro, Tônia Carreiro, eu me lembro dela quando começou, novinha, bonita. Uma que fez sucesso também, bonita... De vez em quando tinha alguma da sociedade que se aventurava porque era tabu ser artista, gente da sociedade não se metia com essas coisas. Hoje não porque tem que ganhar dinheiro, tudo mundo quer que as filhas nem estudem para serem modelos.

Como vocês cuidavam da aparência?

A aparência era uma coisa simples porque não tinha salão, nada.

Minha mãe falava que ia ao barbeiro.

È era em barbeiro que a gente cortava o cabelo, nos salões de barbeiros. Depois veio o primeiro cabeleireiro que foi Geraldo, Geraldinho, era fresquinho, mas era ótimo, cortava bem, penteava. Foi o primeiro que veio para Conquista, depois vieram outros, mulheres, homens. Começou a ter salão de beleza. Unha cada um fazia em sua casa. Comprava seu esmalte, tinha seu alicate, tesourinha e faziam suas unhas. Não tinha, só tinha manicure pra homem nos barbeiros.

Era um espaço masculino?

É, mulher não ia em salão de homem. A primeira manicure que teve aqui foi num salão abaixo de onde é o Fórum. Onde tem aquela loja grande ali era uma casa e tinha um salão, barbearia e ali a primeira moça fazia unha já na década de 50, 60. Geraldinho veio cortar cabelo aqui ... Ele morou aqui muito tempo, o salão dele tinha manicure. Aí a gente começou a fazer unha no salão porque antes vinha à casa das clientes, a manicure fazia as unhas das senhoras em casa, e eu era a manicure da família. Tudo eu fazia, eu costurava, não bordava de jeito nenhum, nunca marquei nada, nunca bordei nem para os meus filhos. Nunca fui chegada

em bordado não, agora esses outros atributos femininos... E também nunca cozinhei, não sei por onde vai cozinhar.

E onde compravam essas coisas, com relação a moda, tecido, aviamentos, roupas?

Material?
Ah no comércio, todas as lojas vendiam tecido. E toda loja de tecido, no princípio, tinha tecido e sapato, masculino, feminino e chapéu. Vendia chapéu para homens. Isso eu era menina. Depois a primeira loja aqui foi a Cinderela, foi a primeira sapataria. Sabe qual foi a primeira sapataria, só sapataria? Não foi a Cinderela, foi a do pai de Geraldo Pithon, seu Antônio Pithon, foi a primeira pessoa que teve uma loja só de sapato aqui. E ele era rapazinho, menino, e trabalhava. Daí começaram a aparecer, depois veio a Cinderela que era de Humberto, marido de Nice. Nice Pinto, ela é bem mais moça do que eu. Ela foi minha companheira, outro dia estava me lembrando de Nice, Humberto era bem mais velho do que ela, acho que uns 15 anos, ficou muito tempo sem casar Humberto e casou-se com Nice jovenzinha. E ela ia para o Clube, o Clube era ali junto, você sabe onde é, hoje é uma casa de moveis. E ela morava onde hoje é o Baneb. E ela não perdia festa e gostava de dançar, era muito mais moça do que eu, então ela dançava, no carnaval morria de vontade de ficar com a gente e não podia. No Carnaval quando eu vi, tinha aquela porção de gente e ela puxando o cordão e aí eu disse: Nice cadê Humberto? E ela: foi levar mãe. Era a mãe dela. E aí ela estava se esbaldando, aproveitando. Mas não era nada de mais, era todo mundo conhecido, todo mundo dançava, cantava e brincava no carnaval. Não tinha as coisas de hoje não, era diferente.

Eu já descobri foi gente....

Oh, meus tempos, minha vida.... Eh, conheço todo mundo, conhecia todo mundo.

E roupa pronta, se achava para comprar?

Não. Não se achava roupa pronta. Achava o tecido e fazia. Depois foi que começou a chegar blusa, pronto só agasalho. Que a gente tinha um agasalho, dois, para vestir por cima da roupa. Não tinha roupa de inverno. Depois veio a moda da calça comprida, os blusões de malha, a gente fazia de tricô.

Quando as mulheres começavam a usar calça pra sair?

Na década de 60. Aqui, eu me lembro do meu filho, o chilique que Leonardo deu, que ele era menino pequeno, 2 anos, e eu deixei ele na casa de minha mãe e ele deu um chilique porque eu estava de calça comprida. Eu ia viajar com William, com ciúme, um filho de 2 anos: “tira, tira”. E William: _deixa de ser besta moleque. “Mainha esta de calça comprida”. Usar calça comprida e fumar. Fumar tinha que ser escondido dele. Eu nunca vi uma criança de 2 anos com cabeça de velho e é até hoje. È assim, é um velho.

Mesmo as mulheres que trabalhavam fora não usavam calça?

Não. Eu me lembro o prefeito Orlando Leite, foi o primeiro prefeito que aceitou que as funcionárias da prefeitura usassem calça comprida no trabalho. Eu me lembro que Vani chegou e disse: Celeste minha filha pode vir de calça. Porque não podia. O prefeito que autorizou o uso pelas funcionárias e nós fizemos uma farda pra usar. Calça comprida era só

para viagem, para montar a cavalo, num pasto, numa fazenda. Não era do uso diário não, de jeito nenhum. Morria de frio, porque não podia usar e aqui era frio.

A Sra. falou do trabalho das mulheres. Quais eram os espaços de trabalho das mulheres?

No comércio, como Nice trabalhou. As mais simples, as mais modestas trabalhavam no comércio, como professora, ou então funcionária publica da prefeitura: eu. Eu que fui trabalhar. Geralmente era assim, não era mais nada, escritório? Muito tempo depois que as moças começaram a trabalhar em escritório. Eu fui das primeiras moças que aprendeu datilografia para trabalhar. (risos)... Mamãe me botou para aprender datilografia para me empregar, porque lá em casa a vida era difícil.

Olha as fotografias. Fala das pessoas presentes

Usava-se cinta nessa época?

Não. A gente tinha a cinturinha mesmo. Mas as roupas eram tão ajeitadas que a gente tinha a cintura fina naturalmente. E usava ... Às vezes tinha uma cintinha para a gente usar só na cintura, ou um cinto largo, mas isso era capricho da moça. Moça de cintura grossa só quem já tinha filho. E a cinturinha tinha que ser bem fininha... Usava duas anáguas, tinha anáguas de algodão, engomada com bico bordado e por cima uma anágua de seda com renda e por cima de tudo o vestido. Então a cintura ficava assim. (mostra o tamanho da cintura)

A gente jogava voleibol. Mesmo depois que acabou o ginásio tinha o grupo de jogar. No Colégio João Noberto, no tiro de Guerra. O sargento fazia os torneios e a gente viajava, ia jogar voleibol em, Governador Valadares não, como é o nome, Teófilo Otoni. Ia para Poções, Jequié. E aí tinha festa, ficava para a festa. Se hospedava nas casas de família e cada qual....e tinha o baile. Oh, que tempo bom da vida.

Tem uma fotografia aqui que é de educação física ou é time de futebol.
Mostro a foto

Oh, aqui. Olha eu aqui. Não, não tô não. Esse devia ter sido um time que veio. Era visitante. Era voleibol. Repara a roupa, aonde que a gente usava... ainda tinha gente que achava errado. O shortzinho era curtinho, ta vendo.

Isso era mais ou menos de que época?

Isso tudo era da década de 50 com certeza, era década de 50 sim senhora. Isso a gente jogava no Ginásio, tinha o time do ginásio. Agora esse time que veio jogar aqui jogava com o time do tiro de guerra. A gente estudava no Ginásio, eu já tinha terminado, mas como eu jogava fazia parte do time. Eu não sei se era de Porções, de onde era. De noite tinha o baile.

D. Marisa falou que a roupa tinha elástico e ficava mais embaixo e aí depois que se puxava.

È, a gente subia. Ninguém era besta. Era assim mesmo.

A roupa do colégio também.

È, a gente dobrava o cós curto. Padre Palmeira não admitia saia curta, as saias cobriu os joelhos, que era da moda, e ele não admitia. E a meia era comprida. Horrorosa, a gente pegava e dobrava, fazia ela soquete. Dobrava, dobrava, dobrava. Quando a gente chegava perto do Ginásio subia, e entrava, para entrar de meia comprida.

Oh, quanta gente conhecida. (olha as fotos)

As moças ficavam com o olho comprido de inveja. Porque nem todas podiam participar. Eram casadas, não era as mais bonitinhas, as mais cotadas.

Quem será essa. È uma artista que deve ter vindo aqui e eu não sei quem é

Era Márcia Galvão. Ela era meio exibida mesmo. Ela casou-se muito nova, era muito bonita, morava em Itambé. Ditava moda. Ela ainda é viva. Morreu Ademar e ela casou-se de novo. Zezé lhe dá noticia dela. Mora em Salvador.

Isso era uma festa de carnaval?

Ela fantasiava, fazia desfile.

Disseram que ela saiu até na revista Cruzeiro.

E ela era bonita. Ela tinha vontade de ser atriz, de aparecer, de tirar retrato. Se fosse agora ela seria modelo. Agora ela era... e ele era embasbacado por ela, bem mais velho. Fazia todas as vontades de Márcia. Depois foram morar em Salvador, ele morreu e ela casou de novo, com alguém da família Lisboa.

Foto da cantora

Essa era uma moça que morava aqui, era professora, cantava bem. Neném o nome dela. Ela cantava bem, se apresentava no clube, cantava socialmente. Esqueci o nome. Neném. Não era cantora de fora não. Esses foram os anos idos e vividos de Celeste. Angélica deve lembrar.

Dona Marisa falou que a celino fazia desfiles também, fechados na loja para as clientes.

È, mas não era mais no meu tempo. Já estava casada e tudo. Lourival Cairo, dono da confeitaria Aracy.

DADOS DO ENTREVISTADO

NOME: Zinha Torres
ENDEREÇO: Rua Teodoro Sampaio, 401, São Vicente
PROFISSÃO: Costureira
DATA DA ENTREVISTA: 20/02/2008

Zu Torres era uma costureira muito cotada na época. Todos falam dela. Como era o trabalho dela?

Aqui era a elite, costurava aqui em casa, nesta mesma casa, desde que a gente mora aqui. Aí ela casou, saiu pra São Paulo.... E a gente costurava, tinha a festa das Rosas, tinha festa da Primavera, tinha festa dos namorados, tinha festa de debutantes, tudo era feito aqui. Tudo. Eram costuras finas, que às vezes mandava comprar tecido fora porque não tinha. Naquela época tinham poucas lojas, tinha a loja Celino, a Luna, antiga Luna, que era que fornecia tecidos melhores.

A variedade de material era boa?

Tinha, mas não tinha o material que tem hoje. Naquela época não tinha os acessórios para fazer vestido de festa que tem hoje.

E quando não encontrava aqui vocês mandavam comprar onde?

Às vezes precisava mandar comprar aviamentos fora. Contas, pérolas. Eu ainda tenho até um retrato aí de um vestido que a gente fez, de noiva, de uma moça de Itapetinga. Minha irmã costurou e eu bordei. Era uma calda imensa, eu tenho o retrato.

(sai para procurar a foto)

Estava lá na roça da gente. Esse vestido aqui tinha uma calda imensa. O bordado dele era ao redor da calda e tinha um bordado aqui, ta vendo? Acima da cintura um pouquinho. E ele tinha uma calda, assim, meio oval. Eu levei mais de mês bordando esse vestido. E aqui somos nós duas. Ela e eu.
Naquela época não tinha colorido, era preto e branco (falando da foto). O meu vestido era azul e o dela era roxo. O meu era um azul, assim, não turquesa, mais para azul petróleo.

Essa parte de cima do vestido é o que?

Casa de abelha. E esse meu era bordado com contas da mesma cor.

As pessoas tinham uma preocupação de estar na moda?

Tinham. Cada festa era uma roupa nova e uma não podia vê a roupa da outra, tudo era surpresa no Clube quando chegava.

E com relação ao comércio? Você falou que era um comércio razoável.

É, era fraco em material, porque hoje tem muita variedade, têm muitas lojas que vendem tudo, todo tipo de conta, de tudo. Naquela época tinha menos. Tinha um armarinho aqui numa casa, não era nem porta aberta no comércio. D. Jaci Flores, que era quem fornecia contas, a gente pedia e ela mandava comprar fora. Ela tinha um armarinho dentro de casa. Era uma pessoa maravilhosa ela.

Ficava mais ou menos aonde?

Ao lado da igreja. Não tem ali a prefeitura? É ali acima, ali onde é a prefeitura eu acho. É acima um pouquinho. Não era ali mesmo, na prefeitura, do lado de cá.

Vocês costuravam para outras cidades?

Costurava demais. Pedra Azul, Itapetinga, Jequié, Condeúba. E não dava conta, eu amanhecia o dia.

Quais eram as costureiras mais requisitadas da época?

Tinham outras. Tinha D. Nair, tinha Risoleta. D. Nair costurava bem também, mas ela gostava de fazer vestido de noiva, minha irmã também costurava vestido de noiva. Nós aliás. E D. Nair dedicou mais a vestido de noiva, ela mora hoje em Salvador. Morava ali na praça dos ônibus, na Lauro de Freitas.

Me falaram que D. Nair tem uma loja em Salvador.

É, ela tem uma loja. Ela faz ainda algumas peças, bota na loja e acho que compra também.

Parece que é de tecido.

É. Porque hoje tem muita facilidade de você vestir bem, comprar pronto, muito, muito! Naquela época não tinha, não tinha onde comprar, tinha que fazer. Era o tecido da moda o Zibeline, que era o tecido da época muito cotado, esse vestido mesmo é zibeline (mostra a foto).

Quais eram os tecidos que usava na época?

Crepe, organza, organdi, que hoje não existe mais, o organdi suíço hoje não existe mais, aquele organdi bordado; renda,tinha muita renda, a renda ainda usa muito. O organdi saiu de circulação. O zibeline substituiu com outros tipos de cetim. Tem muito tecido moderno hoje que eu nem sei o nome.

Eu encontrei aqui algumas fotos de Desfiles da Bangu.

Minha irmã desfilou para a Bangu uma vez. E teve vários desfiles da Bangu. Eu tive uma sobrinha, que morava com a gente, que a gente criava, ela desfilava, era muito bonitinha e desfilava, mas as fotos estão com ela em Salvador. Ela mora lá.

É difícil encontrar imagens dessa época.

È difícil porque pouca gente guarda. A gente era pra ter guardado muito mais, porque toda festa que tinha era muito fotografada, muito...e não guardou. Tirava muita foto e tudo, mas a gente não ligava para pegar os retratos no fotografo, nem nada. Essa recepção aqui mesmo foi até no Hotel Aliança que tinha aqui, essa moça é de Itapetinga. Um casamento chic. .... O estilo das roupas de antigamente.
É isso aí, a moda era assim. Não tem mais nada, só fotografia. Marisa não tem fotografia não?

Tinha, as que ela tinha já me deu.

Já?

Tem uma que é a irmã dela, de princesa da primavera.

Devia ser, e foi feito aqui.

Eu tinha outra foto também, não sei. Era de uma miss, aqui tinha desfile de miss. Tinha miss Conquista, tinha desfile de miss. Tudo era feito aqui. Lá na roça é que tinha (falando das fotos). Ela dava para minha mãe, ficou lá. Essa aqui eu tinha, porque eu tinha isso aqui mesmo. Estava lá e eu trouxe porque tinha e aqui... Ela era alta, ela era bem alta. (fala da irmã e se emociona).

Me falaram que ela era muito elegante.

Muito...

Todas as pessoas comentam, que tinha uma elegância, vestia muito bem.

Era. Morreu elegante. Até pra morrer foi elegante. Morreu de câncer. Tem 3... 4 anos, vai fazer agora em abril. 1º de abril.

E ela estava morando em São Paulo?

È. E eu fiquei costurando só, depois fui deixando, deixando. Hoje eu costuro pouco. De vez em quando é que eu costuro. Não gosto de fazer costura, só gosto de costura fina, chic.

Que hoje as pessoas não procuram mais.

Não porque tem pronta, aluguel, hoje tem o aluguel. Tem casas aqui, inúmeras casas aqui que alugam vestido, exclusivo. As noivas hoje não fazem vestido, alugam. E eu acho vantagem, porque são vestidos bonitos que vem de fora e tudo, e sai mais barato, é economia.
Porque é uma coisa que só vai usar uma vez. E outra coisa um vestido desse fica caríssimo. O pai dela era fazendeiro, pagou uma nota por esse. E grinalda, tudo era feito aqui. A gente tinha quem fizesse fora. A noiva saia pronta.

E vocês aprenderam a costurar onde? Em casa mesmo?

Ela tomou um curso em Belo Horizonte e eu aprendi, tomei um curso de 4 meses também, ela tomou de um ano. E o resto a gente foi pegando junto.

De onde vocês tiravam as informações? De onde vinham essas informações de moda?

Revistas, revistas. Hoje tem a televisão, naquela época tinhas revistas. Tinha a revista, como era o nome da revista? Jóia, tinha a revista Jóia, a Manchete que dava muita moda, muita festa. E tinha os figurinos também, figurino francês a gente mandava comprar em São Paulo.
O vestido de Marisa mesmo foi a minha irmã que fez, de casamento. Na época eu estava até em São Paulo fazendo um vestido de uma noiva que casava lá, na mesma época, e mandou me buscar para fazer o vestido dela.

Ela me mostrou a foto, um vestido curtinho.

Tinha vestido curto, comprido, meia perna. Dependia do tipo da noiva né? Uma noiva baixinha às vezes queria um vestido mais curtinho. Que a noiva muito alta de vestido curto fica feio, mas baixinha fica bonito... combinando sapato, grinalda, mãe de noiva, madrinha de noiva, tudo era feito aqui.
Marisa te deu uma informação muito certa, porque Marisa era muito aqui de casa. E Marisa é uma pessoa muito boa, muito educada, muito fina.

Tem outras pessoas que ela falou. D. Lourdes.

Mas Lourdes foi antes da gente um pouco. Lourdes Oliveira. Lourdes Oliveira foi bem antes.
Não tinha muito também não, naquela época tinha pouca costureira, que costurava bem tinha pouca.

As roupas mais comuns, do dia a dia, as próprias pessoas faziam?

Faz, e aquilo é uma coisa mais rápida e muita gente tinha, fazia costura caseira, faziam assim em casa pra vender. Costura comum, mas roupa mesmo, roupa fina, era catado quem fizesse. Não era todo mundo que fazia não.

Esses vestidos dos desfiles eram vocês que faziam?

Fazia não, costurava. Vinha o modelo da fábrica, tecido e tudo. Da Bangu. Já mandava os tecidos, modelo tudo. E a gente escolhia os manequins.

Esses modelos eram desenhados por estilistas.

Era, por estilistas de lá, agora não sei o nome de nenhum. Eu mesma costurei vestido de noiva para um estilista de São Paulo que chamava Di Paula. Costurei muito vestido de noiva desenhado por ele. Ele ainda desenha até hoje. Chama Di Paula. Eu fiz um vestido de noiva para a filha de um médico, Dr. Abdiba, o vestido foi lindo, lindo, lindo! Foi ele que desenhou. O dia do casamento eu fui, porque fui madrinha dela. E ele me deu parabéns, disse que o vestido estava lindo.

Como era a confecção com relação a de hoje? Era mais complicado?

Não, porque se fosse fazer os vestidos que a gente vê hoje comprado pronto, no aluguel, é a mesma coisa. Bem bordados, bem trabalhados, mesma coisa, não mudou não. Porque naquela época não tinha nada disso, não tinha boutique de noiva, não tinha casa de aluguel. Aqui tem vestidos lindos no aluguel.

A senhora lembra quando começou a surgir boutiques em Conquista?

A primeira boutique aqui foi até de uma prima nossa, chamava Sinhô. Era na praça onde Marisa trabalha, pra cima um pouco, uma casa que quem mora hoje é Aydil. Ali que Sinhô morava, ela tinha uma boutique ali.

Dentro da casa?

Da própria casa, não era de porta de rua aberta não. E tinha bom gosto, ela era florista, fazia os arranjos lindos de noiva, de tudo. E pegava os vestidos de noiva, a gente fazia o vestido e ela fazia os arranjos.

Era comum essas boutiques dentro de casa?

Era. Tinha, Marisa sabe disso. Aqui tinha muitas pessoas que traziam roupas de fora e fazia boutique em casa. Aqui ainda tem isso, mas o comércio melhorou muito, cresceu muito, está espalhado. Eu moro aqui, praticamente no centro, e quando nós mudamos pra cá ,há 49 anos atrás, isso tudo era mato e hoje ta aí, outra cidade do outro lado, tem boutique do outro lado, tem um comércio não digo igual o de lá de baixo, mas bem bom. Atravessou a avenida aí, do outro lado, tem muita loja boa, um comércio bom. È porque muitas vezes as pessoas lá em baixo não vem aí, mas tem.

A Sra. falou que aqui era tudo mato. Como era Conquista nessa época? O que a Sra. Lembra?

Toda vida foi uma cidade muito boa, uma cidade tranqüila, não está tranqüila é hoje. Hoje que você não pode nem respirar que moleque te pega, toma bolsa, toma tudo. Mas naquela época tinha cinema, voltava de noite sozinha, não tinha perigo. Hoje quem sai à noite? Ou acompanhada ou de carro.

Quais os lugares que vocês freqüentavam? Quais os lugares de lazer?

Naquela época só tinha o Clube Social e cinema. Não tinha mais nada.

O Clube era fechado só para sócios?

Não. Tinha os sócios, mas entravam os convidados também. Tinha os convites, não era só sócio não. O clube Social era um clube muito bem freqüentado, muito bem organizado, fez belas festas. Mas hoje tem outros clubes.

As pessoas tinham a preocupação de estar na moda?

Tinham, de vestir bem. De arrumar de tarde e ir para a rua toda elegante. Hoje não, você vai de tudo quanto é jeito. Hoje você vai de tênis, vai de sandália, vai de qualquer jeito fazer uma compra na rua, no shopping, mas naquela época não, se emperiquitava toda, de bolsa arrumada, de sapato de salto e toda elegante. Hoje não tem mais isso não. Eu acho bom como está agora. Eu acho bom como está agora, porque você sai de qualquer jeito não tem aquela besteira de arrumar demais.

Minha mãe sempre fala que quando não tinha uma roupa nova pra ir numa festa não ia.

Não ia, não ia não. Não repetia roupa. Eu gosto é de hoje que você veste uma roupa, amanhã torna vestir e ta arrumada e bonita do mesmo jeito.

Como as pessoas cuidavam da aparência?

Em casa, tinha salão de beleza. Aqui tinha um cabeleireiro muito bom que chamava geraldinho, ele era até homossexual, mas ele era de muito respeito e penteava muito bem, arrumava todo mundo muito bem arrumado.

D. Kita que falou que ele arrumou o cabelo dela no concurso de Rainha da Primavera.

Kita falou. Ah, Kita é que te dá uma reportagem boa. Kita fazia parte de tudo quando é festa. Bonitona, elegante, arrumada. Kita lhe dá uma informação até melhor do que eu, porque eu, apesar de ser costureira também, eu ia em poucas festas. Eu não era muito festeira não, minha irmã era, mas eu não. Nunca fui muito festeira. Aqui tinha muita festa de exposição. Era 8 dias de festa, cada dia um baile diferente. Aí o povo ia mais esportivo, né? Tinha festa de clube da exposição, hoje é que não tem mais.

Ah, sim. Tinha a exposição e as festas aconteciam no Clube.

No clube. O povo ia para a exposição e de noite a festa era no clube. Pergunta a Kita para você ver. Kita sabe dá uma informação.

Como era o vestuário do dia-a-dia?

As mulheres usavam mais vestido naquela época e hoje usa mais calça na rua, esportivo. Usa mais calça, bermuda, short. Agora, naquela época, as mulheres usavam mais vestido. Eu acho que a mulher de vestido ela fica mais mulher. Eu acho que a mulher de vestido fica mais mulher. Agora você não vê a mais mulher, só vê a mais homem. Você sai na rua e só vê mulher de calça. Muito prático você coloca qualquer camisetinha, blusinha, com uma calça bonita ta bem arrumada. E o vestido não, o vestido requer mais acabamento, mais conjunto, né? E a calça não, você coloca com uma camisetinha regata qualquer e ta arrumado. E o vestido não, com o vestido você tem que sair arrumadinho..... Agora eu gosto muito de vestido.

DADOS DO ENTREVISTADO

NOME: Maria da Silva Macedo
ENDEREÇO:
PROFISSÃO: Costureira
DATA DA ENTREVISTA: 19/01/2008

D. Maria, qual a lembrança que a senhora tem de Conquista nos anos 50?

Em 1953 tinha um corte, na avenida Lauro de Freitas. Ali eram umas casinhas antigas, tinha a escolinha de D. Lorena Prates, escola de corte e.... era uma cidade tudo muito, tudo muito pacato, tinha um hotelzinho ali na Francisco Santos, a gente ficava hospedado ali, mas não chamava rua Francisco Santos não, chamava rua da boiada, eu não sei como era o nome daquela rua não. Tudo coisa assim ...a gente tinha liberdade, saia no domingo. Quando eu trabalhei numa fábrica aqui. Sinto saudade de .. .quando chovia fazia um lanche, ia três, quatro moças pra fábrica... tudo lá, passava a tarde toda, tudo aquilo era tão calmo, não existia a marginalidade que existe hoje. Não tinha... a gente podia ir tranqüila, passeava, respirava ar puro, pegava flores no mato, aqueles galhos de flores antigas. Era uma beleza!

E particularmente com relação a vida das mulheres, como era o cotidiano? Que lugares freqüentava, como era o lazer?

Lazer quase que não tinha, o lazer daqui antigamente quando tinha festa de, de N. S. das Vitórias, todo ano preparava, fazia um vestido bonito para ver o desfile de N.S. das Vitórias ficava num cantinho que a procissão passava.... Era tudo muito simples, nada de lazer não pra mim, por exemplo. Porque sempre teve o Lions Clube que aquelas madames, a societe visitava o Lions Clube, era a única coisa que eu me lembro assim.

Era fechado?

Era, o Lions só para os associados.

E o Clube Social?

O Clube Social também, já tinha esse Clube Social, era antigo, mas eu não freqüentava porque eu era, não que era de classe média baixa, mas o meu irmão era crente e não deixava freqüentar essas coisas de jeito nenhum. Chegou logo no primeiro dia e disse: não quero... Então se fosse ia brigar com ele e eu preferi ficar em paz..(risos)... e não saía.

E da moda da época, de como as pessoas se vestiam, tanto no dia a dia como em ocasiões especiais?

Olha, ocasiões especiais usava aqueles vestidos longos com aquelas anáguas, cinco anáguas de cancã. As moças vestiam aqueles vestidos bonitos, até senhoras jovens vestiam também aqueles vestidos longos, vestia cinco anáguas, uma anágua bem engomada, cheia de bico e a gente...

E com relação a moda?

A moda. Saia justa, blazerzinho, usava aquelas saias bem justinhas, agora embaixo soltava aquelas pregas, chamava rabo de peixe. Não tinha muita roupa, mas com o corpinho magrinho que eu tinha usava muito aquela roupa.

Essa era uma roupa que as pessoas usavam no dia a dia?

No dia a dia, mas usava também para festa. Faziam roupa bem chic. Ah, a moda aqui! Quando era uma festa no Clube Social, nesses lugares, era bem chic.

E esses vestidos de festa igual esses (mostra foto)

Cadê o vestido, a foto da formatura da minha sobrinha, um vestido longo. Tem da minha sobrinha aqui também, olha como eram os vestidos antigamente. (mostra foto)
Esse 1964. Não, esse já foi mais tarde. (fica procurando as fotos)
Aqui. Ta vendo? Essas anáguas eram aquelas anáguas que eu estava te falando, anáguas rodadas. E de que época essa mais ou menos?

Essa 56.

Nessa época usava essas anáguas de... Tanto que a pessoa ficava com a cinturinha desse tamanhozinho, porque a pessoa colocava 5 anáguas, por cima o vestido aí aparecia. Essa roupa rodada aqui.

E usava cinta também?

Usava cinta, mas eu nunca usei cinta, nunca precisou. Agora não, uso pra ficar mais em forma. Mas eu não usava nada, tinha a cintura fina. Não tinha nada, não usava nada. Já tinha 18 anos quando fui usar o primeiro sutiã.

Essas fotografias são imagens dos desfiles da Bangu que tinha aqui.

Tinha a loja pernambucanas e veio o desfile da Bangu para aqui.

O que a Sra. Lembra desses desfiles?

Esses desfiles eu não freqüentava, era no Clube Social. Sei que vinha um pessoal que...

Como ficava a cidade, a movimentação?

Não, a movimentação era a mínima possível. Era regime fechado. Era no Clube Social. Tudo fechado, quase que a gente não participava não. Só participava mesmo aquelas pessoas que se preparavam todas para ir para festa, mas fora disso não.

A senhora lembra de alguma costureira que fazia esses vestidos?

Uma costureira antiga daqui, que costurava nessas épocas era D. Nair que hoje mora em Salvador. Ainda costura em Salvador, costura para o exterior hoje. E tem também D. Zefinha, que ta velhinha, uma sra.... Que era costureira também, essa já está de idade. D. Zefinha, D. Nair, que eu me lembre assim famosas nessa época eram elas. Zu Torres, essa mudou para São Paulo.

Essa D. Marisa falou dela...

Zu Torres foi uma costureira muito famosa aqui em Conquista, mas ela foi embora pra SP. Lá ela costurou muito. Casou, porque era uma solteirona de 45 anos. Ela já faleceu. Ela sofreu de um câncer de pele e foi fazendo tratamento..... Era uma pessoa simpaticíssima, agora tem a irmã dela que era costureira também, mora lá em cima, Zinha Torres.

E essa que mora em Salvador ela era de que família?

D. Nair? Ela é muito amiga de Eurides. Pois você vai atrás dela. Inclusive ela mandou dizer a Eurides, quando Eurides estava costurando, que não relaxasse no preço da costura não, que a melhor costureira

de vestido que ela conhece em Conquista era Eurides. E que não relaxasse o preço, que ela se valorizasse. Eurides deve ter o endereço dela. Ela já é de idade, mas tem as funcionarias que ela levou daqui e trabalha, tanto que ela não tem interesse em fazer, só costura para alta costura.

Naquela época a sra. Já costurava?

Eu? Eu comece a costurar aqui em 58, mas porque tinha uma fábrica, fomos trabalhar na fábrica, mas era do meu....

Esses trajes, por exemplo essas roupas, exigiam que as pessoas fossem magras, que tivessem cintura fina e como que vocês costureiras conseguiam adaptar a moda ao corpo das clientes?

Tinham muitas moças elegantes, uma Danuza Leão, Laila Bulus. Aquele vestido longo, cheio de sainhas assim (aponta para a barra da saia). E também ela usava o justo também, porque tinha um corpo muito bonito para isso. Que eu me lembro bem, era Laila bulos, Danusa Leão. Tinha uma Sol, uma Lua. Essas moças todas vestiam roupa da moda, faziam questão de desfile no Jardim das Borboletas, que era a única coisa que tinha aqui no sábado e domingo a noite, desfilar no jardim. Vestia aquele vestido bonito para passear. Sentar no jardim e namorar, a turma toda ia.

Como ficava quando muita vezes a cliente chegava com um modelo que era impossível fazer do jeito que ela queria, era inadequado para o seu corpo?

Ajeitava-se e fazia. Tinham costureiras que costuravam direitinho, bem mesmo.

E com relação ao acesso aos materiais?

Sempre teve os armarinhos que a gente comprava tudo que queria. A gente comprava tudo. Como tem o menino aí na praça. Tem um armarinho aí no centro da cidade, como é meu Deus!!? Armarinho de D. Nice, esse tinha tudo que você pensasse. Ela comprava lantejoula, tudo que usasse ela trazia para o armarinho.

E de tecido também?
Tecido, bico, renda, essas coisas tudo. Rafine, antigamente se fazia um tecido enfeitado de rafine (rafim?), camisolas, tinha tudo na loja.

Quais eram as principais lojas?

O armarinho Aracy, Como chamava o armarinho de Sr. Dílson meu Deus!? A gente vai ficando velha e vai esquecendo... Tinha o armarinho de Dílson que era completo também, o armarinho de D. Nice que eu esqueço o nome também, como chamava o armarinho. Eram três armarinhos que tinham no centro da cidade que tinha tudo que você pensasse para lugar pequeno e até para lugar que não era pequeno, tinha muita coisa boa. Eu me lembro mais do Aracy, a não ser o Aracy, tinha o armarinho de D. Dirce, tinha o de Zé Nildo e tinha o de D. Nice, também tudo ali na praça. Mas só me lembro agora do Aracy, era Magazine Aracy.

E a casa Luna?

A casa Luna era de tecido, a Celino era tecido. Tem outra loja também da esquina que hoje funciona, foi dos Gonçalves, Lojas Gonçalves. Não tem muito tempo que ela acabou não. De tecido também. Tinha outra loja também na esquina, de Sr. Ivalton, tinha as Pernambucanas, depois eu posso lembrar pra te falar.

Existiam lojas de roupa pronta?

A loja que vendia roupa pronta era o armarinho. Não tinha uma casa de roupa pra você chegar e dizer, o armarinho de D. Nice mesmo ela vendia roupa. Comprei uma roupa lindíssima na mão dela. Em frente à Casa Celino tinha uma loja que vendia umas roupas. Não era roupa chic, roupa simples, comum que vendia.

Para o dia-a-dia?

Do dia a dia, de trabalho, até que se podia usar...
Casa para dizer assim: tem roupa de festa não tinha não. Tinha que fazer.

O comércio era centrado no tecido?

No tecido, na confecção. Você comprava, levava pra Zu, outras costureiras famosas, aí levava na loja, você compra isso, aquilo e fazia. Quando tinha coisa que não comprava aqui, mandava vim de fora.

E geralmente vinha de onde?

Salvador, São Paulo. Que sempre eles tiveram vinculo aqui com São Paulo, as costureiras sempre tinham onde comprar as coisas. Pedia assim e vinha.

E as informações de moda? Como chegavam na cidade? Como vocês ficavam sabendo das novidades?

Através de revistas. O bazar Cairo, que é o mais antigo de Conquista, trazia tudo sobre revista da moda.

Quais eram essas revistas?
Tinha a Burda e outras revistas mais, porque tinha muita revista mesmo. É porque eu me esqueço agora. Eu sei que Burda é uma revista antiga, não é? Que sempre era atualizada.
Olha, eu tinha uma coleção de Cruzeiro, porque eu colecionava Cruzeiro, Manchete depois eu fui... um dia tava aí e chegou uma pessoa, porque você não doa isso par a Biblioteca. Aí cheguei e doei. Foram 4 caixas, desse tamanho, cheias de revistas. De Marta Rocha, aquelas misses de antigamente, eu chegava e comprava, guardava, colecionava. Mandei tudo pra a biblioteca.

E o cinema?

O cinema era o disfarce da gente. Tinha um programa de calouros aqui, nos domingos, era J. Menezes, Hélio Gusmão que comandava, a gente ia, era uma farra, era um hobby da gente no domingo de manhã até uma hora da tarde, era indispensável o programa de calouros. Pessoas cantavam, as meninas iam cantar lá, às vezes vinha artista de fora, distribuía prêmios, dias das mães... todo domingo tinha esse programa. Era no Cine Conquista

Era promovido pelo cinema?

Pela rádio Clube de Conquista, de Aurelino.

Era nesse show de calouros que tinha o concurso de rainha do rádio?

Era esse mesmo. Era no Cine Conquista. Um cine grande que tinha aqui. Depois que acabou, demorrou a construiu outras coisas lá. Ele veio para o cine que é de Aurelino, que é a Rádio Clube hoje. Era bom, gostoso, a gente ganhava premio, era uma farra no domingo.

As pessoas se preparavam? Tinha uma preocupação com o visual?

Se preparavam, arrumavam tudo pra ir para o programa de calouros. Era muito gostoso. Muito bom. Não tinha outra coisa. Eleni Nogueira era cantora nessa época, aprendiz, tudo aprendiz. Ela cantava, fazia o maior sucesso lá. Ah, era uma beleza! Domingo a gente fazia de tudo pra ir ao programa de calouro.

(olhando fotos)
Olha as roupas de festa, do luxo de antigamente como é que era.

Esses trajes de banho chegavam aqui?

Mas essa é no Rio. Aqui não tem praia. Falar em praia aqui era muito difícil.

E com relação ao custo da roupa. Era muito caro? Minha mãe sempre falava que se não tivesse condições de fazer uma roupa nova não saia.

Não ia. Só ia se tivesse a altura. Porque ia chegar e ser humilhada, e tudo. - Oh, fulana você viu a roupa? E também se já tivesse usado a roupa: - ih, aquele roupa em tal festa, assim e assim. Tudo isso, era essa cobrança. Hoje não, você pega uma roupa modifica ela, faz outra coisa, mas nessa época não tinha isso.

Agora as meninas de Conquista vestiam bem, iam para o clube lindas e maravilhosas. E tinha muita moça bonita aqui nessa época..... Márcia Galvão foi uma das mulheres que mais luxaram aqui em Conquista. Ela era filha de Itambé, mas era casada com um rapaz daqui, rapaz novo até viúvo. As roupas de viagem deles eram um desfile de moda, cada dia eles vestiam uma roupa diferente para desfilar. Era muito bonita ela. D. Irmã Mendes também, era uma pessoa da sociedade de Conquista, vestia muito bem ela. Ela hoje ta velha, dentro de casa ainda, velha não, ela é da minha idade, eu fico.... Tinha muita gente que andava na moda aqui.

DADOS DO ENTREVISTADO

NOME: Marilene Bacelar
ENDEREÇO: R. João Miguel Lourenço, 441, Alto Maron
PROFISSÃO: Costureira
DATA DA ENTREVISTA: 15/02/2008

Quais as lembranças que tem de Conquista nessa época?

Saudade. Eu pelo menos sou uma saudosista de primeira, porque quando era mais nova, antes de casar eu dizia, mais gente vocês não tem nada. Porque antigamente a gente ia para as festas no clube, as festas no clube eram constantes, cada festa, uma mais bonita que a outra. E a gente ia pra dançar, não tinha esse negócio....eu não sei... a modernagem de hoje esta muito avançada. Não censuro quem faz, mas acho que você perde o estimulo. Na minha época não, tinha festa, o jardim que antigamente chamava jardim das borboletas, era lindo, lindo, indo. Até a curvinha do amor, porque ali ...

Onde era essa curvinha do amor?

Porque quando a gente ia descendo, em frente ao shopping Itambiá. Ali naquela curva ali era bem alta e a gente sentava um bocado de mocinhas e ali do outro lado do posto também tinha.... Tinha ringue de patinação. Eu fui campeã de patinação, tinha um viveiro enorme de pássaros, tinha um bocado de coisa e muitas rosas. Foi a época mais bonita do jardim foi essa.
Aí a gente ficava sentada e os rapazes iam passando, porque depois que acabou a curvinha do amor e colocaram aqueles bancos as moças ficavam em pé passando e os rapazes sentados nos bancos. Era um ambiente bonito e gostoso, todo mundo confiava nas pessoas.

Esse período em Conquista é um momento em que começa chegar pessoas na cidade de fora?
È muita gente. Fora as festas do Clube Social eram muitas festas.....Das rosas, depois Elené flores organizou mais algumas festas, as danças que percorrem o mundo. Ela pegava um casal e o casal dançava. Eu dancei o tango. As festas eram lindas.

È, todo mundo comenta que era um ambiente familiar, todo mundo dançava com todo mundo.

Eu não conheço ninguém mais em Conquista. Fiquei muito tempo fora, morei em Belo Horizonte, depois em São Paulo e em Salvador. Agora que estou aqui, há uns 8 anos e não quero sair mais. Já foi uma cidade muito boa, muito movimentada. Interessante, hoje eu acho muito movimentada, mas não é boa. As moças de hoje colocam logo a bunda de fora. No meu tempo não era mais preservado. Apesar de que eu usei muita mini-saia, aliás todas essas modas. Vestia muita saia curta, vestido. Eu tinha a perna grossa e um amigo colocou meu apelido de pernão.

E com relação a moda o que você lembra?

Eu tinha cada vestido lindíssimos. Eu vou pegar só um que eu guardei pra você ver... Foi o último que eu fiz pra festa. Todas essas modas de hoje eu já usei.

Mas a moda é assim, vai e volta.
E relação com ao comércio. As pessoas falam que o comércio daqui era muito bom.

Era muito bom, principalmente loja de tecido, porque naquela época todo mundo ou costurava ou pagava pra fazer. Raramente você comprava roupa pronta. E eu não sei desenhar, mas eu tinha muita imaginação, então eu que criava os meus modelos, eu fazia os meus modelos e aí todo mundo.... um vestido que eu fiz, não tinha nada, nada no vestido e eu fiz 12 vestidos iguais e deixei aqui em Conquista para as amigas. E quando eu cheguei em Belo horizonte o pessoal todo da vizinhança todo queria que eu fizesse. Mas não tinha nada, era só porque estava usando muita sinhaninha, daí eu

peguei da mais larga até a mais fina, e ele era bem rodado, vermelho de bolinha e eu coloquei umas 3 voltas de sinhaninha larga, depois uma 3 da fina, até chegar a mais estreita. O vestido ficou lindo. Depois eu passei os pespontos em vermelho.

E onde foi que você achou esses modelos?

Eu. na minha cabeça. Eu não comprava revista nem tinha revista. Eu criava tudo. Esse mesmo eu cheguei a fazer um para o Rio de Janeiro, desse que esta sumido aqui em casa.....

E aprendeu a costurar com quem?

Sozinha. Minha mãe sempre costurou pra gente. Aí quando foi um dia, tinha sido meu aniversário há pouco tempo, e poucos dias depois eu ganhei três cortes de tecido. Aí eu falei: - mãe faz o meu vestido para eu vestir sábado na festa. Outra coisa: todo domingo tinha que vestir novo. Se tivesse festa no Clube era sábado, se não tivesse era domingo. Aí quando foi no sábado a mãe da minha mãe adoeceu. Minha tia adoeceu e minha mãe foi fazer um vestido para ela e eu fiquei e casa. Aí eu peguei o tecido coloquei o vestido por cima e cortei. Cortei ao meu modo. Eu sei que o vestido ficou ótimo. Quando mãe chegou o vestido estava pronto.
Aí quando ela chegou eu disse: - oh, você não costurou mas eu costurei. Ela: - você vai dizer que foi você. Eu falei: - foi eu. Ela disse: - não minta que eu não gosto de mentira.
- Eu to falando a verdade.
- Que nada você pediu foi pra a comadre Santinha. Comadre você cortou um vestido aqui pra Marilene hoje?
Ela respondeu: - Não eu ainda não fui aí não porque não tive tempo.
Aí a minha mãe falou: - eu vou comprar um tecido e você vai cortar na minha vista.
Aí eu comecei a costurar, minha mãe não quis mais costurar e eu que fiquei...
Eu deixei de costurar tem o que? De costurar mesmo pra fora assim, tem uns ...
Eu tenho roupa costurada até na China. Quando Sandra foi pra lá ela levou para a cunhada dela. Tem uns 5 ou 6 anos que deixei de costurar por causa da coluna.
A moda era ótima, só não gostei muito foi das calças com cintura alta. Eu cheguei a ter uma só. Não fez a minha cabeça não. Saia e calça de cintura alta eu não gostei não.

As calças demoraram um pouco pra serem aceitas?
È. Mas o pessoal de Conquista se vestia muito bem. Pra você ter uma idéia.... é o que eu falo em algumas coisas Conquista atrasou. Naquela época tinha acho que dois jornais semanais, um era do meu tio. Tinha coluna social. Aí o povo falava você só anda na coluna social. E eu dizia: - eu não gosto porque eu falava não sou filha de homem rico, não sou nada. Aí um dia. Aí o colunista, que era casado com uma amiga minha e gosta de brincar comigo, eu falei: - não coloca mais meu nome, eu não gosto. E ele disse: - eu não sei qual o critério que o outro jornal usa, o meu critério é quem veste bem, quem sabe entrar e sair num lugar, e isso você sabe. Ninguém veste melhor do que você aqui em Conquista.
Eu falei: - suas irmãs tem dinheiro não veste porque não quer. E ele: não veste porque não tem bom gosto. Vou lhe dizer uma coisa: - bom gosto não se compra na loja, bom gosto nasce com a gente. A irmã dele ficou de mal comigo mais de um ano, porque no ano seguinte ela estava crente que ia sair na coluna social e não saiu, eu sai de novo. Não posso esquecer isso, estava sentada na curvinha e ela foi lá me xingar.

A gente percebe pelas imagens como as pessoas tinham essa preocupação de estarem bem vestidas para freqüentarem os lugares. E não só as pessoas das famílias tradicionais da cidade como também de pessoas comuns.

Acabou os jornais de Conquista, não tem mais um lugar pra você freqüentar, Conquista não tem uma lanchonete boa. Antigamente tinha o Candelabro. Era ali onde é o Culinária e Magia. Aquele pedaço todo ali era uma lanchonete linda. De segunda a sábado lotado, qualquer hora que você chegasse. O horário mais vazio era de manhã, mas a tarde todo mundo tomava banho e ia pra rua, ia fazer compras,

ia passear. Era muito bonita a lanchonete. Ali na 9 de novembro também teve a lanchonete. Tinha Eurípedes Cairo do Aracy e João Cairo do bazar Cairo.

Mas pra mim o melhor que já teve foi o Candelabro. Muito bonito, música ao vivo. Funcionava o dia e a noite, no sábado ficava aberto até quando tinha gente. O Candelabro já foi quase no meu fim de estadia aqui, nessa fase de jovem. Foi mais ou menos 60, 65 por aí.

Quais as principais lojas.

Loja de tecido do pai de Laila. Tinha a Celino, a Luna. Eu tenho as fotos de quando fui candidata a rainha das rosas. A foto que ficou exposta na Celino, na Luna e outra onde hoje é a Nacional, não lembro o nome.

Você falou que as fotos ficavam expostas nas lojas?

É, nas vitrines. Os votos eram vendidos. O dinheiro era arrecadado em beneficio de alguma instituição. Então as pessoas iam votar em quem mais arrecadasse. Então muitas pessoas não eram conhecidas, então tirou as fotos e colocou nas lojas , na Luna, na Aracy.

Pra votar como era?

A pessoa comprava o tíquete.

As fotos ficavam nas lojas patrocinadoras.
O cabelo curto me deixou intrigada. Toda foto que via tinha alguém de cabelo curto.

Era moda mesmo na época

Quem eram as mulheres que eram referência de beleza.

Bernadete Camurugipe era uma das moças mais bonitas daqui. Maria Augusta.

Voltando ao desfile, como eram escolhidas as candidatas?

Fazia convite. Por exemplo, a Bangu mandava duas ou três pessoas para aqui, aí eles procuravam presidente do Clube, presidente do Lyons, do Rotary e eles indicavam as moças mais elegantes, mas altas. Foi igual o da Rainha das Rosas. Eu não dou pra isso, por incrível que pareça eu sou tímida. Quando eu vi foi chegando aquela comissão em casa. Já nem falava mais comigo não, porque fulana disse não pergunte a ela não porque senão vai dizer que não vai, ela eu conheço. Eles encontraram meu pai na rua, foram logo porque eu era de menor, ainda não tinha completado 18 anos, e meu pai falou por mim se ela quiser ta tudo bem. Aí eles chegaram só para me participar, eu fiquei espantada. Foi um choque danado. E eu falei: - se não quiser? - Não pode porque seu pai já deu a palavra. Mas eu não vendi nenhum voto, nem pra mim nem pra ninguém. Nunca fui ligada nessas coisas não. Agora dança era comigo. Dançar eu adorava, tanto que quando da professora Elenê foi fazer a danças que percorrem pelo mundo a primeira pessoa que ela chamou fui eu. Eu já dancei muito bem. No clube eu era disputadíssima para dançar, meu apelido era pé de valsa. Aí ela veio me falar e eu disse se pai deixar eu vou. Eu falei vai ter despesa com roupa. E ela: - vai depender do que você for dançar. Depois que tiver todos os casais a gente vai decidir quem vai dançar o que. Ai eu sei que caiu o tango. Tive que treinar. Eu sempre gostei de dançar e patinar. Acho que quem mais sentiu quando demoliu aquele ringue fui eu.
Ficava dentro da praça. Tinha alto falante, restaurante, tinha uma parte de .... ele era um circulo enorme, tinha uma lanchonete, uma coisa de música. Eu adora. Tinha que não podia nem entrar pra patinar. Essa que tem agora não chega aos pés não. Tiraram o ringue pra colocar aquele chafariz. Eu mesmo achei horrível.

Lembrei o nome da loja do pai de Laila. Casa Barbosa. Ele trazia cada mantô. Naquela época Conquista era gelado. Era tão fria que as paredes de casa tinha que raspar mais de um metro de limo. Era muito frio.

Essas informações de moda de onde vinham?
Algumas pessoas tinham umas revistas muito boas. Uma americana que era desse tamanho e só tinha modelos. As informações vinham através do rádio e de pessoas que viajavam e traziam informações das roupas, mas vinham mais pelo rádio.

Tinha algum programa de rádio que falasse de moda

Tinha uma mulher que trabalhava no rádio, como era o nome... de vez em quando ela dava dicas de moda.
O pessoal viajava muito. Não ia para Salvador não. Aqui só falava no Rio de Janeiro. Ninguém falava vou passar férias em Salvador não, era Rio de Janeiro. Corria muito dinheiro nessa Conquista. Dinheiro de café. Meu tio, Bruno Bacelar, não falava em Salvador. E eu perguntava: - oh, dindin porque você não vai a Salvador? E ele: - não menina se a gente pode ir a Roma porque que a gente vai para Salvador, se eu posso ir para o Rio de Janeiro porque eu vou para Salvador. Nem se falava em São Paulo, era Rio de Janeiro. O Rio estava no auge.

Eu achei interessante nos jornais foi a quantidade de anúncios de empresas aéreas?

Tinha minha filha, eu viajei mais de avião naquela época do que adulta. A minha primeira viagem de avião eu ia completar 18 anos. Eu não fui para Salvador eu fui para o Rio. Foi a minha primeira viagem. Nem para Salvador eu ia de ônibus, só ia de avião. Era mais caro era, mas saia mais barato porque naquela época para você ir para Salvador gastava até 3 dias porque era lama de cobrir até o joelho. Quando chovia não tinha quem passasse.

Eu costurei vestido de noiva para a minha prima. Quando Sônia casou eu estava com 22 anos e o vestido de casamento dela fui eu que fez.

Era uma prática as mulheres saberem costurar.

Em casa só eu dei para a costura. Fazia porque gostava. Eu me envolvia com aquilo. Às vezes eu pegava o pano, colocava em cima da mesa sem saber o que ia fazer e aí vinha na minha cabeça, eu ia cortando, ia fazendo e saía coisas bonitas, porque eu não conseguia costurar, aliás, não consigo. Já ia cortando direto. E todo mundo ficava como é que você corta direto? Quando é uma coisa assim eu tiro o molde, mas na maioria da vezes eu corto direto. E se perder o pano? Se perder joga o pano fora.
Minha avó foi uma das maiores costureiras que Conquista teve. Ela costurou até para o teatro municipal do Rio de Janeiro. Eu lembro de uma capa que ela fez e sobrou um pedaço de pano e ela fez uma bolsa para mim e minha irmã. E o guarda-roupa que ela fazia. Maria de Lourdes.